



**PPGEDUC**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

**HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DO IF GOIANO – CAMPUS URUTAÍ (1979-2020)**

THATIANY SANTOS DE SANTANA



**UFG**

UNIVERSIDADE  
FEDERAL DE GOIÁS

THATIANY SANTOS DE SANTANA

**HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES NO CURSO TÉCNICO EM  
AGROPECUÁRIA DO IF GOIANO – CAMPUS URUTAÍ (1979-2020)**

CATALÃO/GO  
2021

**UFG**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE  
TESSES****E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico** Dissertação     Tese**2. Nome completo do autor**

THATIANY SANTOS DE SANTANA

**3. Título do trabalho**HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DO IF GOIANO CAMPUS  
URUTAÍ (1979-2020)**4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO\*

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Wolney Honório Filho, Professor do Magistério Superior**, em 14/12/2021, às 19:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

Documento assinado eletronicamente por **THATIANY SANTOS DE SANTANA, Usuário Externo**, em 16/12/2021, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do



[Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 2573469 e o código CRC 498C98E4.

THATIANY SANTOS DE SANTANA

**HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES NO CURSO TÉCNICO EM  
AGROPECUÁRIA DO IF GOIANO – CAMPUS URUTAÍ (1979-2020)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Catalão – UFCAT.

**Orientador:** Dr. Wolney Honório Filho.

**Linha de Pesquisa:** Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (auto) biográfica.

CATALÃO/GO  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

SANTANA, THATIANY SANTOS DE  
HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES NO CURSO TÉCNICO EM  
AGROPECUÁRIA DO IF GOIANO – CAMPUS URUTAÍ (1979-2020)  
[manuscrito] / THATIANY SANTOS DE SANTANA. - 2021.  
CXLI, 141 f.

Orientador: Prof. Dr. WOLNEY HONÓRIO FILHO .  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade  
Acadêmica Especial de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Catalão, 2021.

Bibliografia. Anexos. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas, gráfico, tabelas, lista de tabelas.

1. Curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí.  
. 2. Pesquisa (Auto)Biográfica. . 3. Histórias de Vida. . 4. Mulheres  
Egressas.. I. HONÓRIO FILHO , WOLNEY, orient. II. Título.

CDU 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE EDUCAÇÃO  
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**ATA DE Nº.187 SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO.**

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE Mestrado em Educação de THATIANY SANTOS DE SANTANA.

Aos nove dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e um, às 09:00 horas, à distância por meio de webconferência, reuniram-se os componentes da banca examinadora, o Prof. Dr. Wolney Honório Filho - PPGEDUC/FAE-UFG/UFCAT (Em transição) - Orientador; Profa. Dra. Aparecida Maria Almeida Barros - PPGEDUC/FAE-UFG/UFCAT (Em transição) - Membro Interno; Prof. Dr. Sebastião Silva Soares - UFT - Membro Externo, para, em sessão pública de exame de Defesa de mestrado, de Thatiany Santos de Santana, discente do Programa de Mestrado em Educação – PPGEDUC da FAE-UFG-RC/UFCAT (Em transição), área de Concentração Educação, com trabalho intitulado “HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DO IF GOIANO CAMPUS URUTAÍ (1979-2020)”. A sessão foi aberta pelo presidente da banca, que fez a apresentação formal dos membros da banca. Em seguida, a palavra foi concedida a discente que, procedeu a apresentação da Defesa. Terminada a apresentação, cada membro da banca arguiu a examinanda. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. Terminada a fase de arguição, foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: DEFESA APROVADA, fazendo jus, portanto, ao título de Mestra em Educação, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação - Regional Catalão/UFCAT Em transição. A Banca Examinadora de Defesa Pública de Dissertação foi realizada em conformidade com a Portaria da CAPES n. 36, de 19 de março de 2020, de acordo com seu segundo artigo: Art. 2. A suspensão de que trata esta Portaria não afasta a possibilidade de defesas de tese utilizando tecnologias de comunicação à distância, quando admissíveis pelo programa de pós-graduação stricto sensu, nos termos da regulamentação do Ministério da Educação. O PPG encontra-se vinculado à UFG, pois não houve ainda migração pela CAPES à UFCAT (criada pela Lei 13.634 de 20 de março de 2018, por desmembramento da Universidade Federal de Goiás - UFG). Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Programa de Pós-Graduação em Educação da FAE-UFG-RC/UFCAT Em transição, nove dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e um.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Wolney Honório Filho, Professor do Magistério Superior**, em 09/12/2021, às 11:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SEBASTIAO SILVA SOARES, Usuário Externo**, em 09/12/2021, às 11:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Aparecida Maria Almeida Barros, Professor do Magistério Superior**, em 09/12/2021, às 18:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 2556327 e o código CRC 174A91C7.

Referência: Processo nº 23070.066272/2021-87

SEI nº 2556327

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade vivida, por em meio a tanto caos me ter permanecido forte e confiante para ir adiante na realização deste sonho. Deixo aqui registrado os meus sinceros agradecimentos ao meu orientador Dr. Wolney Honório Filho, desde o início acreditou nesta pesquisa e me deu todo suporte necessário para este sonho se concretizar.

Agradeço a professora Dra. Aparecida Maria Almeida Barros e o professor Dr. Sebastião Silva Soares, pelas contribuições na pesquisa, disponibilidade e prontidão em participar da banca.

Gratidão às mulheres que participaram desta pesquisa, contribuindo com as narrativas de suas histórias de vida. Sem elas esta pesquisa não seria possível. Gostaria de agradecer também às meninas colegas de orientação, Olinda e Géssica. Durante este processo, mesmo sem nos vermos pessoalmente, construímos uma amizade muito bonita, sempre apoiando umas às outras.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação Scrito Sensu em Educação, aos professores e colegas da linha de pesquisa Políticas Educacionais, História da Educação e Pesquisa (auto)Biográfica, pelas partilhas de conhecimento e enriquecimento deste percurso. Agradeço a todos que de maneira especial me apoiaram na realização deste sonho, minha família e amigos. E por fim, agradeço àqueles que muitas vezes desacreditaram do meu potencial, conseqüente me fizeram mais forte. Enfim, deixo aqui com o coração cheio de gratidão, o meu muito obrigada!

*“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar; Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar; Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar”*

*(Eclesiastes 3:1-5)*

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| <b>Gráfico 1:</b> Alunos matriculados no curso Técnico em Agropecuária - 2020.....                                    | 20 |
| <b>Gráfico 2:</b> Quantidade de alunos inscritos no processo seletivo 2019-2020 do IF Goiano -<br>Campus Urutaí. .... | 25 |
| <b>Gráfico 3:</b> Número de mulheres matriculadas no curso Técnico em Agropecuária -1979 a<br>1989.....               | 28 |

## LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| <b>Quadro 1:</b> Ano de ingresso de ex alunas no curso..... | 30 |
| <b>Quadro 2:</b> Entrevistadas.....                         | 79 |

## LISTA DE TABELAS

|   |    |
|---|----|
| <b>Tabela 1:</b> Alunos no curso Técnico em Agropecuária-2020.....  | 20 |
| <b>Tabela 2:</b> Programas de Pós-graduação da UFG que tiveram pesquisas publicadas entre os<br>anos de 2000 a 2020 relacionadas a mulher.....                                  | 32 |
| <b>Tabela 3:</b> Quantitativo de teses e dissertações publicadas relacionadas a mulheres, bem como<br>as universidades que pesquisaram sobre o tema. ....                       | 32 |
| <b>Tabela 4:</b> Programas de Pós-graduação da UFG que tiveram pesquisas publicadas entre os<br>anos de 2000 a 2020 relacionadas a “história das mulheres” .....                | 33 |
| <b>Tabela 5:</b> Quantitativo de teses e dissertações publicadas relacionadas a História das Mulheres,<br>bem como as universidades que pesquisaram sobre o tema. ....          | 34 |
| <b>Tabela 6:</b> Programas de Pós-graduação da UFG que tiveram pesquisas publicadas entre os<br>anos de 2000 a 2020 relacionadas a “Mulheres; História das Mulheres”.....       | 34 |
| <b>Tabela 7:</b> Quantitativo de teses e dissertações publicadas relacionadas a Mulheres; História<br>das Mulheres, bem como as universidades que pesquisaram sobre o tema..... | 35 |

## **LISTA DE ABREVEATURAS E SIGLAS**

- BDTD** – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
- CEFET** - Centro Federal de Educação Tecnológica
- IF Goiano** – Instituto Federal Goiano
- IFFar** - Instituto Federal Farroupilha
- PIBID** - Programa de Iniciação à Docência
- PPAE** – Políticas Públicas de Assistência Estudantil
- UEPG** - Universidade Estadual de Ponta Grossa
- UERJ** - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
- UFCAT** – Universidade Federal de Catalão
- UFES** - Universidade Federal do Espírito Santo
- UFFS** - Universidade Federal da Fronteira Sul
- UFG** – Universidade Federal de Goiás
- UFMS** - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
- UFMT**- Universidade Federal de Mato Grosso
- UFPA** - Universidade Federal do Pará
- UFPB** - Universidade Federal da Paraíba
- UFPEL** - Universidade Federal de Pelotas
- UFRN** - Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- UNICAMP**- Universidade Estadual de Campinas
- UNINOVE** - Universidade Nove de Julho
- UNIOESTE** - Universidade Estadual do Oeste do Paraná
- UNISINOS** - Universidade do Vale do Rio dos Sinos
- USP** - Universidade de São Paulo

## RESUMO

Apesar da conquista das mulheres na sociedade moderna, no final do século XX, a presença/ausência delas em lugares ditos como masculinos ainda é algo que chama a atenção, como por exemplo, as mulheres na engenharia, na agronomia, aviação, dentre outras áreas que são vistas como áreas voltadas tão somente a um público masculino. Ainda hoje vemos essa distinção, na Educação não é diferente. Esta pesquisa se situa no universo teórico da história da educação e pesquisa (autobiográfica). Neste universo, ainda não se tem estudos voltados para as questões das mulheres inseridas em lugares ditos masculinos, pautando-se em histórias de vida. Pensando nisso, a partir das minhas vivências junto ao Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, propomos nesta pesquisa responder à seguinte pergunta norteadora: como a formação no curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí se relaciona com a história de vida de mulheres egressas? Temos como objeto alvo desta pesquisa, a história de vida de mulheres que frequentaram o curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano - Campus Urutaí. O objetivo geral é: Analisar a relação entre o curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí e a história de vida de mulheres egressas. Para alcançarmos este objetivo discorreremos, primeiro, sobre história de vida e biografização; Em seguida, buscamos conhecer as mulheres as quais foram alunas do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano -Campus Urutaí, por fim, analisamos as histórias de vida de mulheres egressas do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano - Campus Urutaí. Para fundamentação teórica utilizamos autores como Cristhine Delory-Momberger (2008;2011;2012), Maria da Conceição Passeggi (2012), Antonio Bolívar (2012), Gaston Pineau (2006), Pierre Dominicé (2006), António Nóvoa (2010), Galvão (2005) e Josso (2007). Nosso recorte temporal é de 1979 a 2020. 1979 foi o ano em que se tem registro da primeira matrícula feminina no curso. Para o desenvolvimento desta pesquisa utilizamos o método narrativo-autobiográfico, a partir das narrativas de mulheres egressas do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí. Realizamos entrevista-conversa com três mulheres ingressantes no curso, nos anos de 1993, 2013 e 2018. Após as transcrições e análise das entrevistas foi possível eleger as seguintes categorias: A chegada no curso: primeiras impressões; Dificuldades enfrentadas no curso; Contribuições do curso em suas histórias de vida X expectativas no curso. A partir dessas categorias, percebeu-se a relação existente entre o curso técnico em agropecuária e a história de vida das participantes, o significado que cada uma traz sobre isso, trazendo aspectos sociais e individuais. Notou-se contribuições do curso, tanto em formação profissional quanto pessoal, que as levaram a ganhar autonomia e criticidade.

**Palavras – chave:** Curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí. Pesquisa (Auto)Biográfica. Histórias de Vida. Mulheres Egressas.

## **LIFE HISTORY OF WOMEN IN THE TECHNICAL COURSE IN AGRICULTURE AT IF GOIANO – CAMPUS URUTAI (1979-2020)**

### **ABSTRACT**

In spite of the women achievement in the modern society, at the end of the century 20th, the presence/absence of women in places said to be masculine still is something that call the attention, such as the women in engineering, agronomy, aviation, among others areas seen as areas only for the masculine public. Until today we can see this distinction and in the education isn't different. This research is situated in theoretical universe from History of education and research (autobiographical). In this universe, there are still no studies focused on the issues of women inserted in so called masculine places, based on life stories. Thinking about it and from my own experiences at the Goiano Federal Institute – Campus Urutai we purposed in this research answer the following leading question: How does training in the Agricultural Technical course at IF Goiano – Campus Urutai relate to the life story of egress women?. We have as an object from this research the story of life of women that attended the Agricultural Technician at IF Goiano - Campus Urutai. The general objective is: Analyse the relationship between the technical course in agriculture at IF Goiano – Campus Urutai and the life story of egress women. In order to achieve this objective, we discussed, first, about life story and biographization; Then, we sought to know the women who were students of the Technical course in Agriculture at IF Goiano - Campus Urutai and, finally, we analyzed the life stories of women who graduated from the Technical course in Agriculture at IF Goiano - Campus Urutai. For the theoretical foundation of this study we studied authors such as Cristhine Delory-Momberger (2008;2011;2012), Maria da Conceição Passeggi (2012), Antonio Bolívar (2012), Gaston Pineau (2006), Pierre Dominicé (2006), António Nóvoa (2010), Galvão (2005) and Josso (2007). Our time frame is from 1979 to 2020. 1979 was the year in which the first female enrollment in the course was registered. For the development of this research we used the narrative-autobiographical method, from the narratives of women who graduated from the Technical course in Agriculture at IF Goiano – Campus Urutai. We carried out an interview-conversation with three women entering the course, in 1993, 2013 and 2018. After the transcriptions and analysis of the interviews, it was possible to choose the following categories: Arrival at the course: first impressions; Difficulties faced in the course; Course contributions to your life stories X course expectations. From these categories, it was possible to perceive the relationship between the technical course in agriculture and the life story of the participants, the meaning that each one brings about it, bringing social and individual aspects. It was possible to see contributions from the course, both in professional and personal training, which led them to gain autonomy and criticality.

**Keywords:** Technical Course in Agriculture at IF Goiano – Campus Urutai. (Auto) Biographical Research. Life stories. Egress Women.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....  | 17 |
| O Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí .....                                     | 23 |
| Caminho Metodológico.....  | 28 |
| <b>CAPÍTULO I</b> .....  | 38 |
| <b>BIOGRAFIZAÇÃO E HISTÓRIA DE VIDA</b> .....  | 38 |
| 1.1 Identidade – Modernidade.....  | 38 |
| 1.2 Processo de Biografização .....  | 44 |
| 1.3 História de vida .....   | 49 |
| 1.4 Considerações parciais do capítulo .....   | 52 |
| <b>CAPÍTULO II</b> .....   | 55 |
| <b>ELAS E A HISTÓRIA DAS MULHERES</b> .....  | 55 |
| 2.1 História das Mulheres .....  | 56 |
| 2.2 Quem são as protagonistas? .....   | 62 |
| 2.2.1 Lírio – A mãezona da turma .....   | 63 |
| 2.2.2 Orquídea – A Chorona .....   | 65 |
| 2.2.3 Girassol – A country girl.....   | 67 |
| 2.3 Considerações parciais do capítulo .....   | 69 |
| <b>CAPÍTULO III</b> .....  | 71 |
| <b>QUAL A HISTÓRIA DE VIDA DESSAS MULHERES?</b> .....                                | 71 |
| 3.1 Narrativa: o poder da fala.....  | 71 |
| 3.2 Categorias e Análises .....  | 78 |
| 3.2.1 A chegada no curso: primeiras impressões .....                                 | 80 |
| 3.2.2 Dificuldades enfrentadas no curso .....  | 83 |
| 3.2.3 Contribuições do curso em suas histórias de vida x expectativas no curso ..... | 85 |
| 3.3 Considerações parciais do capítulo .....   | 86 |
| <b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 88 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....   | 91 |

|   |     |
|---|-----|
| <b>ANEXOS</b> .....                       | 95  |
| <b>APÊNDICES</b> .....                    | 100 |
| <b>TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS</b> ..... | 102 |

## INTRODUÇÃO

*“E como nasci? Por um quase. Podia ser outra. Podia ser um homem. Felizmente nasci mulher. E vaidosa. Prefiro que saia um bom retrato meu no jornal do que os elogios. Tenho várias caras. Uma é quase bonita, outra é quase feia. Sou um o quê? Um quase tudo” (Clarice Lispector, em entrevista<sup>1</sup>).*

As protagonistas desta pesquisa são mulheres, e por que não iniciarmos essa escrita compreendendo um pouco da história de vida da mulher que aqui escreve? A imersão a qual os convido a fazer não é para apenas relatar a minha história, mas, sim, para mostrar que as histórias de vida de mulheres importam, a história de vida de várias mulheres, certamente, tem algo em comum e mulheres fortes, são fruto de outras mulheres mais fortes ainda.

Somos muitas, importantes, somos do universo, do mundo, de um país, de um estado, de uma cidade, somos de uma família. Somos mulheres! E eu, sou de onde? Sou Goiana, sou filha de Ana. Ana? Sim, Ana Francisca. Mulher negra, que em meio a uma sociedade totalmente patriarcal, criou e educou 8 (oito) filhos, sozinha (quatro mulheres e quatro homens). Sou filha de uma mulher que assim como muitas, não tiveram oportunidade de seguir adiante os seus estudos, foi mãe jovem, começou a trabalhar muito nova. Sou filha de uma mulher que socava arroz no pilão para fazer comida para os irmãos.

Eu sou Thatiany, mulher, do século XXI, que entende sobre a liberdade feminina a qual temos hoje, só foi possível porque outras mulheres lutaram por isso. Há uma relação de sororidade de geração para geração, mesmo, muitas vezes oculta.

Sou uma mulher do século XXI, que muito se orgulha das lutas sociais de outras mulheres, das contribuições do feminismo. A primeira onda do feminismo ocorreu no ocidente no século XIX, com as sufragetes, como ficaram conhecidas na época. Essas mulheres lutaram por seus direitos, entre eles, o direito ao voto, o qual tornou-se realidade no Brasil, depois da Revolução de 30 (trinta) e foi incorporado na Constituição brasileira de 1934. Luta, que muito contribuiu para a conquista social feminina atual. Mas, a luta não terminou, ainda hoje as mulheres continuam a lutar, conquistamos vários espaços, o principal que hoje nos falta é o respeito. Eu, como mulher me sinto na missão de lutar para que meninas, futura mulheres, sejam cada vez mais respeitadas e valorizadas.

Sou Thatiany, mulher forte e guerreira, reflexo por ter sido gerada, criada e educada por uma mulher forte e guerreira, que no ano de 1994, dia 18 (dezoito) de outubro, ouviu o meu

---

<sup>1</sup> Entrevista concedida a Júlio Lerner, em 1 de fevereiro de 1977, para o programa “Panorama da TV Cultura de São Paulo. Disponível em: <https://www.revistabula.com/secoes/entrevistas-do-alem/>. Acesso em: 15-09-2021.

primeiro choro com significado de vida. Mais uma menina na família, a penúltima gestação de um total de 8 (oito). Simone de Beauvoir (1980) afirma “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1980, p. 9).

Nasci na cidade de Cristalina – GO, mas cresci e vivi na cidade de Pires do Rio – GO. Apesar de ter nascido em uma época mais fácil, financeiramente, que os meus irmãos, ainda passamos por muitas dificuldades. Conforme os meus irmãos cresciam, começavam a trabalhar para ajudar no sustento da casa e comigo não foi diferente. Comecei a trabalhar aos meus 14 (quatorze) anos. Tenho muito orgulho por tudo que eu passei desde a minha infância, me fez tornar a mulher a qual sou hoje, totalmente independente, cheia de garra para correr atrás dos meus sonhos. Apesar de todas as dificuldades vividas, minha mãe nunca deixou faltar a educação para nós, tanto em casa, quanto escolar.

Toda minha trajetória escolar desde os anos iniciais ao ensino médio, ocorreu na cidade de Pires do Rio – GO. Iniciei os meus estudos com 4 (quatro) anos de idade, no Colégio Estadual Martins Borges. Um dos meus irmãos, um ano mais velho que eu, começou a estudar e minha mãe relata que eu chorava para ir para a escola, então comecei a frequentá-la também. Cursei o jardim I, II e pulei para o pré-alfabetização. Naquela época, os alunos que demonstravam aptos e se desenvolviam bem, iam para a série seguinte. Eu tive que mudar de escola porque o pré-alfabetização não estava mais sendo ofertado no colégio em que eu estudava, então fui fazer o Pré na Escola Municipal Joaquim Câmara Filho, conhecida como Merenda Escolar. Nessa escola, eu me sentia muito sozinha, eu não tinha nenhum amiguinho, ficava no recreio só, porque o meu irmão e as minhas primas haviam ficado no outro colégio. No ano seguinte, retornei para o Colégio Martins Borges, para a sala que meu irmão estudava. Estudamos juntos até o 9º (nono) ano do ensino fundamental. Depois fui para o Colégio Estadual Professor Ivan Ferreira para cursar o ensino médio.

Na escola, fui uma aluna que gostava muito de estar ali, era o meu “momento”, o momento que eu tinha a oportunidade de vivenciar coisas fora da minha realidade, e, claro, como muitos, eu também tive professores e funcionários da escola os quais me acolheram e em quem eu me espelhei muito. Aliás, tenho muitos professores em quem eu me espelho ainda e que será a minha inspiração por toda a vida. Eu acredito que a Educação pode mudar vidas, porque ela mudou a minha, acredito que a Educação não é despesa, é investimento.

Mesmo trabalhando desde os meus 14 (quatorze) anos, nunca deixei de me dedicar aos estudos. Trabalhei de repositora em supermercado, vendedora em lojinha de brinquedos, manicure e pedicure, babá, balconista em padaria, o que eu não tinha era medo de trabalhar. Nisso, concluí o ensino médio em 2011. Logo ingressei no ensino superior, em 2012, por meio

do vestibular, no curso de Licenciatura em Matemática, do Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí. Nesse momento, começava a minha trajetória dentro dessa instituição, que tanto me abriu portas.

O meu primeiro ano de faculdade não foi fácil. Eu precisava trabalhar para estar ali, então eu trabalhava de balconista em uma padaria, entrava 5h30min da manhã. Minha rotina era acordar todos os dias 5h e ir para o trabalho. Eu tinha 2 horas de almoço (neste horário eu comia qualquer coisa e me dedicava aos estudos). Saía do emprego quase no horário do ônibus para ir à faculdade, então corria em casa, tomava um banho e ia. Chegava em casa quase 00h, quando eu ainda ia estudar. Fiquei nesta rotina por 1 (um) ano e estudando aos finais de semana também. Em 2013, entrei como bolsista no Programa de Iniciação à Docência (PIBID), o que me deu mais oportunidade para me dedicar aos estudos. Foi a primeira experiência que tive em sala de aula, na qual fui oportunizada a participar por 1 (um) ano. E a Educação? Continuava a me abrir portas.

Em 2014, quando ainda cursava Licenciatura em Matemática, integrei-me como estagiária no Núcleo de Apoio Pedagógico do Ensino Médio, fiquei até concluir a graduação (2015). Eu ficava o dia todo no IF até à noite para a graduação, o que contribuiu para minha formação pessoal e profissional. Nesta experiência, passei a ver a instituição de outra forma, conhecendo a história como um todo, além de ter contato direto com os cursos integrados ao ensino médio, que ali eram e continuam sendo ofertados. Dentre eles, o curso Técnico em Agropecuária.

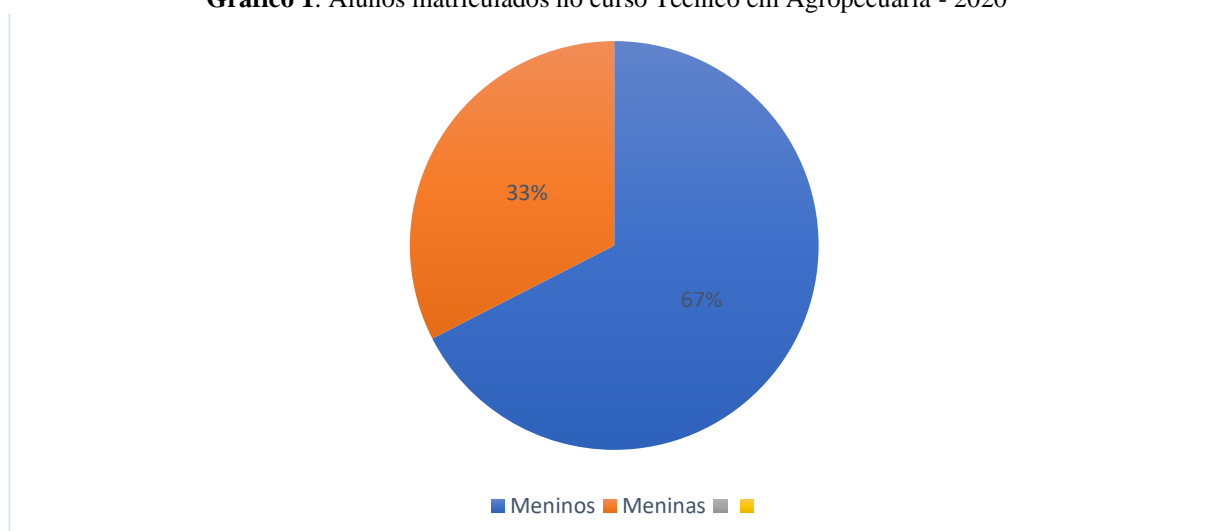
Ao longo da minha trajetória como estagiária, em conversas informais, frequentemente, um ou outro servidor relatava ter sido aluno do curso Técnico em Agropecuária, e nunca uma servidora. Além disso, percebi que o número de meninas, no referido curso, era bem inferior ao de meninos. Devido a isso, algumas inquietações emergiram: Como surgiu o curso de Agropecuária nessa instituição? Qual o perfil do curso, em seu surgimento? Existia uma aceitação de mulheres, no curso Técnico em Agropecuária? Como essas alunas, que faziam o curso, eram vistas pela sociedade?

Todos esses questionamentos adormeceram por algum tempo. Muitas águas rolaram debaixo dessa ponte. Formada no final de 2015, vi-me desempregada. De início, não consegui emprego na minha área de formação, e nem em outras áreas. Fiquei desempregada por mais de 6 (seis) meses, quando surgiu a oportunidade de trabalhar de atendente na Loja da Claro, em Pires do Rio. Enquanto isso, eu continuava a estudar. Em 2016 retornei ao IF como aluna da Pós-Graduação Latu Sensu em Ensino de Humanidades, concluí com sucesso em 2017. Neste meio tempo, em 2017 recebi proposta para assumir algumas aulas nas disciplinas de Física,

Tópicos de Física e Matemática Aplicada no Colégio Estadual Professor Ivan Ferreira. Mesmo Física não sendo a minha área, topei este desafio, era a oportunidade que eu tinha para ingressar na carreira docente. No mesmo ano fui convidada para trabalhar em outro colégio, o Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha. Conciliei os dois empregos por 1 (um) ano.

Em abril de 2018, através de um processo simplificado de contratação de professores temporários, retorno ao IF Goiano Campus Urutaí como professora, ministrando aulas na área de Matemática, mais especificamente, para alunos dos três cursos técnicos integrados ao ensino médio: Informática, Biotecnologia e Agropecuária. Esse retornar ao Campus trouxe à tona os questionamentos antes adormecidos. Vejo que ainda hoje, o curso Técnico em Agropecuária possui, em sua maioria, alunos. As alunas são realidade no curso, porém, em um número muito menor, o que podemos ver a partir do gráfico 1 e tabela 1 a seguir:

**Gráfico 1:** Alunos matriculados no curso Técnico em Agropecuária - 2020



**Fonte:** Planilha dos alunos matriculados em 2020, obtida através da coordenadora do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí. Gráfico elaborado pela autora. (SANTANA, 2021).

**Tabela 1:** Alunos no curso Técnico em Agropecuária-2020

| Turma – Série    | Total de alunos na sala | Número de meninas |
|------------------|-------------------------|-------------------|
| 1 <sup>o</sup> A | 40                      | 12                |
| 1 <sup>o</sup> B | 29                      | 13                |
| 1 <sup>o</sup> C | 31                      | 12                |
| 2 <sup>o</sup> A | 25                      | 9                 |
| 2 <sup>o</sup> B | 31                      | 13                |
| 2 <sup>o</sup> C | 31                      | 13                |

|                      |    |    |
|----------------------|----|----|
| 3 <sup>o</sup> A     | 33 | 8  |
| 3 <sup>o</sup> B     | 28 | 8  |
| 1 <sup>o</sup> bloco | 40 | 15 |
| 2 <sup>o</sup> bloco | 30 | 10 |
| 3 <sup>o</sup> bloco | 28 | 12 |
| 4 <sup>o</sup> bloco | 10 | 5  |

**Fonte:** Planilha dos alunos matriculados em 2020, obtida através da coordenadora do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí. Tabela elaborada pela autora. (SANTANA, 2021).

Percebemos que num total de 356 (trezentos e cinquenta e seis) alunos matriculados no curso Técnico em Agropecuária, no ano de 2020, apenas 130 (cento e trinta) desses são meninas. Qual a causa desse fenômeno? Ainda existe ideias preconceituosas, oriundas da sociedade, em relação à mulher cursar o Técnico em Agropecuária?

Na Instituição em questão, tem-se registros de alunas que se formaram no curso e já saíram empregadas. Qual a aceitação dessas mulheres no mercado de trabalho? Com base nesses questionamentos e outras influências descritas a seguir, escolhi a história de vida de mulheres no referido curso como objeto desta pesquisa.

Por que escolhi estudar a mulher no IF Goiano – Campus Urutaí? Quando eu terminava o ensino fundamental (nono ano) em 2008, a escola onde eu estudava nos levou a uma visita ao Instituto. Na época, conhecido por Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), o curso de agropecuária era o curso de nível médio-profissionalizante que predominava na instituição.

Lembro que eu queria muito ir cursar o ensino médio, juntamente com o curso técnico em Agropecuária. Eu não pude ir estudar na instituição por vários motivos, dentre eles: a minha mãe não tinha condição financeira, devido a gastos com passagens e alimentação e ainda muitas pessoas diziam para nós que o curso não era para meninas. Mas, eu pensava que eu poderia sim fazer o curso dito para meninos, já que em casa eu tinha como exemplo uma mulher forte a qual me mostrou que eu poderia ser quem eu quisesse, através de seus reflexos em minha vida: minha mãe. Cresci vendo ela ser a mulher e o homem da casa, a única, a nos conceder o sustento, alimento, afeto e estudo pelo seu árduo suor. Só então, na graduação, eu tive oportunidade de estudar no IF Goiano – Campus Urutaí, porque nesta época eu já trabalhava e conseguia me manter na faculdade.

Todos estes apontamentos, principalmente por ter construído minha história de vida sob um alicerce feminino, um exemplo de mulher guerreira e forte como é a minha mãe, isso,

certamente, me ajudou a refletir sobre a importância das conquistas das mulheres ao longo dos anos, e as muitas conquistas que ainda estão por vir.

Neste sentido, com a intenção de entender mais sobre o que a legislação dizia a respeito das mulheres no referido curso, fui em busca e percebi que, embora na legislação, Decreto-Lei 9.613 de 20 de agosto de 1946, diga sobre a igualdade de acesso ao curso para ambos os sexos (Artigo 51), é possível perceber uma distinção de gênero desde a criação do referido curso, quando ele submete a entrada do público feminino a alguns critérios, como:

Art. 52. No ensino agrícola feminino serão observadas as seguintes prescrições especiais:

1. É recomendável que os cursos do ensino agrícola para mulheres sejam dados em estabelecimentos de ensino de exclusiva frequência feminina.
2. Às mulheres não se permitirá, nos estabelecimentos do ensino agrícola, trabalho que, sob o ponto de vista de saúde, não lhes seja adequado.
3. Na execução dos programas, em todos os cursos, ter-se-á em mira a natureza da personalidade feminina e o papel da mulher na vida do lar.
4. Nos dois cursos de formação do primeiro ciclo, incluir-se-á o ensino de economia rural doméstica.
5. Além dos cursos de continuação para mulheres que trabalhem na agricultura e destinados a dar-lhes sumário ensino de um ofício agrícola, ministrarão os estabelecimentos de ensino agrícola a mulheres que trabalharem nas lides do lar cursos de continuação de economia rural doméstica para ensino rápido e prático dos comuns misteres da vida doméstica rural. (BRASIL, 1946)

Apesar da legislação ser de 1946, a mesma ainda se encontra em vigor. Não foi encontrado nenhuma outra legislação que subsidia o ensino agrícola para mulheres.

Visto que o curso Técnico em Agropecuária, desde o seu surgimento, foi considerado um curso voltado a um público masculino e que, quando se deu a entrada da primeira mulher no curso, em 1979, elas eram vistas como meninas, sendo preparadas para depois se dedicarem a atividades relacionadas as doçuras do lar, ao marido e aos filhos, é que faço o seguinte questionamento: Como a formação no curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí se relaciona com a história de vida de mulheres egressas? Para responder tal problema traçamos o seguinte objetivo geral: Analisar a relação entre o curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí e a história de vida de mulheres egressas.

Como objetivos específicos, temos:

1. Discorrer sobre história de vida e biografização;
2. Conhecer as mulheres que foram alunas do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano -Campus Urutaí;

Entender como a formação no curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí se relaciona com a história de vida de mulheres egressas do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano - Campus Urutaí.

Para o desenvolvimento da escrita da dissertação, dividimos da seguinte forma. Além da introdução e conclusão, partindo da questão problema e dos objetivos propostos, dividimos em três capítulos, como segue: No capítulo I, intitulado “Biografização e História de vida”, buscamos discorrer sobre Identidade e Modernidade, trazendo o viés da construção do sujeito a partir de sua identidade; fazemos também uma viagem no que tange aos processos de biografização e história de vida. Os três tópicos abarcados aqui subsidiam teoricamente toda a dissertação para que possamos abarcar as histórias de vida de mulheres que frequentaram o curso em questão.

No capítulo II, intitulado “Elas e as Histórias das Mulheres”, apresentamos quem são as participantes desta pesquisa, suas narrativas, discorrendo acerca das histórias das mulheres, trazendo bases teóricas importantes, traçando, assim, o perfil das participantes e fazendo um elo com as histórias das mulheres.

E no capítulo III, intitulado “Quais as histórias de vida dessas mulheres?”, apresentamos inicialmente debate sobre as narrativas. Prosseguindo, apresentamos as categorias, como elas foram escolhidas, a partir das narrativas das participantes. Por fim, analisamos as narrativas, afim de conhecer e apresentar as histórias de vida das participantes.

### **O Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí**

Para conhecermos um pouco sobre a história do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí localizado na Rodovia Geraldo Silva Nascimento, Km-2,5 - Zona Rural da cidade de Urutaí – GO e compreender sua transição até se tornar instituto, realizamos uma linha do tempo do mesmo.

A fazenda modelo (1920), deu lugar na década de 1950, a instituição Escola Agrícola de Urutaí, criada a partir da Lei nº 1.923 de 28 de julho de 1953. Posteriormente, sofreu várias modificações em sua denominação. De acordo com Issa:

1. Escola Agrícola de Urutaí, entre 1953 e 1964, quando ofereceu o curso de Operário Agrícola;
2. Ginásio Agrícola de Urutaí, entre 1964 e 1979, período em que ofereceu o curso de Mestre Agrícola;

3. Escola Agrotécnica Federal de Urutaí, de 1979 a 2002, com o Curso de Técnico em Agropecuária (1978), Técnico em Informática (1995) e Curso de Tecnólogo em Irrigação e Drenagem (1999);
4. Centro Federal de Educação Tecnológica, 2002 a 2008, quando diversificou os cursos de tecnólogos (Informática, Alimentos e Gestão Ambiental) e iniciou cursos de bacharelado (Agronomia);
5. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano Câmpus Urutaí, com foco em ensino, pesquisa e extensão, a partir de dezembro de 2008 (ISSA, 2014, p. 14).

Issa (2014) faz o estudo em sua dissertação dos primeiros anos de funcionamento da escola de 1953 a 1963, a fim de analisar a estrutura e seu funcionamento neste recorte temporal. No doutorado (2018), dá continuidade à sua pesquisa, ainda estudando sobre a escola agrícola, de 1978 a 1986, voltada à formação de mão de obra agrícola. Em suas pesquisas, Issa (2014) traz pouca informação sobre a mulher na instituição, apenas sobre quem frequentou a escola naquele tempo.

Outras pesquisas foram realizadas junto ao Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, a exemplo disso temos a tese de doutorado de Teixeira (2016), e as dissertações de Silva (2019) e Silva (2021). A tese de doutorado de Teixeira (2016) pautou-se em um olhar de gênero, voltado para as Políticas Públicas de Assistência Estudantil (PPAE) presente no IF Goiano – Campus Urutaí; Silva (2019), em sua dissertação, traz o viés das narrativas dos técnicos administrativos no recorte temporal de 2008 a 2019. Por outro lado, Silva (2021) fala sobre a formação dos discentes nativos da etnia Xacriabá a partir de suas narrativas.

Com isso, percebe-se as várias pesquisas que utilizam o IF Goiano – Campus Urutaí como recorte espacial, porém com perspectivas diferentes. Não há registros de pesquisas na perspectiva das histórias de mulheres as quais frequentaram o curso técnico em agropecuária da instituição. Portanto, pretendo tratar sobre a mulher na escola agrícola, a construção de si, lutas e interações no curso, a partir da narrativa de mulheres que frequentaram o curso Técnico em Agropecuária.

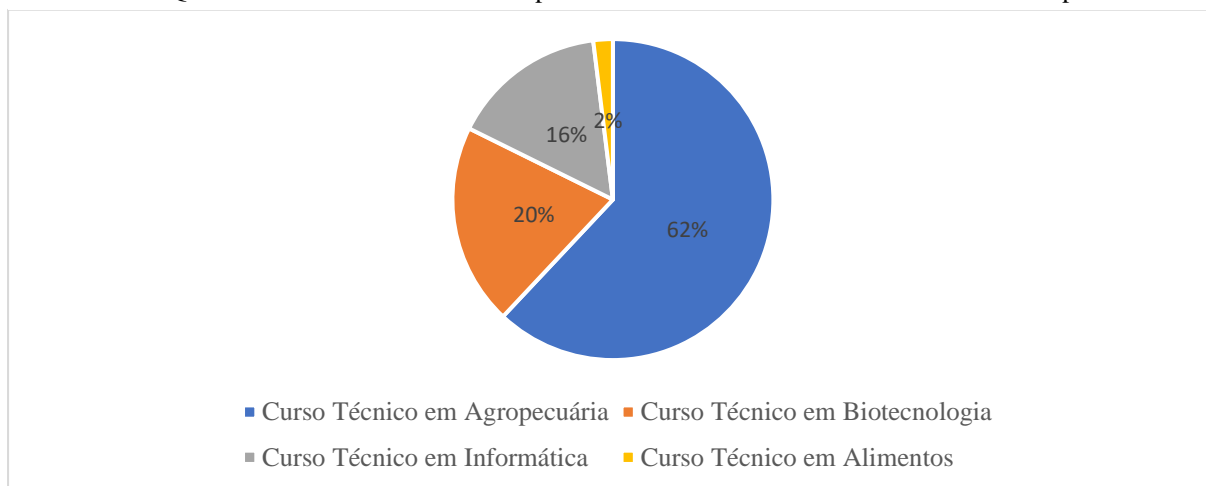
Com a criação da Escola Agrícola de Urutaí, inicialmente ofertando o curso de Operário Agrícola, pode-se ver que a criação desse curso, voltado ao setor agrícola, teve o intuito de qualificar a mão de obra das pessoas da região, desta forma, formar pessoas capacitadas para desenvolverem atividades de agricultura e pecuária, em grande escala, visto que o Estado de Goiás sempre teve como principal objetivo o desenvolvimento econômico desse setor.

Com vistas no desenvolvimento inicial desta instituição, percebemos que ela é caracterizada como uma instituição de caráter masculino, diríamos ser o que Giddens (1991) chama de instituições modernas:

O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno. Mas a modernidade tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual (GIDDENS, 1991, p. 13).

Na modernidade, as instituições são masculinas, têm-se os homens no centro do poder, eles são os dominantes das esferas globais e industriais. O curso Técnico em Agropecuária é o mais antigo da instituição, ofertado desde 1978, sendo considerado o curso técnico que possui maior procura, até mesmo na atualidade, 2020. A exemplo disso, segue gráfico 2 com dados recolhidos do último processo seletivo.

**Gráfico 2:** Quantidade de alunos inscritos no processo seletivo 2019-2020 do IF Goiano - Campus Urutaí.



**Fonte:** Listagem de candidatos ao EDITAL N º 31 (site, 2021); gráfico elaborado pela autora. (SANTANA, 2021).

Nos primeiros anos de seu surgimento, o curso era ofertado integrado ao ensino médio. Com o passar dos anos, foram surgindo outros cursos, hoje, além dele ser ofertado integrado ao ensino médio, com duração de 3 (três) anos, também é ofertado concomitante-subsequente ao ensino médio. Nesta modalidade, o aluno pode ter concluído o ensino médio, ou estar cursando o ensino médio em outra escola. Nesta direção, trouxemos os objetivos de ambos os cursos, apresentados no Projeto Pedagógico de Curso (PPC), como segue:

O Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio tem como objetivo formar profissionais capazes de exercer atividades técnicas com habilidades e atitudes que lhes permitam participar de forma responsável, ativa, crítica e criativa na solução de problemas na área de produção e transformação vegetal e ou animal e de conservação do meio ambiente, sendo

ainda, capaz de continuar aprendendo e adaptando-se com flexibilidade às diferentes condições do mercado de trabalho (PPC, 2010).

O Curso Técnico em Agropecuária tem como objetivo formar profissionais capazes de exercer atividades técnicas com habilidades e atitudes que lhes permitam participar de forma responsável, ativa, crítica e criativa na solução de problemas na área de produção e transformação vegetal e ou animal e de conservação do meio ambiente, sendo ainda, capaz de continuar aprendendo e adaptando-se com flexibilidade às diferentes condições do mercado de trabalho. Além do domínio dos saberes tecnológicos, expressos na forma de competências gerais e específicas, pressupõe-se a formação de um profissional situado em seu contexto e capaz de articular com as demais áreas do conhecimento (PPC, 2010).

Percebe-se que de acordo com o PPC, os objetivos das duas modalidades (Integrado ao Ensino Médio e Concomitante-Subsequente), são os mesmos. O que os difere é a duração, e ainda, no técnico integrado ao ensino médio o aluno sai habilitado tanto para ir trabalhar como técnico, como ingressar em um curso de graduação.

Ainda de acordo com o PPC (2010), o curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio tem as seguintes características: Duração: 3 (três) anos. Turno: Integral (Matutino e Vespertino). Carga horária total: 3834 horas. (Disciplinas Curriculares: 3774 horas + Estágio: 160 horas). (PPC, 2010). O curso técnico em agropecuária concomitante-subsequente possui as seguintes características: Duração 2 (dois) anos. Turno: matutino e/ou vespertino. Habilitação: Técnico em Agropecuária. Carga horária total: 1421 horas. (PPC, 2010)

Desde sua criação, o curso Técnico em Agropecuária foi voltado tão-somente para o público masculino, por se tratar de atividades que requerem força braçal e serem relacionadas ao campo. De acordo com Inácio Filho “o senso comum social afirma tal dualidade caracterizando a mulher como um ser frágil, sensitivo, intuitivo, feito para as doçuras do lar e da maternidade e que, por isso, foi destinado à vida doméstica, aos cuidados do marido e da família” (INÁCIO FILHO, 2002, p. 56). Nessa direção, seria mais conveniente preparar os homens para o trabalho na agropecuária.

O referido curso construiu sua identidade ao longo dos anos, tendo, em sua maioria, um público masculino. Porém, atrelado a esta construção identitária, temos a mulher que, com o passar do tempo, foi construindo também sua própria presença, tanto profissional, quanto pessoal, conquistando desta maneira o seu espaço. Segundo Dubar as mulheres:

se consagram à família mais tempo e investimento do que os homens, elas têm também uma identidade profissional, que influencia a construção da sua

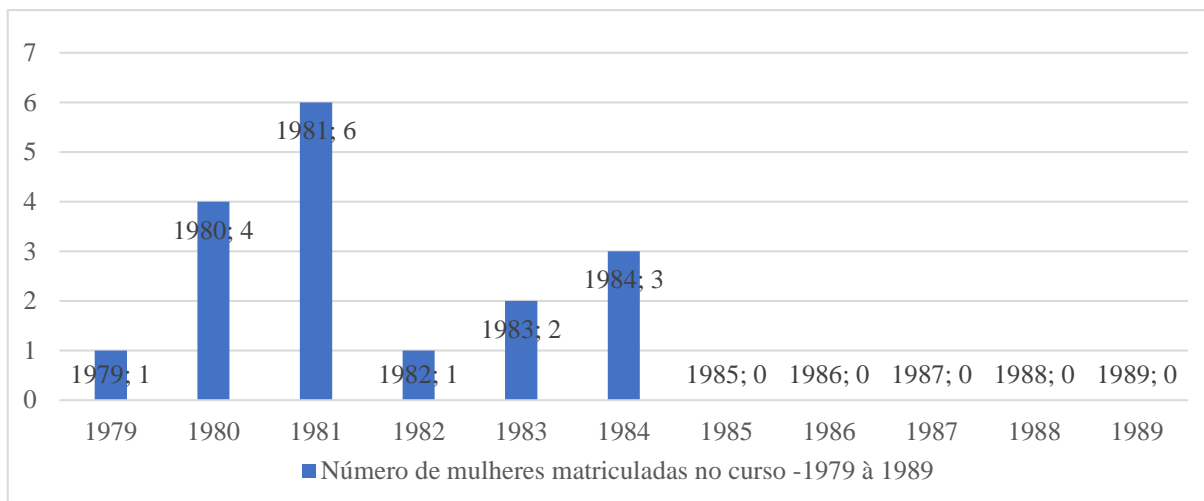
identidade pessoal. De facto, é a estrutura da sua personalidade que se modifica assim que elas põem em causa a atribuição da sua existência aos papéis familiares: todas as dimensões da sua identidade para si e para outrem, relacional e biográfica, são visadas. E nomeadamente as dimensões íntimas, as da vida privada (DUBAR, 2009, p. 62).

Concordo com a ideia do autor de que as mulheres investem mais tempo à família em comparação aos homens, pois é para elas que ficam as responsabilidades voltadas ao lar, como por exemplo cuidar dos filhos, limpar a casa, fazer as refeições. Porém, descarto a ideia de que somente elas têm uma identidade pessoal influenciada pela identidade profissional. O que acontece em sua maioria é que a mulher se adapta às várias identidades as quais lhe são postas, como identidade de mãe, esposa, advogada, professora, médica, diarista, dentre outras. A construção da identidade profissional da mulher influencia também a identidade pessoal e vice e versa, construindo cada uma sua personalidade em particular.

Novas identidades estão sendo substituídas pelas velhas identidades, que por muito tempo prevaleceram no mundo social. Segundo Stuart Hall, o que nos leva a uma nova construção identitária é "um complexo de processos e forças de mudanças, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo 'globalização'" (HALL, 2006. p. 67). A globalização está intimamente ligada ao processo de construção de identidade, pois essa construção depende muito do momento o qual estamos vivendo, do espaço onde estamos situados e do meio cultural, que estamos envolvidos.

Entretanto, mesmo sendo um curso com uma identidade masculina, a sua procura não ficou restrita a este público. Em 1979, tem-se a primeira aluna matriculada no curso Técnico em Agropecuária, de acordo com documentos da própria instituição. Grande marco para as mulheres da época, visto que em 1979 as mulheres, apesar de já virem conquistando seu espaço na sociedade brasileira, somente na Constituição de 1988 foram reconhecidas a igualdade com os homens. No gráfico 3 tem-se uma relação da quantidade de alunas matriculadas no curso nos primeiros 10 (dez) anos, após a entrada da primeira mulher.

**Gráfico 3:** Número de mulheres matriculadas no curso Técnico em Agropecuária -1979 a 1989.



**Fonte:** Fichas de matrícula de ex-alunas arquivadas na secretária do ensino médio-técnico do Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí; gráfico elaborado pela autora. (SANTANA, 2021).

Em uma década, tem-se apenas 17 (dezesete) mulheres matriculadas no curso. De uma média de 400 (quatrocentos) alunos, as mulheres são realidade no curso e gradativamente este número vai se destacando.

### **Caminho Metodológico**

Definido o objeto da pesquisa, a relação da história de vida de mulheres que frequentaram o curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano - Campus Urutaí e o Curso Técnico, o problema e os objetivos da pesquisa, iniciamos uma revisão bibliográfica. A opção foi apresentar o debate atual sobre a pesquisa (auto)biográfica, o processo de biografização, história de vida, construção da identidade, instituição e modernidade. Neste passo, foram utilizadas como fontes de pesquisa: a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do IBICT (BDTD), onde realizamos levantamento de pesquisas que auxiliaram com o tema. Além disso, buscamos na base de dados Scielo e Google Acadêmico artigos que contribuíram com o tema e também livros os quais colaboraram.

Esta pesquisa está vinculada ao projeto guarda-chuva, intitulado “De histórias de vida e de instituições escolares: investigações biográficas e narrativas em educação”, que tem como pesquisador responsável o professor Dr. Wolney Honório Filho. Ela está situada no universo teórico da História da Educação e pesquisa (auto)biográfica, trata-se de uma pesquisa qualitativa a qual utiliza como método o narrativo biográfico. Segundo Delory- Momberger (2012, p. 33), “a narrativa de si constitui um dos lugares essenciais onde se constroem as

biografias, ao mesmo tempo que se apresenta como meio de acesso privilegiado aos processos de biografização”.

Selecionamos uma mulher a cada década de existência da instituição. O recorte espacial da pesquisa é o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, e o temporal de 1979 a 2020. Este recorte temporal inicial se justifica devido a entrada da primeira mulher no curso em 1979. Entrevistamos 3 (três) mulheres, as quais aceitaram o convite para a participação na pesquisa. Realizamos uma entrevista semiestruturada/entrevista conversada, realizada virtualmente pela plataforma do Google Meet (<https://meet.google.com/>), devido a pandemia da Covid 19, que é uma doença infecciosa causada pelo vírus (SARS-CoV-2). Com autorização prévia das participantes, realizou-se a gravação da entrevista-conversa, posteriormente permitiu a transcrição das narrativas.

Para entrar em contato com as mulheres ex-alunas do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí, inicialmente, houve um contato junto à secretária do Ensino Médio – Técnico da Instituição, afim de ter acesso às fichas de ex-alunas, para que, então, obtivéssemos dados, tais como: o quantitativo de alunas que passaram pelo curso neste recorte temporal de 1979 à 2020 e ainda encontrar um possível contato destas ex-alunas. Não tivemos êxito, pois a instituição não autorizou o acesso às fichas de ex-alunas. (Anexo A).

Como este contato não foi possível, procuramos outro meio, então recordei que quando ainda era apenas uma intenção empreender essa pesquisa, eu havia coletado algumas informações junto a secretária do campus no ano de 2019. Nestes dados, haviam nomes de ex-alunas frequentadoras do referido curso de 1979 (quando se tem registro da primeira matrícula feminina) a 1999.

Com esta informação em mãos, buscamos nas redes sociais (*facebook, instagram e whatsapp*) por essas ex-alunas, a fim de convidá-las a participarem da pesquisa. As ex-alunas formadas recentemente foram de mais fácil localização. Tivemos mais dificuldade em localizar as mais antigas. Após busca minuciosa por essas mulheres, localizamos 6 (seis) ex-alunas do curso. Quando localizadas, realizou-se um primeiro contato a fim de explicar o motivo desta conversa. Me apresentei e expliquei o intuito da pesquisa, objetivo principal e o modo como se daria a sua participação. Em seguida, foi feito o convite para a participação na pesquisa.

Conseguimos entrevistar 3 (três) delas. A seguir, quadro 1, que identifica o ano de ingresso no curso de cada ex-aluna localizada. Elas foram relacionadas por pseudônimos para preservar suas identidades. No capítulo II, trazemos o perfil biográfico das participantes do estudo em questão, para além do quadro exposto a seguir:

**Quadro 1:** Ano de ingresso de ex alunas no curso

| Ex-aluna  | Ano de ingresso no curso |
|-----------|--------------------------|
| Rosa      | 1979                     |
| Margarida | 1981                     |
| Violeta   | 1993                     |
| Orquídea  | 1993                     |
| Lírio     | 2013                     |
| Girassol  | 2018                     |

**Fonte:** organizado pela autora.

Desta maneira, com a aceitação do convite, encaminhamos o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE) (Anexo B). Porém, antes de coletarmos as narrativas dessas mulheres, criamos um roteiro de entrevista (Apêndice C) para a entrevista-conversa. Este roteiro foi apenas um direcionamento, pois novos questionamentos foram gerados durante a conversa. O intuito era direcionar as perguntas de modo com que através da narrativa das entrevistadas pudéssemos responder o objetivo principal dessa pesquisa. Segundo Bragança e Perez:

Na pesquisa narrativa (auto)biográfica, a entrevista/conversa consiste em um momento significativo de construção das fontes, por meio da *palavra dada e da escuta*. [...] Nesse sentido, a pesquisa é desenvolvida com número reduzido de participantes, já que não há objetivo de generalizar, mas de buscar sentidos do círculo hermenêutico que possam inspirar reflexões sobre o tema proposto. Não procuramos nas conversas com as professoras respostas a questionamentos prévios, procuramos suas histórias, pois essas podem fertilizar novas práticas formativas [...], já que carregam experiências e saberes potentes. Dessa forma, entendemos que a relação entre a palavra dada e a escuta sinaliza que a palavra não é mais de quem fala; ao se dar coloca-se em um círculo virtuoso, capaz de gerar novas interpretações, uma história que assim se abre (BRAGANÇA; PEREZ, 2016. p. 1170).

Após coleta das narrativas apresentadas na entrevista/conversa pelas entrevistadas, foi possível transcrever, sistematizar e analisar essas narrativas. Para análise utilizamos o que Passegi (2012) chama de trabalho de interpretação e de textualização:

O trabalho de textualização exige que nos apropriemos de um gênero discursivo adequado à situação cultural de produção e recepção do texto [...]. O trabalho de interpretação instala um círculo hermenêutico entre compreender (voltar-se para si em busca de sentido) e explicar (expressar o que compreendeu) num movimento que transita de um para o outro (PASSEGGI, 2012, p. 46).

Inicialmente, houve uma compreensão do que essas mulheres narraram, levando em consideração o meio ao qual elas estiveram-estão inseridas, desse modo, realizamos o processo de textualização.

As narrativas dessas mulheres permitiram produzir suas biografias no referido curso e compreender suas histórias de vida. Desta maneira, tivemos um panorama da evolução em cada década. Para análise das narrativas, a partir das transcrições identificamos e escolhemos as categorias, partindo dos tópicos apresentados nos roteiros de entrevista. Desta forma, realizou-se leitura interpretativa das narrativas, buscando elementos que se aproximam e se distanciam, entre as narrativas das participantes.

Saliento que pesquisas nessa perspectiva ainda não haviam sido exploradas. Com intuito de verificar o quantitativo de pesquisas publicadas relacionadas ao tema Mulheres e/ou História das Mulheres dentro dos Programas de Pós-Graduação em Educação, utilizamos como metodologia uma pesquisa documental na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BTDT). Le Goff diz que:

[...] ampliou-se a área dos documentos, que a história tradicional reduzia aos textos e aos produtos da arqueologia, de uma arqueologia muitas vezes separada da história. Hoje os documentos chegam a abranger a palavra, o gesto. Constituem-se arquivos orais; são coletados etnotextos. Enfim, o próprio processo de arquivar os documentos foi revolucionado pelo computador. A história quantitativa, da demografia à economia até o cultural, está ligada aos progressos dos métodos estatísticos e da informática aplicada às ciências sociais (LE GOFF, 2003, p. 6).

Junto aos processos de globalização, como consequência utilizamos cada vez mais a tecnologia a nosso favor, dessa maneira, as formas de se arquivar documentos também sofreram modificações. Com isso, realizamos uma pesquisa documental junto a BTDT, coletando dados que estão nesta base online. Os dados coletados quantitativamente foram organizados em tabelas. O intuito foi verificar e apresentar o quantitativo de pesquisas relacionadas à temática que envolva a mulher como objeto de pesquisa.

Inicialmente, realizamos uma primeira busca, encontramos **28.090 (vinte e oito mil e noventa) resultados**, filtrando a busca pela palavra '**mulheres**' e utilizando apenas o recorte temporal de 2000 a 2020. Temos a USP com mais pesquisas num total de 3673 (três mil, seiscentos e setenta e três), porém nenhuma delas publicadas na área da Educação. Voltando-se o olhar para a Universidade Federal de Goiás, ela tem em sua base de dados 554 (quinhentas e cinquenta e quatro) pesquisas publicadas relacionadas a mulheres, sendo 446 (quatrocentas e quarenta e seis) dissertações e 108 (cento e oito) teses.

A seguir, a tabela 2 com o número de publicações relacionadas às mulheres, bem como os programas os quais publicaram.

**Tabela 2:** Programas de Pós-graduação da UFG que tiveram pesquisas publicadas entre os anos de 2000 a 2020 relacionadas a mulher.

| <b>Programa de Pós-Graduação</b>                               | <b>Número de pesquisas publicadas</b> |
|--|---------------------------------------|
| Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde                 | 86                                    |
| Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas (FL)        | 32                                    |
| Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical e Saúde Pública | 31                                    |
| Programa de Pós-Graduação em Sociologia (FSC)                  | 27                                    |
| Mestrado em Ciências da Saúde                                  | 26                                    |
| Programa de Pós-Graduação em Enfermagem (FEN)                  | 25                                    |

**Fonte:** elaborada pela autora.

Percebemos que nos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFG não consta pesquisas relacionadas às mulheres nos últimos 20 (vinte) anos.

Realizamos nova busca, utilizando o filtro Pós-Graduação em Educação no recorte temporal de 2000 a 2020, encontramos **396 (trezentos e noventa e seis) resultados** para a busca '**mulheres**'. Abaixo, confeccionamos a tabela 3 com o quantitativo de dissertações e teses das Universidades que tiveram publicações relacionadas ao tema mulher.

**Tabela 3:** Quantitativo de teses e dissertações publicadas relacionadas a mulheres, bem como as universidades que pesquisaram sobre o tema.

| <b>Universidade</b> | <b>Quantidade de Teses</b> | <b>Quantidade de Dissertações</b> | <b>Total de publicações</b> |
|---------------------|----------------------------|-----------------------------------|-----------------------------|
| UNICAMP             | 47                         | 47                                | 94                          |
| UFPB                | 16                         | 33                                | 49                          |
| UNISINOS            | 22                         | 19                                | 41                          |
| UFMT                | 8                          | 25                                | 33                          |
| UFPA                | 10                         | 20                                | 30                          |
| UFRN                | 8                          | 22                                | 30                          |

|          |    |    |    |
|----------|----|----|----|
| UFPEL    | 11 | 16 | 27 |
| UFMS     | 15 | 19 | 24 |
| UNINOVE  | 1  | 17 | 18 |
| UERJ     | 7  | 10 | 17 |
| UFES     | 6  | 7  | 13 |
| UNIOESTE | 0  | 13 | 13 |
| UEPG     | 3  | 3  | 6  |
| UFFS     | 0  | 1  | 1  |

**Fonte:** elaborada pela autora.

Realizou-se uma terceira busca por '**História de Mulheres**', utilizando apenas o recorte temporal de 2000 a 2020, e obtivemos **7.192 (sete mil, cento e noventa e dois)** resultados. A USP foi a universidade com maior número de publicações, com 722 (setecentas e vinte e duas). Na UFG, temos 167 (cento e sessenta e sete) publicações. Porém, nenhuma no Programa de Pós-Graduação em Educação. Segue tabela 4 com os programas da UFG que publicaram teses e dissertações relacionadas ao tema, bem como o quantitativo em cada programa.

**Tabela 4:** Programas de Pós-graduação da UFG que tiveram pesquisas publicadas entre os anos de 2000 a 2020 relacionadas a “história das mulheres”

| <b>Programa de Pós-Graduação</b>                      | <b>Número de pesquisas publicadas</b> |
|---|---------------------------------------|
| Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas    | 16                                    |
| Programa de Pós-Graduação em História                 | 13                                    |
| Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde        | 11                                    |
| Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (RC)   | 10                                    |
| Programa de Pós-Graduação Sociologia (FCS)            | 9                                     |
| Programa de Pós-Graduação Arte e Cultura Visual (FAV) | 7                                     |

**Fonte:** elaborada pela autora.

Outra busca foi realizada utilizando o filtro Pós-Graduação em Educação no recorte temporal de 2000 a 2020 e encontramos 257 (duzentos e cinquenta e sete) resultados para a busca '**História de Mulheres**'. Abaixo relacionamos o quantitativo de publicações com suas respectivas universidades na tabela 5.

**Tabela 5:** Quantitativo de teses e dissertações publicadas relacionadas a História das Mulheres, bem como as universidades que pesquisaram sobre o tema.

| <b>Universidade</b> | <b>Quantidade de Teses</b> | <b>Quantidade de Dissertações</b> | <b>Total de publicações</b> |
|---------------------|----------------------------|-----------------------------------|-----------------------------|
| UNICAMP             | 25                         | 21                                | 53                          |
| UEPB                | 9                          | 22                                | 32                          |
| UFMT                | 7                          | 16                                | 23                          |
| UFRN                | 18                         | 5                                 | 23                          |
| UNISINOS            | 11                         | 12                                | 23                          |
| UFMS                | 4                          | 16                                | 20                          |
| UFPA                | 7                          | 12                                | 19                          |
| UFPEL               | 9                          | 8                                 | 17                          |
| UERJ                | 4                          | 9                                 | 13                          |
| UNINOVE             | 1                          | 10                                | 11                          |
| UNIOESTE            | 0                          | 11                                | 11                          |
| UFES                | 3                          | 3                                 | 6                           |
| UEPG                | 2                          | 3                                 | 5                           |
| UFFS                | 0                          | 1                                 | 1                           |

**Fonte:** elaborada pela autora.

Afim de cruzarmos os dados, realizamos nova busca e obtivemos **7.196** (sete mil, cento e noventa e seis) resultados para a busca '**Mulheres; História de Mulheres**', para o recorte temporal de 2000 a 2020. A USP continua em primeiro lugar, com 722 (setecentas e vinte e duas) publicações. A UFG com 167 (cento e sessenta e sete) publicações, neste recorte temporal. Na UFG, 6 (seis) programas de Pós-Graduação pesquisaram sobre a temática. Porém, o Programa de Pós-Graduação em Educação não teve publicações neste viés. Abaixo, tabela 6 dos programas de Pós-Graduação da UFG com publicações nessa temática.

**Tabela 6:** Programas de Pós-graduação da UFG que tiveram pesquisas publicadas entre os anos de 2000 a 2020 relacionadas a “Mulheres; História das Mulheres”.

| <b>Programa de Pós-Graduação</b>                   | <b>Número de pesquisas publicadas</b> |
|--|---------------------------------------|
| Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguísticas | 16                                    |

|   |    |
|---|----|
| Programa de Pós-Graduação em História                 | 13 |
| Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde        | 11 |
| Programa de Pós-Graduação Estudos da Linguagem (RC)   | 10 |
| Programa de Pós-Graduação Sociologia (FCS)            | 9  |
| Programa de Pós-Graduação Arte e Cultura Visual (FAV) | 7  |

**Fonte:** elaborada pela autora.

Por fim, nova busca foi feita filtrando por Pós-Graduação em Educação no recorte temporal de 2000 a 2020, tendo como resultados **249 (duzentas e quarenta e nove)** publicações para a busca '**mulheres; História das Mulheres**', apresentadas na tabela 7 a seguir:

**Tabela 7:** Quantitativo de teses e dissertações publicadas relacionadas a Mulheres; História das Mulheres, bem como as universidades que pesquisaram sobre o tema.

| <b>Universidade</b> | <b>Quantidade de Teses</b> | <b>Quantidade de Dissertações</b> | <b>Total de publicações</b> |
|---------------------|----------------------------|-----------------------------------|-----------------------------|
| UNICAMP             | 25                         | 21                                | 46                          |
| UEPB                | 9                          | 22                                | 31                          |
| UFMT                | 7                          | 16                                | 23                          |
| UFRN                | 18                         | 5                                 | 23                          |
| UNISINOS            | 11                         | 12                                | 23                          |
| UFMS                | 4                          | 16                                | 20                          |
| UFPA                | 7                          | 12                                | 19                          |
| UFPEL               | 9                          | 8                                 | 17                          |
| UERJ                | 4                          | 9                                 | 13                          |
| UNINOVE             | 1                          | 10                                | 11                          |
| UNIOESTE            | 0                          | 11                                | 11                          |
| UFES                | 3                          | 3                                 | 6                           |
| UEPG                | 2                          | 3                                 | 5                           |
| UFFS                | 0                          | 1                                 | 1                           |

**Fonte:** elaborada pela autora.

Distribuídos pelas 5 (cinco) regiões do país, o Brasil possui 193 (cento e noventa e três) programas de pós-graduação em Educação, dentre os quais apenas 14 (quatorze) destes

programas possuem pesquisas entre teses e dissertações sobre a temática relacionada à mulher. Além disso, podemos perceber um número bem reduzido relacionado ao tema nos programas de Pós-Graduação em Educação. Quando utilizamos o filtro “mulheres”, no recorte temporal de 2000 a 2020, percebemos que apenas 1,4% (um inteiro e quatro décimos por cento) das pesquisas relacionadas às mulheres são de Programas de Pós-Graduação em Educação.

A mesma redução acontece quando filtramos por “História de mulheres”. No mesmo recorte temporal, há apenas 3,58% (três inteiro e cinquenta e oito décimos por cento) das pesquisas relacionadas ao tema nos Programas de Pós-Graduação em Educação. Não consta na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BTDT), nos programas de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Goiás, estudos relacionados ao tema. Filtramos por “Mulheres”, “História de Mulheres” e “Mulheres; História de Mulheres” no recorte temporal de 2000 a 2020 e não consta nenhum registro de tese ou dissertações relacionadas a filtragem. Porém, vários fatores podem influenciar, como por exemplo as linhas de pesquisas que alguns programas possuem, que talvez não abranja a temática.

Essa pesquisa junto a BTDT foi realizada no final do ano de 2020. Posterior a isso, ainda em busca por dissertações, artigos ou teses que colaborassem com a pesquisa, encontramos um artigo recém publicado, fruto de uma pesquisa desenvolvida no mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal Farroupilha (IFFar) – campus Jaguari, publicado por Balsamo e Paniz (2021), em que as autoras fazem um estudo de caso sobre a mulher no curso Técnico em Agropecuária do Ensino Médio Integrado do campus “A” do IFFar.

Nesse estudo de caso, buscou se, a partir de questionários semiabertos aplicados tanto a alunas quanto a professoras e documentos da própria instituição, compreender como essas mulheres vem vivenciando um curso masculino. As autoras concluem o artigo dizendo que apesar do aumento do número de mulheres no referido curso e das Políticas Públicas, ainda se tem um preconceito com as mulheres no curso, acontecendo também com as mulheres que decidem frequentar o curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano - Campus Urutaí. Desta forma, quando elegemos as mulheres do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano Campus - Urutaí a fim de conhecer suas histórias de vida, estamos realizando uma pesquisa significativa.

Para o desenrolar desta pesquisa, com intuito de buscar uma relação entre mulher, instituição, história de vida, o processo de biografização e Identidade, utilizamos como principal suporte teórico as ideias de Anthony Giddens (1991), para conversar no texto sobre instituição e modernidade; Cristhine Delory-Momberger (2008-2011), Maria da Conceição

Passeggi (2012) e Antonio Bolívar (2012) para nos dar sustentação teórica com relação ao processo de biografização; para as histórias de vida utilizamos como base teórica Gaston Pineau (2006), Pierre Dominicé (2006) e António Nóvoa (2010); na produção de identidade, utilizamos Claude Dubar (2009) e Stuart Hall (2006). Contribuindo no que tange as histórias das mulheres temos, Joan Scott (1992;1995); Michelle Perrot (1992); Heleieth Saffioti (1976; 1987; 2004); Mary Del Priore (2017); Louise Tilly (1994) e Maria Amélia de Almeida Teles (1993). E contribuindo sobre narrativas temos como base teórica Cristhine Delory-Momberger (2011; 2008; 2012); Galvão (2005), Josso (2007); Antonio Bolívar (2012); Lani Bayle (2012); Costa e Medeiros (2009); Brandão e Germano (2009).

## **CAPÍTULO I**

### **BIOGRAFIZAÇÃO E HISTÓRIA DE VIDA**

O objetivo deste capítulo é discorrer sobre biografização e história de vida. O caminho que aqui percorreremos nos dará suporte teórico para posteriormente entendermos as histórias de vida de mulheres que frequentaram o curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí. Temos como referência, autores como Cristhine Delory-Momberger (2008;2012); Maria da Conceição Passeggi (2012); Antonio Bolívar (2012); Claude Dubar (2009); Stuart Hall (2006); Anthony Giddens (1991). Iniciamos este caminho percorrendo ideias de identidade-modernidade. Em seguida, trataremos da biografização para entendermos como ocorre este processo e finalizaremos refletindo sobre as histórias de vida.

#### **1.1 Identidade – Modernidade**

Cada dia é um novo dia, uma nova oportunidade de se constituir e reconfigurar a nossa história, nossas histórias de vida! Todos os dias, temos uma nova oportunidade de viver, talvez viver tudo aquilo que sempre sonhamos, ou viver momentos ruins, de tristeza ou turbulência, que não imaginávamos passar, através destes momentos, sejam eles bons ou ruins, é que vamos nos reorganizando, nos projetando no futuro, construindo nossa identidade e história de vida.

Pensando nisso, e ainda, que o processo de biografização e história de vida tem forte ligação com a questão da identidade, iniciamos esta viagem, percorrendo pelos caminhos da identidade, pelo viés da modernidade, levando para o contexto de construção de identidade feminina. Isso se justifica porque o público alvo desta pesquisa foram mulheres que frequentaram o curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí, por ser um curso, em sua maioria, pensado para os homens. Intuímos que essas mulheres as quais estiveram inseridas ali, sofreram influência disso na construção de sua identidade pessoal, social e cultural.

Frente a este cenário, a viagem que propomos fazer se inicia inserindo em nossa bagagem intelectual, conceitos de identidade do sujeito através do tempo, para que possamos compreender o conceito de identidade que temos hoje. Para isso, trazemos Hall (2006) e Dubar (2009). Convidamos também para esta viagem Giddens (1991), para que possamos discorrer sobre modernidade e identidade.

Hall (2006, p. 10-11) traz três concepções de identidade do sujeito: iluminista, sociológico e pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo.

No iluminismo, tem-se um sujeito que basicamente seria o espelho de suas vivências e comportamentos, desde o seu nascimento e ao longo de sua existência. Esse sujeito permanecia o mesmo sem alteração ou modificação da maneira como era ou se portava diante de convívios sociais, ou seja, o sujeito do iluminismo não sofria influência do lugar ou meio ao qual estivesse inserido, sua identidade era de um ser de razão e ação, centrado no âmbito familiar, tinha como característica o que foi absolvido desde o seu nascimento. O sujeito do iluminismo era frequentemente masculino e visto como o centro do universo, como ser central e racional.

O sujeito sociológico, por outro lado,

refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura dos mundos que ele/ela habitava (HALL, 2006, p. 11).

Esse sujeito sociológico constrói a sua identidade a partir das relações sociais que experimenta, relações também diferentes do âmbito familiar. Seria um sujeito do tempo moderno, nascendo junto com a modernidade. Pensando nisso e no que diz respeito à questão da mulher na sociedade e suas relações sociais, as conquistas que elas tiveram ao longo do tempo não foram gerais, pois dependia do meio ao qual esta mulher estivesse inserida. Essas condições que a mulher teria de socialização serviria para desvendá-las, e assim passar a enxergar um mundo, formando deste modo, sua identidade própria. Conforme Hall (2006, p. 11-12):

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então,

costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e previsíveis.

A construção de identidade acontece através de nossas vivências, o meio cultural e social ao qual estamos inseridos. Não nascemos prontos com uma identidade estática, vamos construindo e moldando-a conforme as nossas experiências de vida, através das relações sociais e, além disso, interiorizamos identidades culturais, sofremos influência do lugar ao qual ocupamos na sociedade.

Esta construção de identidade, para cada indivíduo, terá uma importância e um significado diferente. Pensando nessa relação entre lugar e identidade, surgem várias identidades as quais um mesmo sujeito pode vivenciar, por exemplo, a mulher tem sua identidade de mãe, dona de casa e esposa, quando está no lar. Quando está em seu emprego ela assume identidade de assalariada, a identidade da profissão a qual exerce, por exemplo, identidade de professora, médica, dentre outras profissões. Porém, as mudanças desses sujeitos não param por aí, conforme a necessidade humana e sofrendo forte influência da globalização surge então a identidade do sujeito pós-moderno.

A partir do sujeito sociológico, nasce o sujeito pós-moderno. Ele pode ter várias identidades, ou seja, não tem uma identidade fixa. Sobre isso, Hall diz que, “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente” (HALL, 2006, p. 13). Este sujeito modifica sua identidade constantemente e assume múltiplas identidades, e isso não tem mais relação com o lugar ou o meio ao qual esteja inserido, pois este sujeito, através dessas múltiplas identidades, adere a várias facetas, o que o permite participar de várias relações sociais diferentes, e se sincronizar em várias tribos. Segundo Hall (2006, p. 7), “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado”.

Através das modificações sociais e intensa globalização, é possível dizer que a identidade pessoal é o que temos de mais íntimo e particular. Ela é única, é uma identidade para si. Já o que externamos para o outro seria uma identidade social. Sobre identidade social, Santos (2005, p. 126) afirma “a identidade social enquanto processo (e não como uma ‘coisa’) é uma negociação permanente com aqueles que nos rodeiam, fruto de acordos e desacordos, numa mudança aberta e que organiza as nossas relações com os outros”.

A identidade social nasce a partir das relações sociais as quais são responsáveis por vários tipos de identidade que um indivíduo assume na sociedade. A exemplo disso temos: a

identidade de gênero, identidade cultura, identidade linguística, identidade social, identidade visual, identidade narrativa, dentre várias formas de se representar no universo social.

Dubar (2009, p. 175) fala sobre identidade pessoal e identidade narrativa:

A identidade pessoal só se torna narrativa se for relatada. É no e através do relato de si próprio que o si íntimo, reflexivo se torna uma história, uma gênese e até mesmo uma cronogênese que implica um significado subjectivo do tempo, de si como história [...] A identidade narrativa é uma construção, em situação, por um sujeito, dum agendamento das suas experiências significantes.

Além disso, através da narrativa exteriorizamos a identidade pessoal a qual construímos no decorrer do tempo. Com isso estamos tornando a identidade pessoal, aquela que é para si mesmo, em identidade narrativa, possuindo uma característica particular, pois é através dela que realizamos um processo de reflexão de nossas experiências de vida, fazendo-nos ressignificar nossas histórias e identidade pessoal.

Paul Ricoeur (1983,1984,1985) chamou de “identidade narrativa”, associando essa capacidade humana de relacionar tempos e pessoas à constituição de cada um em particular: a narrativa que faço me constrói, tornando – me autor de minha vida e não simplesmente ator submetido a ela (LANI - BAYLE, 2012, p. 61-62).

Conforme o exposto, vemos que a narrativa traça uma dinâmica temporal de interações com o outro, de modo que esteja presente o “eu” do passado, o “eu” de hoje e o “eu” do futuro. Conforme Jerôme Bruner (2002, p.77), “O Eu é resultado de nossas narrativas” (apud LANY-BAYLE, 2012, p. 72).

Pensando nas ideias de identidade apresentadas até o momento, prosseguimos dizendo visto que é nas sociedades tradicionais que o indivíduo sofre forte influência do lugar e do tempo histórico o qual esteja imerso e nas sociedades modernas os indivíduos buscam uma certa individualização, logo podemos dizer então que as primeiras mulheres inseridas no curso Técnico em Agropecuária, certamente sofreram essas influências e as alunas formadas recentemente não sofreram tanto essa influência, pois estariam vivenciando uma sociedade de caráter moderno. O que de fato se relaciona com as narrativas através do tempo é sobre o que eu sou hoje, veio sofrendo modificações no decurso de toda vida.

Delory – Momberger (2008, p. 71-72) afirma que:

Nas sociedades modernas, ao contrário, devido à diferenciação das funções, da diversificação dos papéis, da multiplicação das redes, as relações entre os

lugares sociais e o vivido ou o sentido pelos indivíduos deixam de existir: a representação individual não coincide mais com a representação do lugar ou do conjunto de lugares ocupados.

Entendemos que essas características da modernidade caminham junto com a globalização, pois com um mundo cada vez mais globalizado houve também a necessidade de divisões de papéis específicos, contribuindo para a individualização do indivíduo como ser social. Essa diferenciação de funções, vemos claramente no filme *Tempos Modernos* de Charles Chaplin, o personagem Carlitos tenta se estabelecer no mundo profissional e social em uma sociedade cada vez mais inovada tecnologicamente, em processo de globalização. No filme, vemos que na fábrica cada um tem a sua função e os funcionários das fábricas são individualizados conforme suas funções.

Com isso, tendo em vista que os indivíduos na sociedade tradicional têm sua identificação a partir do lugar ao qual estão inseridos ou do papel que exercem, na sociedade moderna esta característica desaparece. Nasce o individualismo.

O individualismo é, assim, uma produção da evolução social: nas sociedades tradicionais, o indivíduo é identificado e se identifica pelo lugar e pelo papel que ocupa no grupo; ele não reivindica nenhum retraimento que o isolaria e o singularizaria de seu grupo de pertencimento e que introduziria uma distância entre ele e seu papel (DELORY-MOMBERGER, 2008, pág. 71-72).

Ainda no sentido de individualização social, Delory-Momberger (2012, p.21) diz que ela é fruto de um aspecto particular, natural da sociedade moderna, devendo diferenciar-se, mesmo que a afinidade entre eles seja de caráter histórico e cultural. O individualismo vem a partir das novas necessidades da sociedade. De acordo com Bolívar (2012, p. 28, tradução nossa) “em um mundo globalizado, as pessoas sentem a necessidade imperiosa de se individualizar, de serem referências de identidade, onde o refúgio em si mesmas se torna um ponto de apoio seguro”<sup>2</sup>.

Há algo de positivo na forma com que cada indivíduo se reorganiza e se pensa como ser individual. Ele tem a possibilidade de configurar a sua identidade a seu modo, como algo singular, mostrando-se como ser social único. Esse modo de individualização é característico de sujeitos na modernidade.

---

<sup>2</sup> “*Em um mundo globalizado, la gente siente una necesidad imperiosa de individualizarse, de contar com referentes identitários, donde el refugio en el propio yo se convierte en un asidero seguro*” (BOLÍVAR, 2012, p. 28).

Giddens (19991, p. 8) ressalta: “[...] digamos simplesmente o seguinte: "modernidade" refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. A modernidade foi criada pelos homens e para os homens os quais dominam os comércios, as indústrias, os cargos de confiança e enquanto isso, a mulher fica restrita apenas aos cuidados das crianças, às refeições da família, às atividades relacionadas apenas ao lar e a procriação.

Mesmo tendo uma evolução industrial e social, a sociedade ainda vê o homem como o único ser capaz de criar, fazer e realizar em muitos campos da vida, inclusive profissional, e isso ocorre também nas Instituições Escolares, como o Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí, instituição caracterizada inicialmente, de caráter masculino.

Por consequência disso, entendemos que o lugar de fala, quando essas mulheres contam sobre quando frequentaram o curso, é um lugar onde não destinou-se para mulheres, tanto é que o sentimento dessas meninas é que no curso elas eram como se fosse um homem, certamente contribuiu a leva-las a caminhos para com a construção de suas identidades, caminhos estes que teriam sido diferentes, a depender da influência do curso sobre elas.

Josso diz que:

Às constatações que questionam a representação convencional de uma identidade, que se poderia definir num dado momento graças à sua estabilidade conquistada, e que se desconstruía pelo jogo dos deslocamentos sociais, pela evolução dos valores de referência e das referências socioculturais, junta-se a tomada de consciência de que a questão da identidade deve ser concebida como processo permanente de identificação ou de diferenciação, de definição de si mesmo, através da nossa identidade evolutiva, um dos sinais emergentes de fatores socioculturais visíveis da existencialidade (JOSSO, 2007, pág. 415- 416 – Grifo da autora).

A identidade de um indivíduo se relaciona, dessa forma, à sua existencialidade cultural e social. No caso da mulher, não custa dizer, ela constrói várias identidades, como: a identidade de assalariada, de mãe, de esposa, dona de casa, responsável pelo lar, dentre várias outras que a mulher foi construindo por toda extensão de suas vivências. Essas identidades se constituem através do processo de biografização.

Delory-Momberger ressalta que “tal atividade de *biografização* apresenta-se como uma *hermenêutica prática*, um marco de estruturação e de significação da experiência que permite ao indivíduo criar uma *história* e uma forma própria – uma *identidade* ou *individualidade* – para *si mesmo*” (DELORY – MOMBERGER, 211, pág. 342 - Grifo da autora).

Percebemos então, a importante relação existente entre o processo de biografização e identidade, sendo que a biografização seria um processo de associação de sensações internas,

com o mundo externo sociável, e a identidade a qual construo diz muito sobre quais serão as principais interações sociais que venhamos a ter. O mundo no qual vivemos é um mundo que nós mesmos construímos através do processo de biografização, mundo este que pode ser geral (o mundo de todos) ou individual (o mundo do meu “eu”).

## **1.2 Processo de Biografização**

Sobre biografia, Delory- Momberger diz que:

A biografia poderia ser definida como uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções sócio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos. Tal atividade de biografização apresenta-se como uma hermenêutica prática, um marco de estruturação e de significação da experiência que permite ao indivíduo criar uma história e uma forma própria – uma identidade ou individualidade – para si mesmo (DELORY-MOMBERGER, 2011, p.342).

A biografização nos é posta conforme os processos de modernização. Com o advento das sociedades modernas os indivíduos sentiram a necessidade de uma individualização e de serem únicos. Delory-Momberger (2008, p. 63) contribui dizendo que “A construção biográfica inscreve-se numa dinâmica temporal que articula estreitamente três dimensões – passado, presente e futuro -, mas na qual a projeção do por-vir desempenha um papel motriz”. Neste articular passado, presente e futuro temos a oportunidade de refletir sobre quem fomos um dia, na pessoa que somos hoje, de forma a reinventar um presente e futuro melhores do que já se foi.

O processo de biografização nos leva a refletir sobre toda nossa história e nossa vida, nos direciona a voltar no eu do passado, o que de alguma maneira influencia o eu do presente e do futuro, em que estes vários “eus” sofrem influência do tempo e do espaço inseridos e isso acontece quando contamos nossas histórias de vida.

A biografização é entendida também como:

[...] um trabalho de interpretação (busca de sentido) e um trabalho de textualização (escrita ou oral), pelos quais o narrador organiza os fatos pessoais temporais de sua história (autobiografia) ou da história de outrem (biografia), mediante apropriação de um gênero discursivo, culturalmente herdado (PASSEGGI; ABRAHÃO; DELORY-MOMBERGER, 2012, p.35).

Delory- Momberger afirma que:

Ao projetar o passado pela construção biográfica, cada acontecimento, cada personagem, cada fala pronunciada encontra sua função e seu sentido, segundo o lugar que ocupa na conexão do projeto de si e dos projetos particulares que puxam a “história” para o seu final, isto é, para a realização hipotética daquilo que a projeta para o possível e que a justifica retrospectivamente (DELORY- MOMBERGER, 2008, p. 66).

Quando contamos/narramos algo, nos projetamos. Contamos aquilo que importa para nós e a partir de cada vivência, de cada acontecimento, absorvemos o que nos é importante. Também é necessário ouvir o outro, sendo que a partir da narrativa do outro, construímos uma interação entre a escrita de si e temos então uma posição autobiográfica, relacionando também, de alguma maneira, com a nossa própria história de vida. “Histórias orais dão passado histórico às pessoas nas suas próprias palavras. E ao dar-lhes um passado, também as ajuda a criar um futuro” (GALVÃO, 2005, p. 330).

O indivíduo, a partir de suas experiências em “seu universo particular”, vai interiorizando e construindo suas representações. Há um processo de transformação dos seres e das coisas que está ligado diretamente ao tempo, ou seja, a partir de suas experiências e vivências de mundo, o indivíduo vai moldando sua própria biografia. Esta é uma característica importante da construção de si, de sua biografia e história.

Bolívar (2012, p. 85, tradução nossa) diz que “os sujeitos reconstróem retrospectivamente o que foram as várias vivências, ações ou experiências que aconteceram a eles em certos contextos sociais, pessoais ou profissionais”<sup>3</sup>. Os indivíduos reconstróem, a partir de suas narrativas, ações, vivências que outrora estiveram adormecidas em sua história, o que de fato tem forte relação com os contextos sociais, profissionais e pessoais, ao qual este indivíduo esteve ou está inserido.

Delory – Momberger (2012) aponta que “o objetivo da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524).

Sobre investigação biográfica, Bolívar (2012, p. 85, tradução nossa) afirma:

---

<sup>3</sup> “Los sujetos reconstruyen retrospectivamente lo que han sido las diversas vivencias, acciones o experiencias que les han sucedido em determinados contextos sociales, personales o profesionales” (BOLÍVAR, 2012, p. 85).

O objetivo de uma pesquisa biográfica é a narração da vida, principalmente por meio da reconstrução (mas também das expectativas e perspectivas futuras). Nas entrevistas biográficas, os sujeitos são induzidos a reconstruir sua história de vida, por meio de um conjunto de questões temáticas que estimulam o entrevistado a relatar sua vida<sup>4</sup>.

Ao confrontarmos os objetivos apontados por Delory -Momberger e Bolívar, ambas as ideias publicadas no mesmo ano, entendemos que a pesquisa biográfica objetiva principalmente em dar sentido à história de cada indivíduo através de um processo de rememoração pela sua narrativa, interligando passado, presente e futuro. Em pesquisas narrativas biográficas, os indivíduos que participam da pesquisa passam a reconstruir suas histórias.

Ainda neste sentido, sobre pesquisa biográfica, Delory – Momberger diz que:

[...] a pesquisa biográfica estabelece uma reflexão sobre o agir e o pensar humanos mediante figuras orientadas e articuladas no tempo que organizam e constroem a experiência segundo a lógica de uma *razão narrativa*. De acordo com essa lógica, o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, de uma vida (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524-525).

A partir da narrativa é possível refletirmos sobre nosso agir humano através do tempo, desta maneira, refletimos sobre nossa história, articulando-a a momentos vividos, momentos estes que nos levaram a experiências de vida. Experiências para a vida, que construímos em um tempo vivido, tempo chamado de tempo biográfico, isso é possível através de nossas percepções de mundo social.

Ao interagirmos com outros seres, somos constituídos dessa relação social existente. Delory-Momberger aponta que “a postura específica da pesquisa biográfica é a de mostrar como a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um *tempo biográfico* se situa na origem de uma percepção e de uma elaboração peculiar dos espaços da vida social” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524, *Grifo da autora*).

Todo ser humano manifesta de alguma forma suas ações comportamentais e atitudes através de escritas, falas, ou memórias, mesmo que de forma inconsciente. A retomada de uma história vivida nos leva a repensar sobre ela, recordar atitudes que certamente o levou onde está

---

<sup>4</sup> “El objetivo de una investigación biográfica es el narración de la vida, mediante una reconstrucción principalmente (aunque también las expectativas y perspectivas futuras). En las entrevistas biográficas los sujetos son inducidos a reconstruir su historia de vida, mediante un conjunto de cuestiones temáticas que van estimulando que el entrevistado recuente su vida” (BOLÍVAR, 2012, p. 85).

hoje. Neste sentido, é possível refletir a cerca dessas memórias e agir em função da mudança do futuro, traçando novos caminhos para a vida. Segundo PASSEGGI; ABRAHÃO; DELORY-MOMBERGER (2012, p. 43-44):

Na elaboração da narrativa de sua vida, o narrador se apropria do tempo cronológico e o transforma em tempo humano, à escala de uma vida, em que o passado inaugura começos. A expectativa é que pelo processo de biografização, a pessoa compreenda as marcas de sua historicidade para ir além da imediatez do tempo cronológico e venha tomar consciência que pode examinar o passado a luz do presente e projetar-se no futuro: o que me tornou quem sou? por que penso desse modo? Em que e como posso mudar minha vida?

Através da fala, o indivíduo é capaz de voltar no tempo, nesse retornar ao tempo é possível que haja uma retomada de consciência sobre os vários “eus” que o indivíduo foi ao longo de sua vida. Digamos vários “eus”, pois nossa identidade está em constante mudança, o “eu” do passado, não é o meu “eu” do presente e assim vice e versa, esse processo de biografização nos remete a um momento de (re) construção de si à luz do que foi vivido através da narrativa. A atividade biográfica é uma forma do indivíduo expressar a relação de sua história e o meio que viveu, levando em consideração as diversas experiências que cada um carrega consigo mesmo.

Sobre atividade biográfica:

A atividade biográfica se reporta, em primeiro lugar, a uma atitude mental e comportamental, a uma forma de compreensão e de estruturação da experiência e da ação, exercendo-se de forma constante na relação do homem com sua vivência e com o mundo que o rodeia. A utilização dos termos *biografia* e *biográfico* para designar não a realidade fatural do vivido, e sim o campo de representações e de construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência, enfatiza até que ponto essa compreensão narrativa da experiência se apresenta como uma *escrita*, isto é, como um modo de apreensão e de interpretação da vivência, com sua dinâmica e sua sintaxe, seus motivos e suas figuras (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 525).

Ao reportar sobre si, relembramos que para construção de nossas vidas tivemos a participação, direta ou indireta, de outras pessoas. Além disso, a sociedade também é um dos fatores importantes para delinear uma história. “O falar de si recobre, por sua vez, formas diversas que têm relação com a pluralidade dos objetivos enunciativos e dos tipos discursivos que elas põem em funcionamento” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 525).

Ao biografar-se, o indivíduo reconhece seu passado e perspectiva seu futuro. Esse projetar-se para o passado e para o futuro é praticamente compulsório, na medida em que se pensa numa individualidade.

A “biografia” não é mais, a partir de então, unicamente o feito de indivíduos que circunstâncias excepcionais ou talentos particulares [...] ela impõe a todos como uma obrigação de individualidade e singularidade. A injunção da “vida própria” tem sua contrapartida imediata num imperativo biográfico o qual nos intima a sermos “donos e possuidores” da história de nossa vida (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 78).

O processo de biografização e o projeto de si tem forte relação com a individualização, ou seja, uma construção de uma personalidade sua e única. E a partir dessa “personalidade” é que os indivíduos foram ganhando cada vez mais espaços na sociedade, deixando de participar apenas naqueles espaços destinados a ele. Talvez esse processo contribuiu para a inserção dessas mulheres em um curso dito que não era para elas, caracterizado como um curso masculino, como é o curso Técnico em Agropecuária.

O processo biográfico ocorre como o processo de crescimento de uma árvore, a árvore em seus piores momentos, mesmo que na seca, consegue se resignificar e logo, logo reflorescer e nos dar sombra. Assim acontece conosco mesmo em dias tão sombrios, tiramos daquilo algo de bom, algo que daqui a um tempo nos faça refletir e com isso nos dar novas direções, ou seja, reflorescer como pessoa e através de nossas vivências e história de vida, outrora dar sombra ao outro. Segundo Bolívar (2012, p. 31, tradução nossa) “a pesquisa biográfico-narrativa, além de uma metodologia de coleta e análise de dados, tornou-se hoje uma perspectiva própria, como uma forma legítima de construir conhecimento na pesquisa educacional e social<sup>5</sup>”.

A biografia é como dar voz ao vivido, reascender momentos e vivências dentro de si, resignificar momentos que outrora não tinham tanta relevância. Biografar-se é renascer através do próprio discurso. Relatos como de um militar que participou da segunda guerra mundial, de Santos Dumont quando fez o seu primeiro vôo, William Shakespeare quando deu voz a um dos melhores romances da história: Romeu e Julieta, são exemplos de processos de biografização de alguns nomes importantes na história, todos esses exemplos fazem

---

<sup>5</sup> “La investigación biográfica-narrativa, además de una metodología de recogida-análisis de datos, se ha constituido hoy en una perspectiva propia, como forma legítima de construir conocimiento en la investigación educativa y social” (BOLÍVAR, 2012, p. 31).

ressignificar uma história vivida e cada um com seu jeito singular tem a sua própria e não menos importante, história de vida!

### **1.3 História de vida**

Historicamente, a utilização das histórias de vidas, como método de investigação qualitativa, começa a ter destaque no ano de 1980. Desde então, as pesquisas sobre histórias de vida vão se consolidando, inclusive a partir da criação de associações e congressos específicos, como é o caso no Brasil do CIPA – Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica. Pineau (2006, p. 331) ressalta que:

[...] três períodos se destacam na história do movimento das histórias de vida de 1980 a 2005: um período de eclosão (os anos de 1980), um período de fundação (os anos de 1990), e, finalmente, um período de desenvolvimento diferenciador (os anos de 2000, cf. Quadro 1).

Esses três grandes momentos contribuíram para que as pesquisas com histórias de vida se mostrassem no meio acadêmico, inicialmente das ciências humanas, como um método de investigação de alta performance, sendo possível construir singularidades do ser social a partir de suas histórias. Pineau (2006, p. 338) aponta que:

Tendo entrado de “contrabando” no campo das ciências humanas e da formação no início dos anos de 1980, as histórias de vida estão hoje na encruzilhada da pesquisa, da formação e da intervenção, onde se entrecruzam outras correntes tentando refletir e exprimir o mundo vivido para dele extrair e construir um sentido.

Pineau faz este apontamento em 2006. Sabemos que hoje, utilizar - se das histórias de vida como método de pesquisa se faz cada mais presente em vários campos de investigação, especialmente na Educação. As histórias de vida se fazem de grande valia, uma vez que representam o fio condutor entre a vida de cada indivíduo e o contexto social e cultural no qual esteja imerso. Elas evidenciam e ressaltam um dado momento do vivido.

Pineau (2006, p. 335) afirma que “a série História de vida, mais narrativa, reflete a expressão direta dos atores sociais às voltas com o correr da vida ao darem uma forma e um sentido a ela”. A narrativa se relaciona diretamente com as histórias de vida, é por meio delas que se é possível compreender histórias de vidas de cada indivíduo, uma vez que cada um tem a sua história em particular e ouvir as narrativas se faz de grande importância neste

entendimento. Destacamos a relação entre narrativa e história de vida, sendo que quem narra passa a ser ator principal de sua própria história, ressignificando-a. Delory-Momberger afirma que:

O que *dá forma* ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. A narração não é apenas o instrumento da *formação*, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo *toma forma*, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.56. Grifos da autora).

Compreende-se como as narrativas de nossas histórias de vida fazem com que nossa vida ganhe sentido. Vemos algumas pesquisas apontando que após o século XVIII, o que antes era de interesse apenas das histórias de vida de pessoas conhecidas e da elite, passa a ser um modo de dar sentido à vida, desta maneira, amplia os estudos também sobre as histórias de vida de pessoas anônimas.

Dominicé (2006, p. 349) diz que:

Os relatos de vida, tal qual são produzidos no procedimento da biografia educativa, constituem, sob esse ponto de vista, um material que permite aprofundar, no seio de uma população homogênea de aprendizes adultos, a transformação das lógicas de construção biográfica.

As histórias de vida dão sentido ao vivido, objetivam um sentido temporal da existência individual. Sobre esse entrelaçar-se, Nóvoa afirma que:

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram - se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos da vida (NOVOA, 2010 p. 167).

Nóvoa e Finger (2010, p. 24) afirmam que “o método biográfico permite que cada pessoa identifique na sua própria história de vida aquilo que foi realmente formador”. Levando em consideração o que foi dito pelos autores, entendemos a importância de pesquisas que tendem a olhar para as histórias de vida, as quais estimulam a autoformação e contribuem para a tomada de consciência coletiva e individual.

Quando contamos nossa história de vida para alguém, escolhemos aquilo que para nós tem grande relevância. Lani - Bayle (2012, p. 65) diz que:

De acordo com Gaston Pineau, esse procedimento metodológico das “Histórias de vida” é uma busca de sentido a partir de fatos temporais pessoais vividos. Ele cria a memória entre passado e futuro, entre o fazer e o dizer. É uma prática de produção de si mesmo que contribui para que cada um “tome em mãos” a própria vida.

As histórias de vida nos dão oportunidade para revisitar momentos que vivemos ao longo de nossas vidas.

Para o movimento socioeducativo das histórias de vida em formação e da pesquisa autobiográfica em educação, refletir e escrever sobre as experiências e expectativas de vida, justifica-se pela mirada de uma formação – emancipação, cujas origens estão culturalmente enraizadas no poder - emancipador do retorno reflexivo sobre si mesmo - conhece-te a ti mesmo e conheceras os deuses e o universo (PASSEGGI; ABRAHÃO; DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 32).

Ao contar sua história, o indivíduo movimenta fatos ocorridos em sua vida. Com isso, mostra sua cultura e reflexividade a respeito do que viveu. Bolívar afirma:

Uma história de vida é construída pela integração de todos os elementos do passado que o sujeito considera relevantes para descrever, entender ou representar a situação atual e enfrentar prospectivamente o futuro. As histórias de vida explicitam e tornam visíveis (para si mesmo e para os outros) o conjunto de percepções, interesses, dúvidas, orientações, marcos e circunstâncias que influenciaram e configuraram, de modo significativo, como a pessoa é e como age (BOLÍVAR, 2011, p. 12-13).

Reviver o passado é como visualizar um arco-íris depois de se molhar na chuva, assim são nossas histórias de vida, um momento vivido no passado talvez não tenha tido tanta significância, mas que no presente, após as chuvas de sensações que vivemos, podemos ver as cores, assim escolhemos quais cores queremos utilizar desta aquarela chamada vida, desenhando assim uma nova história. Segundo Galvão (2005, p. 331):

Histórias constituem elementos dos casos que se estudam e a generalização é sempre problemática, isto é, não podem ser considerados gerais, fatos dizendo respeito a contextos muito particulares. [...] Do mesmo modo, uma história de vida ou o relato de uma experiência pessoal fazem emergir todo o aspecto formativo dos acontecimentos, porque o narrador não pode evitar ser levado a explicar como compreende essa trajetória e quais os referenciais de interpretação que lhe permitiram perceber, analisar e compreender o momento de transformação que relata.

A história de vida é interpretada por várias óticas, especialmente a ótica de quem conta, e quem ouve. Por exemplo, se perguntarmos a uma certa pessoa sobre sua infância, em dois momentos distintos de sua vida, essa pessoa pode oferecer duas versões diferentes. Quem ouve também pode interpretar conforme suas próprias experiências de vida. Isso acontece porque na primeira vez que contamos nossa história, refletimos sobre ela a partir de um tempo e lugar específicos. Se a segunda vez for num tempo e espaço diferentes, a mesma história pode ter outra versão, o que mudará a interpretação.

Segundo Josso (2007, p. 417):

A concepção experiencial da formação de si em todas as suas facetas, dimensões, registros tem, certamente, articulações importantes com o conceito tradicional de identidade, mas ela nos parece muito mais rica que ele porque completa as categorias tradicionais das ciências do humano, dando lugar às vivências refletidas e conscientizadas, integrando assim as dimensões de nosso ser no mundo, nossos registros de expressões, nossas competências genéricas transversais e nossas posições existenciais.

Certo dia li a seguinte frase: “existe uma versão sua no futuro que está orgulhosa por você estar enfrentando tanta coisa difícil sem desistir”. Essa frase me fez pensar que constantemente estamos construindo nossas histórias de vida, possivelmente um dia vamos sentar à sombra de uma árvore e contar nossos momentos e nossas histórias, para um neto, para alguém desconhecido, ou até mesmo reviver momentos preciosos. Isso certamente nos levará a perguntas como: O que me trouxe até aqui? O que me tornou quem sou? Questionamentos como este certamente nos fazem lembrar nossas histórias, dando sentido a elas.

#### **1.4 Considerações parciais do capítulo**

Este capítulo teve como propósito discorrer sobre biografização e história de vida. Nessa discussão inicial embasada em alguns teóricos, direcionou-se teoricamente as ideias de identidade e modernidade, processo de biografização e história de vida, possibilitando pensar sobre nosso objeto de pesquisa que é a relação entre o curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí e a história de vida de mulheres egressas. Isso nos dá suporte teórico para prosseguirmos esta pesquisa. Investimos no que tange às relações as quais temos entre as três ideias citadas anteriormente e o projeto de si, memórias, (re) construção de si, rememoração e reflexividade. Vimos a importância das pesquisas (auto)biográficas na área da

educação que estão diretamente relacionadas à construção individual de cada um, mediada pelo meio social.

Para tanto, compreendeu-se inicialmente sobre a construção de identidade, partindo dos tipos de sujeito: iluminismo, sociológico e pós-moderno. Com isso, foi possível entender como esses sujeitos vão moldando suas identidades através do tempo, sofrendo influências ou não do meio social no qual está inserido, junto com a modernidade nasce um sujeito que sente a necessidade de individualizar-se, uma vez que a sociedade está cada vez mais direcionada e os papéis divididos.

Relacionou-se as ideias de identidade e modernidade às mulheres que frequentaram o curso Técnico em Agropecuária. Essas mulheres construíram suas identidades através também do curso. Em 1979, abre-se as portas para a inserção da identidade feminina no curso, antes predominantemente identidade masculina. Ainda no sentido de construção identitária, a escola está intimamente ligada a isso, por ser um meio o qual há interação entre indivíduos com várias singularidades. Pensando nisso, buscando compreender as histórias de vida de mulheres que frequentaram o curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí, estamos nos remetendo também a essa relação que essas mulheres tiveram com o meio social da instituição em questão.

Entendemos o entrelaçar existente entre a identidade – modernidade, processo de biografização e história de vida. Cada indivíduo se constitui ao longo dos anos e constrói, a partir de suas experiências, sua identidade particular. Com o passar do tempo, desde seu nascer até o presente momento, esse indivíduo vai se constituindo como ser social através de suas vivências e assim construindo suas histórias de vida. Compreendemos que o processo de biografização é temporal, este processo relaciona passado, presente e futuro, pois através dele é possível relacionar os três, levando-nos a uma lembrança de momentos vividos, o que nos leva a um novo “eu”, a uma nova identidade. Desta maneira, entendemos que ao narrar suas histórias de vida, essas mulheres terão oportunidade em rever o seu “eu” do passado através da sua fala, interpretar e compreender sobre o que se é hoje de alguma forma sofreu influência na sua história de vida, dando sentido a sua vida, e conseqüentemente se projetando no futuro.

Por fim, vimos quando os estudos sobre histórias de vida começam a ganhar espaço e não é algo recente, está consolidada e que é uma forma de se entender o ser social através de suas histórias. Cada indivíduo se constitui ao longo dos anos e constrói, a partir de suas experiências, sua identidade particular. Com o passar do tempo, desde seu nascer até o presente momento, esse indivíduo vai se constituindo como ser social através de suas vivências e assim construindo suas histórias de vida.

No próximo capítulo, tratamos sobre narrativa e apresentamos as participantes desta pesquisa, pois compreendemos ser através da narrativa das mulheres que frequentaram o curso em questão que conseguiremos chegar em um denominador comum: a compreensão de suas histórias de vida.

## CAPÍTULO II

### ELAS E A HISTÓRIA DAS MULHERES

*“Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito me ensinou. Ensinou a amar a vida, e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar as palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista.” (Cora Coralina)*

O objetivo deste capítulo, intitulado “Elas e as Histórias das Mulheres”, é conhecer as mulheres que foram alunas do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano -Campus Urutaí e narradoras da nossa pesquisa. Apesar de estarmos trabalhando com narrativas e histórias de vida, também estamos tratando sobre a condição dessas participantes estarem inseridas em um curso dito masculino. Por este motivo, antes de apresentarmos as participantes da pesquisa, trazemos um breve debate sobre mulheres na sociedade, pautado em bases teóricas sobre os estudos da mulher no decorrer da história, a partir de estudos como os de Joan Scott (1992;1995); Michelle Perrot (1992); Heleieth Saffioti (1976; 1987; 2004); Mary Del Priore (2017); Louise Tilly (1994) e Maria Amélia de Almeida Teles (1993). Este tópico foi intitulado “2.1 História das Mulheres”.

Feito isso, apresentamos as participantes desta pesquisa no tópico posterior intitulado “2.2 Quem são as protagonistas?”. Das seis mulheres egressas encontradas, três aceitaram compartilhar suas histórias de vida e contribuir com a pesquisa. Apresentamos as três participantes com base nos dados obtidos a partir de suas narrativas apresentadas na entrevista-conversa. De acordo com Delory-Momberger:

*A narrativa transforma os acontecimentos, as ações e as pessoas do vivido em episódios, em enredos, e em personagens; ordena os acontecimentos no tempo e constrói entre eles relações de causa, de consequência, de fim, dando, assim, um lugar e um sentido ao ocasional, ao fortuito, ao heterogêneo. Pela narrativa, os homens tornam-se os próprios personagens de suas vidas e dão a elas uma história (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 39 – Grifo da autora).*

As narrativas nos permitem vislumbrar cada detalhe e a riqueza da história de vida de cada indivíduo, pois, somente nós somos capazes de narrar-contar sobre aquilo que já se viveu um dia.

Por fim, finalizamos o capítulo com as considerações parciais.

## 2.1 História das Mulheres

O caminho das mulheres sempre foi marcado por várias pedras, como processos de transformações sociais, políticas e econômicas ao longo da história em meio a sociedade. “Se fosse fácil achar o caminho das pedras, tantas pedras no caminho não seriam ruim” (Engenheiros do Hawaii)<sup>6</sup>.

Quando buscamos o significado de história no dicionário<sup>7</sup>, encontramos que é o “Conjunto de fatos ou acontecimentos relevantes, ocorridos no passado da humanidade, destacando-se época, local e dados importantes”. Tilly (1994) diz que “Marc Bloch deu uma definição simples e acessível da história como “ciência dos homens no tempo.”<sup>8</sup> Esta fórmula pode ser transposta e ajustada ao sexo, definindo a história das mulheres como "a ciência das mulheres no tempo" (TILLY, 1994, p.30).

Com o intuito de discorrer brevemente sobre a História das Mulheres, reunimos aqui um conjunto de fatos importantes sobre as mulheres na história, que se relacionam com as histórias de todas as mulheres na sociedade atual. Tilly, diz que

Um aspecto da história das mulheres que a distingue particularmente das outras é o fato de ter sido uma história a um movimento social: por um longo período, ela foi escrita a partir de convicções feministas. Certamente toda história é herdeira de um contexto político, mas relativamente poucas histórias têm uma ligação tão forte com um programa de transformação e de ação como a história das mulheres (TILLY, 1994, p.31).

A história das mulheres ganhou espaço social a partir de 1960, por meio de movimentos feministas. Segundo, Del Priore (2010, p. 216), “as feministas foram as responsáveis por fazer a história antes mesmo dos historiadores”. Mas, não somente elas, a história das mulheres foi ganhando grande expressão a partir também das mudanças ocorridas na historiografia.

Na historiografia, desde o século XIX, as ideias positivistas predominaram, com o surgimento de alguns movimentos como a Escola dos Annales na França, mudou-se o jeito de se fazer história. Em sua terceira geração, incluiu mulheres em seu quadro de pesquisadores e colaboradores. Com isso, houve a possibilidade de outras fontes se tornarem investigação histórica, como foi o caso das histórias das mulheres.

---

<sup>6</sup> Música: Outras Frequências. Álbum: Engenheiros do Hawaii sem limites, 2001. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VKQjWka4fDc>.

<sup>7</sup> Dicionário online Brasileiro da Língua portuguesa Michaelis. Acesso em: 12-10-21. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

<sup>8</sup> BLOCH, Marc: Apologie pour l'histoire. Paris, A. Colin, "U2". ed. 1974 (ed. or. 1947), p. 36.

Tais mudanças sofreram contribuições também a partir da inserção das mulheres nas Universidades, como estudante e posteriormente como pesquisadoras e professoras. Perrot (1992, p. 170) afirma que “Da História, muitas vezes a mulher é excluída”. Ainda neste sentido:

O território do historiador manteve-se, durante muito tempo, exclusividade de um só sexo. Passagem marcada por espaços onde os homens exerciam seu poder e seus conflitos, empurrando para fora destes limites os lugares femininos. Assim sendo, espaços comuns de homens e mulheres, a família, acabou por tornar-se uma região particular, uma espécie de geografia insular. Sobre este solo de história, as mulheres, de forma precária, tornaram-se herdeiras de um presente sem passado, de um passado decomposto, disperso, confuso (DEL PRIORE, 2010, pág. 217).

A inserção das mulheres neste território contribuiu, significativamente, para que as mulheres não apenas passassem a participar da história, mas escrevê-la e divulga-la sob um olhar feminino, contribuindo para sua visibilidade e assim passasse a ser objeto de estudo em várias pesquisas, tanto no Brasil como em outros países. Consequentemente, contribuiu para que houvesse uma compreensão mais detalhada sobre a mulher na sociedade, expondo vários fatores que as levaram a estarem condicionadas a alguns papéis sociais.

O feminismo teve significativa contribuição na história das mulheres, assim como as mudanças citadas e a inserção delas nas Universidades, porém, não foram os únicos e exclusivos fatores para que as próprias mulheres ampliassem suas visões sobre suas participações na sociedade.

Neste enfoque há também uma espécie de mudança cultural, social e política, há uma constante mudança social de geração para geração. A exemplo disso, culturalmente temos a forma como nossos avôs foram criados, pais e nós, atualmente. Os filhos e netos da nossa geração e da geração que está por vir, certamente terão pensamentos diferentes dos nossos. Porém, há alguns fatores os quais podem passar o tempo que for, que ainda ficam alguns resquícios. A história das mulheres é um exemplo disso, houveram lutas e conquistas por espaços antes adormecidos. Mas, ainda hoje nos deparamos com acontecimentos onde percebemos que esses espaços não estão de fato instituídos.

No Brasil, essas mudanças culturais e sociais tiveram contribuições entre vários fatores do modelo econômico, o sistema capitalista, que começou a tomar forma no século XV. Heleieth Saffioti foi uma das primeiras pesquisadoras a trazer o estudo relacionado a questões da mulher no Brasil. Em seu primeiro livro *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade* (1960), articulando sexo e classe, ela traz a ideologia feminina na sociedade ligada ao capitalismo, analisando a sociedade capitalista e as diferenças relativas ao sexo biológico,

contidas nela, pensando sobre a inserção das mulheres em uma sociedade de classes. Sobre mulheres:

Ainda que definidas pelo sexo, as mulheres são algo mais do que uma categoria biológica; elas existem socialmente e compreendem pessoas do sexo feminino de diferentes idades, de diferentes situações familiares, pertencentes a diferentes classes sociais, nações e comunidades; suas vidas são modeladas por diferentes regras sociais e costumes, em um meio no qual se configuram crenças e opiniões decorrentes de estruturas de poder (TILLY, 1994, p. 31).

Com o advento do capitalismo tem-se a ideologia vinda da sociedade burguesa de que o mesmo abriria espaço para as mulheres no mercado de trabalho, levando à emancipação feminina. Porém, o que se observa historicamente é que a realidade é outra, as mulheres são inseridas no mercado com uma situação desprivilegiada e desigual em relação aos homens, dentro de uma mesma classe,

Nas sociedades urbano-industriais capitalistas, na medida em que o sexo constitui um dos fatores de regulamentação da competição no terreno profissional, os alvos do processo socializador e os mecanismos motivacionais de que lança mão diferem segundo a categoria de sexo a que pertencem os indivíduos (SAFIOTTI, 1976, p.172).

Com o desenvolvimento do capitalismo a mulher é retirada do meio ao qual estava inserida, dos trabalhos domésticos, lar e etc., sendo levada para o mundo do trabalho. Contudo, é uma utopia, uma vez que quando a mulher é inserida no mercado de trabalho, ela inicia desempenhando funções que são parecidas com as quais desempenha em seu lar.

Vale ressaltar que as mulheres inseridas no mercado de trabalho são as mulheres de classe média, as de classe baixa sempre trabalharam, inclusive muitas mulheres se tornaram chefe de suas famílias por vários motivos. Teles (1993, p. 37) afirma que “o capitalismo se desenvolveu de modo diferente em cada país, mas em todos ele legitimou o regime patriarcal de dominação. As mulheres enfrentavam em lugares diferentes, problemas similares de opressão”.

Quando as mulheres integram o mercado de trabalho elas não integram nas mesmas condições que os homens. O que temos é o capitalismo se apropriando do machismo e do patriarcado antes instituídos, em prol de benefícios para si mesmo, pois, a mão de obra feminina por vezes se torna mais barata, mesmo que desempenhando o mesmo papel que homens. De acordo com Safiotti (1976, p. 174):

[...] impelida pelas condições econômicas, a mulher rompe barreiras e penetra no mundo da profissão; fá-lo, entretanto, sob o signo da inferioridade que o sexo feminino representa em relação ao masculino. É ocupando as posições inferiores, recebendo os salários menos compensadores, não aspirando aos postos de mando que a mulher «resolve» ou alivia as tensões que a inconsistência de seus papéis origina.

Teles (1993) contribui quando fala sobre a dupla jornada exercida pelas mulheres operárias. Ainda hoje é notório essa dupla jornada, além de exercer sua função profissional ainda tem as tarefas relacionadas ao lar como segunda jornada diária, muitas percorrem até jornadas diárias triplas.

A mulher operária, duplamente explorada por trabalhar na fábrica e no lar, tinha sempre os salários mais baixos e as jornadas de trabalho maiores. Poucas referências encontramos sobre as trabalhadoras. Lutavam juntamente com os homens, embora suas conquistas fossem sempre menores (TELES, 1993, p. 42).

Ainda hoje, percebemos que apesar das mulheres terem conquistado espaços os quais antes não eram pensados para elas, ainda sofrem dessa exploração por ser um ser mais frágil biologicamente, para além, por questões políticas e culturais. Percebemos muitas vezes a mulher exercendo a mesma função de um homem, porém, com salários mais desvalorizados.

Contudo, não estamos falando somente da questão salarial, a mulher é desacreditada para exercer tal função por ser mulher. Isso é característico de uma sociedade patriarcal, enfraquecem a existência da mulher no âmbito social, acreditando que onde ela desempenharia o seu melhor papel seria nas tarefas de cuidado e fragilidade:

Tanto a dona-de-casa, que deve trazer a residência segundo o gosto do marido, quanto a trabalhadora assalariada, que acumula duas jornadas de trabalho, são objeto da exploração do homem, no plano da família. Na qualidade de trabalhadora discriminada, obrigada a aceitar menores salários, a mulher é, no plano mais geral da sociedade, alvo da exploração do empresário capitalista. Desta forma, fica patente a dupla dimensão do patriarcado: a dominação e a exploração (SAFFIOTI, 1987, p. 51).

Quando falamos, ou nos remetemos às histórias das mulheres, tratamos também de assuntos como: o patriarcado, gênero, direitos, violência, desigualdade, sororidade, lutas diárias, dentre vários outros assuntos que são pertinentes a este tema. Sabemos que ser mulher é uma luta diária, imaginem então, quando não tínhamos espaço de fala, não tínhamos direitos,

não tínhamos espaço na sociedade! Questões patriarcais estão relacionadas a vários fatores inclusive religiosos. De acordo com Teles (1993, p. 19-20):

A igreja disseminava a ideologia patriarcal e racionalizava seu significado: “Adão foi induzido ao pecado por Eva e não Eva por Adão. É justo que aquele que foi induzido ao pecado pela mulher seja recebido por ela como soberano”, pensamento de Santo Ambrósio que embasava, na época, as práticas pedagógicas.

É visível fatores contribuintes para que as mulheres fiquem cada vez mais à margem e submissas ao poder masculino. Ainda se tem valores bastante enraizados em relação ao patriarcalismo, sendo uma luta a qual precisamos seguir, caminhando para alcançar novas vitórias sócio, culturais e políticas.

Heleieth Saffioti trata tanto em *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade* (1976), quanto em *Poder do Macho* (1987) e depois enraíza no livro *Gênero, patriarcado, violência* (2004) o que caracteriza como a metáfora do nó, relacionando gênero, raça-etnia e classe. Ela enfatiza a análise dessas três contradições que se diz enlaçadas em um nó, daí o nome da metáfora de nó, afirmando ter uma relação de exploração e dominação feminina.

Para compreendermos o nó proposto por Saffioti, é importante entender quando as diferenças se tornam desigualdades. Acredita-se que o patriarcado tem profundidades além da desigualdade social e ocupacional, inclui também o monitoramento sobre a sexualidade e a reprodução feminina. Neste sentido, gênero e patriarcado é algo que deve ser tratado de maneira conjunta:

A sociedade não está dividida entre homens dominadores de um lado e mulheres subordinadas de outro. Há homens que dominam outros homens, mulheres que dominam outras mulheres e mulheres que dominam homens. Isto equivale a dizer que o patriarcado, sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, não constitui o único princípio estruturador da sociedade brasileira (SAFFIOTI, 1987, p.16).

Entre mulheres também há desigualdade presente nos mais variados espaços, sendo as questões de desigualdade e discriminação por fatos sociais, raciais e de gênero. Isso explica o porquê de patriarcado e gênero andarem juntos segundo a concepção de Saffioti. Segundo Saffioti (1976), nas classes trabalhadoras existe um recorte de gênero. Essas classes não são homogêneas, elas são masculinas e femininas atravessadas por questões sociais, de raça e gênero. Sobre gênero Scott (1995, p. 86) diz:

Minha definição de gênero tem duas partes e diversas subconjuntos, que estão interrelacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.

As questões de gênero e sua conceituação são algo novo, mas vêm sendo construídas e cada vez mais solidificadas pelos movimentos feministas, na intenção de mostrar que a caracterização do ser feminino e masculino tem muito mais a ver com as questões sociais e culturais do que necessariamente biológicas.

Neste sentido, quando falamos de desigualdade de gênero, estamos nos remetendo a desigualdade de poder entre homens e mulheres, em um meio social e cultural que apesar de tanta informalização ainda se é patriarcal. Sobre a metáfora do nó, Saffioti (2015, p. 122-123) discorre dizendo que:

O nó formado por estas três contradições apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta dessa fusão [...] uma pessoa não é discriminada por ser mulher, trabalhadora e negra. Efetivamente, uma mulher não é duplamente discriminada, porque, além de mulher, é ainda uma trabalhadora assalariada. Ou, ainda, não é triplamente discriminada. Não se trata de variáveis, mas sim de determinações, de qualidades, que tornam a situação destas mulheres muito mais complexa.

A ideia da metáfora do nó deixa visível as diferenças das desigualdades, há outras variáveis que passam por este nó, como é por exemplo a questão religiosa e de geração. É possível articular gênero, raça-etnia e classe a outras variáveis que depende dos processos sociais os quais esta mulher esteja inserida, ela é discriminada apenas por ser mulher.

É impossível isolar a responsabilidade de cada um dos sistemas de dominação-exploração fundidos no patriarcado-racismo-capitalismo pelas discriminações diariamente praticadas contra as mulheres. De outra parte, convém notar que a referida simbiose não é harmônica, não é pacífica. Ao contrário, trata-se de uma unidade contraditória (SAFFIOTI, 1987, p.62).

Concordo com a autora, não podemos deixar a responsabilidade isolada apenas às questões patriarcais, há várias variáveis que nos levam aos papéis dirigidos às mulheres, às discriminações sofridas e ao preconceito. As mulheres têm os seus papéis instituídos na sociedade, ao realizarmos uma comparação é perceptível que mesmo com tantas conquistas,

não só de espaço, mas também em legislações que nos resguardam, a mulher ainda enfrenta uma luta diária em meio a sociedade.

Como dito na introdução desta pesquisa, somos muitas, de várias nacionalidades, raças, etnias, culturas e classe. Scott (1992, p. 65) afirma que “a emergência da história das mulheres como um campo de estudo envolve, nesta interpretação, uma evolução do feminismo para as mulheres e daí para o gênero; ou seja, da política para a história especializada e daí para a análise”.

Desta maneira, entendemos que a emergência de se estudar temas relacionados às mulheres e à história delas se dá para além do feminismo, tornando de grande valia campos de estudo que envolvam a temática relacionada a mulher. Os estudos do gênero feminino nos últimos anos tem sido foco de vários debates, ampliando um olhar para o campo da Educação, para os estudos (auto)biográficos e o contexto de mundialização. Esses são alguns registros de estudos sobre a mulher que consequentemente contribuem para entendermos o lugar onde ela ocupa na sociedade e suas histórias. Nesta pesquisa, focamos em três mulheres em específico para retratar as suas histórias de vida, podendo contribuir para as pesquisas sobre as mulheres sob a ótica das pesquisas (auto)biográficas e narrativas. A seguir, apresentamos – as.

## **2.2 Quem são as protagonistas?**

As protagonistas desta pesquisa são mulheres que frequentaram o curso técnico em agropecuária do IF Goiano - Campus Urutaí, nos anos de 1993, 2013 e 2018. Lírio, Orquídea, e Girassol aceitaram em participar desta pesquisa compartilhando suas histórias de vida.

Escolhemos pseudônimos para identificar as participantes. O motivo pelo qual escolhemos nomes de flores para identificá-las é que as flores nos trazem a ideia de cor, vida, e resiliência. Sabe aquele campo seco, sem vida, sem cor, onde todos não esperam que possa nascer uma florzinha e de repente lá está ela? Assim foram as mulheres que estiveram no curso técnico em agropecuária do IF Goiano - Campus Urutaí, semelhante a um “alecrim dourado que nasceu no campo sem ser semeado”, assim foram elas. A primeira entrevista foi Lírio, depois Orquídea e Girassol.

. O primeiro contato foi com Orquídea, se deu de forma inesperada, porque eu já a conhecia, trabalhamos juntas no Colégio Estadual Professor Ivan Ferreira, uma das minhas primeiras experiências como docente. Mas, eu não imaginava que ela já teria sido aluna do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano Campus Urutaí.

Quando busquei os nomes das mulheres que estiveram no curso nos 10 primeiros anos, após a entrada da primeira mulher em 1979, eu olhava aquele nome e achava que não me era estranho, mas eu não imaginava que seria aquela colega de trabalho de 4 (quatro) anos atrás. O primeiro contato se deu via *facebook*, mas, sem sucesso de resposta. Então, eu procurei outras pessoas que a conhecia a fim de obter o seu contato, porque apesar de a conhecer eu não tinha mais contato com ela, assim obtive o seu número através de outra professora, também ex-colega de trabalho. Eu a convidei para participar da pesquisa, expliquei o objetivo do trabalho e também como aconteceria a entrevista-conversa. Prontamente ela se dispôs a participar e compartilhar sua história de vida.

O contato com as demais participantes Lírio e Girassol se deu de forma mais rápida e fácil. Após explicar objetivo da pesquisa se sentiram felizes em poder falar sobre suas vivências no curso e narrar sobre suas histórias de vida.

Eu já conhecia a participante Lírio, pois, estudamos juntas na Pós-Graduação *Latu Sensu* em Ensino de Humanidades do IF Goiano – Campus Urutaí. Mas, apesar disso nunca tivemos muita proximidade. Quando fazíamos a pós, me instigava o fato dela cursar o curso técnico também. A terceira participante, Girassol, eu também já a conhecia, pois, quando ao retornar ao IF como professora, ministrei aula na turma em que ela estudava no primeiro ano do Ensino Médio integrado ao Técnico em Agropecuária.

A seguir, apresentamos as protagonistas desta pesquisa, na intenção de conhecermos um pouco sobre elas, onde residem, como ficaram sabendo do curso em questão, o que as levou ao ingresso. Apresentamos também suas características, e ainda suas histórias antes de ingressarem no curso.

### **2.2.1 Lírio – A mãezona da turma**

Lírio, a primeira entrevistada, tem 43 (quarenta e três) anos e ingressou no curso técnico em agropecuária concomitante-subsequente no IF Goiano campus Urutaí, aos 35 (trinta e cinco) anos, no ano de 2013, concluindo o curso em 2015. Nasceu e cresceu na cidade de Pires do Rio – GO, onde ainda reside. Mãe de duas moças, a mais velha de 23 (vinte e três) anos e a mais nova de 17 (dezesete) anos, separada há 6 (seis) anos, vive com seus pais, o irmão, e a filha mais nova. Caracterizei Lírio como a “mãezona da turma”, pois, ela sempre estava disposta a ajudar os meninos nas tarefas, dava conselho e por ser mais velha, os meninos mais novos a respeitavam.

Lírio conta que na infância foi uma menina muito imperativa, estudou boa parte de sua infância no Colégio Estadual Doutor Francisco Accioli, em frente sua casa.

Eu fui uma menina muito hiperativa (risada), é, eu gostava muito de ir para a escola, não tinha reprovado, eu reprovei na segunda fase do ensino fundamental, eu reprovei. Mas, assim, a escola que eu estudei na primeira fase é em frente à minha casa, é, chama doutor Francisco Accioli, Escola Estadual Doutor Francisco Accioli. Eu estudei até a quarta série, na época, né? Então, assim, como eu morava em frente à escola, a minha vó vendia laranjinha na escola, então eu tinha que ser uma menina comportada (risada). (LÍRIO, 2021)

Nesta escola, estudou até a quarta série, indo posteriormente para o Colégio Estadual Martins Borges, onde conta que reprovou na oitava série. Estudou em sua maioria em escola pública, somente a graduação cursou em faculdade particular, na Faculdade do Sudeste Goiano (FASUG), em Pires do Rio-GO. Em 1997, ingressou no ensino médio juntamente com o magistério. Neste tempo, tralhava durante o dia e estudava à noite. Seu sonho era fazer graduação em Educação Física. Porém, não foi possível e então cursou a graduação em Normal Superior. Tais formações ocorreram anteriores ao curso técnico em agropecuária.

Durante o percurso do curso em questão, cursou Pós-Graduação *Latu Sensu* em Ensino de Humanidades no IF Goiano – Campus Urutaí. Quando decidiu cursar o curso técnico em agropecuária, era professora na rede municipal de Pires do Rio e estava insatisfeita com o magistério, por ser contratada e não ter estabilidade no emprego.

Com o desejo de mudar de profissão, decidiu fazer o curso com a possibilidade de após formada, trabalhar na Friato (Empresa ligada a avicultura na cidade de Pires do Rio). Outro fator contribuinte para que ela fosse fazer o curso técnico, é que sua filha mais velha estudava no IF na época, cursava técnico em agropecuária integrado ao ensino médio. Isso a permitiria ficar de olho na filha.

Lírio considera que o curso foi uma válvula de escape para ela, onde saía, conversava, podia brincar e fazer novas amizades, sendo que na época ela estava insatisfeita por ir da escola para casa, de casa para a escola. Chegava fim de semana, da casa para sogra, da sogra para casa. Ela afirma que no curso ela podia ser ela.

Lírio diz que a expectativa com relação ao curso era ter mais aprendizado. Segundo ela, aprendeu muito. Diz que o curso foi um divisor de águas em sua vida, lhe abriu novos ângulos, inclusive abriu um leque para que ela conseguisse separar do marido, a tempos estava insatisfeita no relacionamento.

Além disso, esse divisor de águas veio junto com a sua aprovação no concurso público, pois, enquanto ainda estava no curso, prestou concurso para técnico administrativo no IF Goiano, passou, e optou em assumir o cargo por ser um emprego estável. Atualmente, atua na função de auxiliar administrativo. Por este motivo, optou em não exercer a profissão de técnica em agropecuária. Lírio era considerada uma mãezona no curso, aos poucos foi pegando o ritmo e ajudando os colegas da sala.

Eu peguei, e fui pegando o ritmo, eles chegavam, aí ajudava, fazia tarefa, fazia prova. Quando podia ajudar, eu estudava, conseguia fazer, sempre ajudava. Mas, foi uma turma muito boa, a gente tem um grupo até hoje e alguns, a gente ainda conversa, tinha Catalão, Ipameri, Cristalina, Campo Alegre, tem uns daqui de Pires. (LÍRIO, 2021)

Nesta narrativa, quando Lírio se remete a eles, são os colegas homens da sala que era maioria na turma. Na turma tinham apenas 3 (três) meninas: ela e mais duas colegas. Percebemos que sua relação com os meninos da turma aos poucos foram se consolidando, fazendo com que ela se sentisse acolhida pela turma.

### **2.2.2 Orquídea – A Chorona**

Orquídea foi a segunda entrevistada. É natural e residente da cidade de Pires do Rio - GO, também tem 43 (quarenta e três) anos, casada, tem 2 (dois) filhos (uma menina e um menino). Ingressou no curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio na Escola Agrotécnica de Urutaí com 14 (quatorze) anos, em 1993, através de processo seletivo e concluiu-o em 1995. A caracterizei como “a chorona”, pois, durante a entrevista ela se diz muito chorona. “[...] eu sou muito chorona, então apertou um pouquinho eu to chorando [...]” (ORQUÍDEA, 2021).

Quando se formou na escola agrícola, cursou graduação em história, na Universidade Estadual de Goiás, em 1996. Concluiu o curso em 2002 e em 2004 começou a exercer a profissão do magistério. Hoje, atua como professora de história no estado e no município de Pires do Rio.

Foi alfabetizada na cidade de Pires do Rio, sempre estudou em escola pública. Diz ser a “clássica aluna de escola pública”. Foi alfabetizada no Colégio Estadual Martins Borges, onde estudou até a oitava série.

[...] É, eu fui alfabetizada no Colégio Estadual Martins Borges, do Colégio Estadual Martins Borges que eu terminei a oitava série, na época que era oitava série, que é o nono ano hoje, eu já fui direto para Urutaí. É... eles faziam umas visitas ne, eles levavam os alunos, vinham mandava um ônibus e os alunos iam visitar a escola, aí em um dessas visitas eu fui, ne, eu estava na oitava série, e gostei, e quis ir pra lá fazer o segundo grau. Quis fazer o segundo grau lá (ORQUÍDEA, 2021).

Orquídea tomou conhecimento da Escola Agrícola de Urutaí em uma visita ofertada pelo colégio citado anteriormente. Ela conta que a Escola Agrícola enviava um ônibus para buscar os alunos e, então, os alunos iam para conhecer a escola. Nesta visita, ela então decidiu que estudaria na Escola Agrícola, com vistas a posteriormente cursar graduação em medicina veterinária. Diz ainda, que na época a ideia era cursar história ou medicina veterinária, depois de concluir o curso. Ela fala com muita alegria que Deus a encaminhou para fazer história, sendo o que gosta. “E, por conta das dificuldades eu não fiz, mas o meu propósito era, ou veterinária, ou história, ainda bem que eu peguei, que Deus encaminhou para pegar a segunda vertente, porque é o que eu gosto” (ORQUÍDEA, 2021).

Vinda de uma família humilde, lavou bandeirão durante 2 (dois) anos para pagar sua matrícula na Escola Agrícola. Tem 6 (seis) irmãos, é da safra dos mais novos e foi a primeira mulher na família. Ela foi criada pelos irmãos como um “cristalzinho”. Quando ela foi estudar na Escola Agrícola, para os pais e irmãos foi um “choque”, os irmãos e o pai não queriam que ela fosse estudar lá, mas ela diz que “bateu o pé” e foi.

Então, eu fui criada pelos meus irmãos como é... cristalzinho. Sabe aqueles cristalinhos, meu pai, eu sou a primeira mulher da família, então era o cristal, não podia nem cair no chão, então quando eu fui pra lá, para eles foi um choque. Eles não queriam de jeito nenhum (ORQUÍDEA, 2021).

Orquídea caracteriza a sua chegada na Escola Agrícola como um “choque”, “choque” cultural e o “choque” por ter apenas duas meninas na turma (ela e mais uma). Ela afirma que teve dificuldades em se enturmar. Relata que ao chegar no curso foi tratada como se o curso não fosse para mulheres. “O que você veio fazer aqui?”, indagavam. Conta que passou por muitos problemas com trote psicológico.

Nesses 3 (três) anos em que Orquídea esteve na Escola Agrícola, ela acredita ser o mais importante foi a sua formação como pessoa. Ressalta que nessa experiência teve a oportunidade de conviver com pessoas de várias regiões e etnias, o que agregou muito em sua formação pessoal. Segundo ela, não teria acontecido se ela tivesse continuado os seus estudos na rede regular de ensino.

Ela ressalta que a formação pessoal se sobressaiu em relação à formação profissional, porque, apesar de ter aprendido muito no curso, ela não seguiu na área de técnica agrícola.

[...] eu achei que realmente não era, não...não encaixava, porque é... você trabalha por exemplo em uma granja de que seja, frango, porco, e você vai mandar, né, que no caso a gente tomava conta. E... é muito difícil, o homem é muito difícil de aceitar a mulher, né, comandando. Aí, vira pra gente e fala, é... você não sabe de nada, você ta saindo da escola agora, você é mulher, né. Então, eu achei muito difícil, eu achei que experiencia não valia, sabe. O retorno era muito pequeno para a experiencia, mas, assim o que eu aprendi lá, foi muito válido pra mim (ORQUÍDEA, 2021).

Trabalhou durante 6 (seis) meses na área de suinocultura, mas achou que realmente a área não era para ela, visto a discriminação sofrida pela mulher. Hoje, aplica os conhecimentos adquiridos no curso de técnico agrícola em suas aulas de história, quando vai explicar algum conteúdo ligado à agricultura e a pecuária.

[...] É... até hoje né, eu ainda falo, brinco, as vezes os meninos estão falando, eu vou explicar alguma coisa de história que envolve agricultura, que envolve a pecuária, aí eu adentro mais um pouco... aí eles falam nossa professora, porque que a senhora sabe isso tudo? Eu falo, eu sou técnico agrícola, então eu tenho que aprender um pouquinho disso. Então, a gente acaba usando né, hoje, eu como professora acabo usando esse conhecimento (ORQUÍDEA, 2021).

A fala de Orquídea nos faz lembrar que independente do conhecimento adquirido, mesmo que não utilizemos no momento, vez ou outra nos auxilia. O que caracteriza o conhecimento como algo muito valioso e como muitos dizem, é algo que ninguém no tira, passe o tempo que for.

### **2.2.3 Girassol – A country girl**

Girassol, terceira e última entrevistada, é uma jovem de 19 (dezenove) anos, recém-formada no curso técnico em agropecuária integrado ao ensino médio. Ingressou no curso no ano de 2018, concluindo em 2021 (devido a pandemia da Covid – 19). É natural e residente da cidade de Ipameri – GO, tem 4 (quatro) irmãs. Caracterizei Girassol como “a country girl”, pois, durante a entrevista ela afirma que “sempre gostei de calça country, bota, fivela, e é o meu jeito de vestir, eu sou assim” (GIRASSOL, 2021). Toda sua escolaridade foi em escola pública. Conta que quando era criança, na escola ela era muito influente, ditadora de opinião.

No um eu era muito assim, influente. Do meu primeiro ano da alfabetização até o meu quinto ano, eu era influente, tipo eu era muito ditadora de opinião. Eu falava uma coisa e todo mundo me seguia (Risadas). Eu sempre muito líder e muito autoritária (GIRASSOL, 2021).

Foi criada na fazenda, cresceu apaixonada pelos animais, agricultura e a pecuária. Escolheu o curso devido sua afinidade com a área. Além dessa proximidade, o escolheu devido a possibilidade de atuar como técnica, e/ou ingressar no curso de medicina veterinária com uma base melhor.

Ela afirma que apesar de encontrar poucas meninas quando chegou no curso, ela se sentia em casa, diz ter encontrado a sua tribo, para ela era muito natural estudar lá. Ela tem o seu estilo próprio e gosta de se vestir como uma “country girl”. Por ter esse estilo e fazer mais amizades masculinas, ela conta que a mãe chegou a pensar que ela seria homossexual.

Segundo ela, ficou sabendo do curso quando ainda estava no ensino fundamental. Descobriu que os meninos saiam da cidade de Ipameri para ir estudar em Urutaí. Ficou sabendo ainda, que tinha como ir e voltar todos os dias. Dessa maneira, os pais a deixariam ir estudar em Urutaí. Ela diz que por seu pai ter apenas filhas, ele tinha muito ciúmes e não deixaria ela ir morar em outra cidade. Assim, em concordância com os pais, ela foi, fez a prova do processo seletivo no dia 08 de dezembro de 2017, passou, logo então iniciou seus estudos na instituição em 2018. No decorrer do curso, precisou trocar de sala, pois teve problema com uma menina na sala em que iniciou. Girassol conta que desde muito nova, tinha o espírito de liderança, o que geralmente gerava os conflitos com outras pessoas.

Girassol diz que ficou apaixonada quando chegou no curso e se deparou com colegas indígenas. Impressionada, ela imaginava que nem existia índio de “verdade” mais. Ela afirma que nunca imaginou conviver com pessoas de tão longe.

Sobre a perspectiva que ela tinha com relação ao curso e agora que está formada, ela diz que pensou que seria fácil, pois desde o início do curso ouviu que lá era uma escola profissionalizante e as chances de sair empregado eram grandes. Assim, pensou, eu vou fazer o técnico vou sair daqui empregada, se eu não passar na faculdade sigo minha vida de técnica. Porém, veio a frustração.

Segundo ela, quem já sai empregado de lá é técnico homem, e não técnica mulher. Afirma que a maioria das vagas que surgem tem pré-requisitos que somente são atendidas pelos rapazes. Diz ainda se deparar muito com isso, e viu que é um curso extremamente machista.

Ela não sabe se virou “modinha”, mas que percebeu o aumento do número de meninas, em 2020 muitas mulheres ingressaram. Ela acredita que a maioria das meninas entram com a mesma ideia que ela tinha do curso, que é que um curso muito abrangente e as chances de saírem empregadas é grande.

Girassol estava aguardando ansiosa pelo resultado do vestibular, afirma que caso não ingresse no curso desejado, que é Medicina Veterinária, tentaria na Engenharia Agrícola, e caso não dê certo, ela seguiria na área de Técnica em Agropecuária. Ela acredita que se ela for boa no que faz, independente do gênero, ela acha sim que tem chances no mercado, tanto como médica veterinária, quanto engenheira ou técnica. Girassol afirma que “eu acredito que numa escolha, deve capacitar, deve escolher, oportunizar, quem é o melhor e não quem é homem ou quem é mulher” (GIRASSOL, 2021).

### **2.3 Considerações parciais do capítulo**

Este capítulo teve como intuito conhecer as participantes desta pesquisa. Nesta proposta, apresentamos as participantes até o momento que elas ingressam no curso, trazendo pistas sobre as suas histórias de vida. Enveredamos por suas idades, locais onde residem, como foi a forma de ingresso no curso, qual a modalidade de curso frequentaram e com qual idade ingressaram no curso. Conhecemos um pouco suas infâncias e famílias, bem como, qual foi a motivação que as levaram ao curso.

Com isso, percebemos que Orquídea e Girassol ingressaram no curso após a conclusão do Ensino Fundamental, ingressando no curso Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio. Por outro lado, Lírio ingressou no curso após formação inclusive de graduação, ao cursar apenas o Técnico em Agropecuária. É possível perceber que as três participantes vêm de uma família tradicional, e ainda que residem em cidades vizinhas à Urutaí, o que é comum para a maioria dos estudantes do IF Goiano – Campus Urutaí. O campus recebe alunos de todo canto do Brasil, mas percebemos que é crescente receber alunos das cidades vizinhas, o que de certa forma facilitou na localização dessas mulheres entrevistadas.

Ao discorrermos sobre a História das mulheres, foi possível compreender as contribuições que algumas linhas de pensamento, como foi a Escola dos Annales e o Feminismo contribuíram para com as conquistas das mulheres na atualidade. Percebemos que houve ganhos na história feminina, para além do feminismo, notou-se que quando as mulheres

ingressam nas Universidades, independente da função, elas começam a ter mais espaço de fala, significando que a Educação pode mudar não somente vidas, mas, também gerações.

Compreendemos que ao serem inseridas no curso em questão, essas mulheres contribuíram de maneira significativa para espaços como o curso, antes intitulados para “Eles”, podem ser frequentados por qualquer outra pessoa também. Para além disso, visualizamos que a Educação possa ser o meio mais viável para nós mulheres ganharmos voz em meio a sociedade, uma vez que abrimos novos horizontes mentais e sociais.

Concluimos que embora as mulheres tenham ganhado espaço em muitos lugares que não foram pensados para elas, e olhando a educação como um meio o qual o indivíduo se socializa, demonstra pensamentos, debates, e que a Educação é uma ponte para a construção social, é o melhor meio para a desconstrução de pensamentos arcaicos e patriarcais, dado que nos tornamos seres socialmente críticos.

É notório, com as contribuições das autoras apresentadas no que tange à história das mulheres, vários fatores contribuíram para a realocação dessas mulheres, para além das questões feministas. Vislumbramos olhar para além do patriarcado, ele é instituído por vários fatores. Para além dessas questões, precisamos entender que as conquistas sociais femininas as quais temos hoje só foram possíveis porque outras mulheres lutaram por isso, que contribuições para se pensar a mulher na sociedade, como foram das autoras utilizadas, contribuem para compreendermos os nossos espaços e os fatores os quais nos levam a isso. É importante saber que talvez essa escrita sobre a mulher hoje, possa contribuir para a história de outras mulheres, posteriormente.

No capítulo III, trazemos as narrativas das entrevistadas para que possamos compreender suas histórias de vida relacionadas ao curso Técnico em Agropecuária que cursaram.

## CAPÍTULO III

### QUAIS AS HISTÓRIAS DE VIDA DESSAS MULHERES?

*Narrar a história de nossa vida é uma  
auto-interpretação do que somos,  
é colocar-se em cena através da narração.  
(Antonio Bolívar)*

O objetivo deste capítulo é entender como a formação no curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí se relaciona com a história de vida de mulheres egressas do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano - Campus Urutaí. Para tanto, utilizaremos as entrevistas como base de análise. Iniciamos com um breve embasamento teórico tangendo às narrativas, apresentando a relação que a narrativa tem com a construção do próprio “eu”, e ainda a importância da narrativa em pesquisa em Educação, cujo tópico intitulamos “3.1 Narrativa: o poder da fala”.

Prosseguindo, no tópico intitulado “3.2 Categorias e Análise”, apresentamos as categorias escolhidas para a análise, bem como a motivação pela qual essas categorias foram selecionadas. No tópico 3.2 intitulado “O que dizem as protagonistas?” Apresentamos as narrativas das participantes, essa apresentação e análise nos trouxe elementos essenciais para que a pergunta norteadora desta pesquisa fosse respondida.

E por fim, tem-se as considerações parciais do capítulo. Temos como referência, autores como Cristhine Delory-Momberger (2011; 2008; 2012); Galvão (2005), Josso (2007); Antonio Bolívar (2012); Lani Bayle (2012); Costa e Medeiros (2009); Brandão e Germano (2009), no que tange as teorias sobre narrativa, e Antônio Bolívar (2012), no embasamento teórico no que diz respeito às categorias e análise das narrativas apresentadas pelas participantes.

#### **3.1 Narrativa: o poder da fala**

Delory-Momberger (2011, p. 341) afirma que “não fazemos a narrativa de nossa vida porque temos uma história; pelo contrário, temos uma história porque fazemos a narrativa de nossa vida”. Sobre a narrativa, na perspectiva dos professores, em Narrativas em Educação:

Elbaz (1990) enumera seis razões para considerar a narrativa um bom método de tornar públicas as vozes dos professores: as histórias revelam

conhecimento tácito, importante para ser compreendido; têm lugar num contexto significativo; apelam à tradição de contar histórias, o que dá uma estrutura à expressão; geralmente está envolvida uma lição moral a ser aprendida; podem dar voz ao criticismo de um modo social aceitável; refletem a não separação entre pensamento e ação no ato de contar, no diálogo entre narrador e audiência. (GALVÃO, 2005, p. 335)

Nessa perspectiva apresentada por Galvão (2005), com vistas às narrativas dos professores, conseguimos vincular, essas seis razões, a qualquer indivíduo, pois, antes do indivíduo ser professor, ele é também ser humano. A narrativa tem sua importância independente de quem a fala, como é o caso desta pesquisa, que através da narrativa de mulheres frequentadoras do curso técnico em agropecuária, pretendemos compreender suas histórias de vida. “Entendemos a narrativa como uma forma pela qual os indivíduos dão sentido a si próprios e ao mundo”<sup>9</sup> (BOLÍVAR, 2012, p.33, tradução nossa).

Neste contexto, a narrativa faz de nós autores de nossa história, é através dela que configuramos a história de nossa vida. Somos seres compostos pelas histórias as quais contamos ao outro e também pelas experiências que tivemos ao longo da vida. As relações sociais têm papel muito importante na constituição de nossas histórias. Utilizando-se da pesquisa através da narrativa, Bolívar (2012, p. 83, tradução nossa) afirma:

Não é apenas que os narradores contam sua vida, mas que - ao colocá-la em cena - encontram o sentido de sua trajetória. Portanto, na pesquisa narrativa, trata-se de uma história viva, em que as narrativas (pesquisador e participante) convergem em uma construção narrativa compartilhada<sup>10</sup>.

Com base no apontamento de Bolívar (2012), entendemos então que na construção e reconfiguração de nossas histórias de vida, através da narrativa, não se dá apenas contando sobre sua vida, mas também dando sentido a ela através da narrativa, rememorando suas trajetórias. A narrativa não acontece somente através da fala, a narrativa acontece através da escrita de uma carta, de um poema, ou até mesmo de uma representação através de um desenho. Nesses exemplos, também temos várias narrativas interseccionadas a várias formas de representa-las, inclusive temos várias vozes que representam a narrativa apresentada em suas diversas formas. Delory-Momberger (2012, p. 38) diz:

---

<sup>9</sup> “Entendemos la narrativa como un modo em que los individuos dan sentido a sí mismos y al mundo” (BOLÍVAR, 2012, p.33).

<sup>10</sup> No se trata sólo de que los narradores cuenten su vida, sino que - al ponerla en escena - encuentren el sentido de su trayectoria. Por ello, en la investigación narrativa, se trata de vivir la historia, donde las narrativas (investigador y participante) confluyen en una construcción narrativa compartida” (BOLÍVAR, 2012, p.83).

Os escritos que fazem a narrativa da vida, em suas múltiplas formas (biografias, autobiografias, diários, correspondências, memórias etc.) constituem, desse modo, o material privilegiado para ter acesso à forma como os homens de uma época, de uma cultura, de um grupo social, biografam sua vida.

Neste passo, damos atenção maior na narrativa através da fala, o que chamamos de narrativas orais, pois é a metodologia que utilizamos neste trabalho, através da narrativa de mulheres que frequentaram o curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí.

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social (JOSSO, 2007, p. 414).

Com base na exposição de Josso (2007), entendemos o quanto a narrativa se faz necessária e importante para as histórias de vida, uma vez que ela nos permite refletir e compreender as mudanças sociais e culturais, e desta forma compreender as fortes relações que nossas histórias tem com o meio e as relações sociais, tanto nos contextos profissionais, quanto nos contextos sociais.

A fala, esse terreno movediço, onde mora e se debate o ser, também é fonte do medo, da insegurança, da instabilidade, da incerteza crônica que experimentamos desde sempre. O que caracteriza nosso tempo é que estamos cada vez mais conscientes do poder da linguagem sobre nossa consciência e do que podemos fazer dela. (PASSEGGI; ABRAHÃO; DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 49)

Expressar a partir da fala se faz de grande valia, pois quando falamos, de certa forma refletimos sobre o que foi dito até então, conseguimos visualizar o poder que a fala tem e desta maneira, caracterizar a importância da narrativa em histórias de vida. Para fazer uma reflexão da narrativa na perspectiva teórico-metodológica, devemos entender quando a narrativa se insere como perspectiva de pesquisa e formação.

Trata-se de uma prática antiga, característica do homem, retomada muito mais tarde com perspectivas de pesquisa (a partir da Escola de Chicago, em

Sociologia, no início do século XX) e da formação (a partir dos anos 1970-1980, em Ciências da Educação) (LANI - BAYLE, 2012, p. 59).

Quando falamos em narrativa, logo pensamos na fala do outro, sem se dar conta que também temos a nossa narrativa própria. E de onde vem essa narrativa? Certamente, sofremos influências do lugar e o meio ao qual estamos inseridos, só que não fica restrito a isso, pois quando somos inseridos no meio social, começamos a nos apropriar de novas narrativas, o que possibilita moldarmos a nossa. Desta maneira, percebemos que a vivência com o outro se faz de grande valia, uma vez que nós construímos e reconstruímos, é um fazer-se e desfazer-se durante o percurso da vida, e isso é dinâmico e não estático. Galvão, sustentada pela teoria de Riessman (1993), diz que

No processo da narrativa, incluem-se cinco níveis de representação (RIESSMAN, 1993) da experiência vivida: dar sentido, contar, transcrever, analisar e ler. E poder-se-ia, ainda, acrescentar interpretar, uma vez que quem lê, necessariamente, dá um novo sentido ao texto, de acordo com as suas vivências e referências (GALVÃO, 2005, p. 332).

O processo da narrativa acontece a partir de algumas representações e isso vai da experiência vivida de cada um. Entendemos que este processo conta com alguns aspectos importantes da fala, e um sentido muito importante dentro dessas representações é a interpretação, visto que cada indivíduo faz uma interpretação sobre determinada narrativa.

Sobre narrativa:

A narrativa aparece como a manifestação mais significativa dessa “escritura do vivido”: relatos de vida, escritos autobiográficos, usos sociais instituídos da história individual (curriculum vitae, balanço profissional), e bem mais frequentes do que essas formas circunstanciadas da produção narrativa, as múltiplas e incessantes intervenções de retomada de palavra (mim, eu,...) e de autoapresentação que constituem, sob a forma de fragmentos ou de esboços de narrativa, a base das trocas cotidianas com o outro. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 42).

As narrativas de um indivíduo nos levam a conhecer formas, maneiras e comportamentos. Isso está totalmente ligado às suas vivências e também referências, o que, de certa maneira, interpretamos, vai depender muito da leitura de mundo que temos. Ainda neste sentido, há o que ocorre como uma validação desta narrativa. Galvão contribui e discorre sobre o processo de validação das narrativas afirmando:

De acordo com Riessman (1993), há quatro processos de fazer uma aproximação na validação das narrativas: 1) Persuasão – o texto tem de ser coerente e plausível para ser convincente e isso consegue-se pela explicitação dos suportes teóricos e pela admissão de modos alternativos de análise dos dados; 2) Correspondência – os textos devem ser construídos com os comentários dos participantes no estudo, após leitura de todos os documentos produzidos (entrevistas transcritas, cartas e outros textos interpretativos); 3) Coerência – o investigador tem de estar atento à coerência da narrativa em todos os seus aspectos, de uma forma global (objetivos que o narrador quer atingir com a história que conta), local (os lugares onde se passa a ação) e temática (o conteúdo da ou das narrativas que são analisadas); 4) Utilização pragmática da narrativa – um estudo particular pode constituir a base de trabalhos posteriores. (GALVÃO, 2005, p. 332)

Destarte, a validação das narrativas se faz consideravelmente de grande notoriedade, principalmente nas pesquisas que se utilizam das mesmas, uma vez que nas análises dos dados que temos em mãos, que são de grande valia, se utiliza da voz do outro por exemplo, é importante ressaltar essas validações para auxiliar na pesquisa.

Ainda no sentido de interpretação das narrativas e que cada um interpreta a sua forma e isso sofre forte influência de suas experiências, vivências, espaço ao qual esteja inserido, vale dizer sobre onde ocorre o primeiro contato de socialização de um indivíduo, é através da família.

Este contato inicial é onde cada indivíduo absorve valores, crenças e as normas comportamentais iniciais para se conviver em sociedade. Depois da família vem a escola, o meio ao qual o indivíduo passa a conviver com pessoas de várias religiões, cor, raça. É na escola onde o indivíduo convive socialmente com pessoas diferentes do âmbito familiar, logo vai se inserindo no meio social, vivenciando diferentes narrativas e modelando também a sua narrativa. Segundo Delory – Momberger:

A escola representa, para as crianças e adolescentes, a experiência de um desafio ao mundo-de-vida que eles construíram na fase de sua primeira socialização e de suas primeiras identificações. A noção de *mundo-de-vida* (*Lebenswelt*) foi desenvolvida pelo sociólogo alemão Alfred Schustz, para compreender a maneira como indivíduos, em todas as idades de sua existência, interpretam e constroem suas experiências (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 115-116. Grifos da autora).

Neste sentido, vemos o papel importante que a escola tem na vida de um indivíduo. É nela que ele constrói suas experiências e interpreta suas vivências e existência, desta maneira, sendo inserido no que é chamado de mundo-de-vida por Alfred Schulstz, isso se dá pelo já

comentado anteriormente, a escola é o primeiro contato que o indivíduo tem, diferente das vivências do âmbito familiar.

Entendemos que cada indivíduo é único, um ser particular. Porém, a partir do momento o qual somos inseridos na sociedade, isso nos faz repensar nossa própria narrativa, não só pensar na nossa própria narrativa, mas também ouvir a narrativa do outro, filtrar e analisar o que aquela fala pode contribuir e influenciará no seu próprio eu, desta maneira alicerçando uma identidade narrativa.

Pensando nisso, dependendo de como as narrativas são colocadas, conseguimos generalizar as experiências vividas por um mesmo grupo, em um mesmo espaço e tempo. A narrativa tem caráter temporal especialmente porque há uma dualidade entre tempo cronológico e tempo fenomenológico (ABRAAO, 2003, p. 84). Sobre tempo cronológico dizemos que seria um tempo relacionado ao espaço e tempo fenomenológico está relacionado ao tempo vivido. Sobre isso, Costa; Medeiros (2009, p. 378) declara:

O primeiro refere-se ao tempo do “tic-tac” do relógio, do calendário, mensurável em dias, meses e anos, medido por leis naturais de duração, sucessão e continuidade. A segunda forma pela qual o devenir se encontra na existência humana refere-se ao tempo-qualidade ou tempo vivido. Este tempo, em oposição ao primeiro, não se reduz absolutamente às dimensões espaciais mensuráveis.

Um está intimamente ligado ao outro e sem darmos conta participamos dos dois simultaneamente. Porém, o que cada um irá absorver do tempo vivido é particular.

Entendemos a relação que a narrativa tem com o tempo, tempo cronológico e tempo fenomenológico, pois a partir do tempo do relógio e o tempo vivido, vamos nos construindo e reconstruindo, nos constituindo e reconstituindo enquanto sujeitos através da fala, através da narrativa, em razão de ao narrarmos algo através do tempo fazemos um processo de reflexividade autobiográfica, ou seja refletimos através de nossas narrativas. Conforme Delory-Momberger (2012, p. 43):

Mediante a linguagem e a narrativa é possível reabrir o passado e se projetar em devir. O bom uso dessa reflexão sobre a experiência vivida constitui o propósito das escritas de si como prática de formação, numa perspectiva epistemopolítica: a de tomar consciência histórica.

Quando projetamos em devir, estamos realizando um processo de reflexão do que podemos vir a ser, fazendo relação com o tempo, tempo futuro, realizamos um projeto de si.

Ainda nessa direção, construímos o que Delory-Momberger (2012) chama de consciência histórica. Entende-se por consciência histórica o potencial que cada momento vivido tem de representar a nossa identidade, sendo ainda algo inacabado, pois, estamos em constante aperfeiçoamento, construindo para isso a consciência histórica que cada sujeito faz de si.

O projeto de si não é uma construção consciente, mas é uma orientação a qual temos pelo que está por vir. Essa projeção de si inicia-se desde a nossa infância, quando somos questionados: O que você vai ser quando crescer? A partir deste questionamento, respondemos aquilo que certamente ouvimos falar que é uma boa profissão, isso depende de cada idade, cada grau de maturidade que vamos construindo ao longo dos anos, o que vai tornando nossa narrativa diferente. Se fizermos a uma criança essa pergunta, provavelmente ela responderá que quer ser “gente grande”, Astronauta, dentre outros... em razão de ser o que ela vivenciou até o momento, ela quer ser astronauta, por exemplo, porque certamente viu em algum desenho animado o quanto isso é muito legal.

Por outro lado, se perguntarmos a um adolescente concluinte do ensino médio, o que ele pensa para o futuro, este adolescente irá responder o que está mais próximo a ele: passar em boa faculdade, provavelmente. Já para uma pessoa madura, que está vivendo os seus 55 (cinquenta e cinco) anos, caso façamos o mesmo questionamento, certamente ela responderá que espera a aposentadoria. Para quem já é aposentado, nos responderá eu só espero aproveitar tudo o que eu construí ao longo de minha vida e nesta fase lembramos com muita intensidade nossas histórias de vida, as quais narramos o que passamos, e refletimos sobre ela. Este processo faz parte do projeto de si, “o ato de narrar sua vida inscreve-se na dinâmica do projeto de si e o realiza de uma forma particular” (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 65).

Quando narramos refletimos nos projetando no futuro, o que certamente ocorreu com as mulheres que frequentaram o curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí, em virtude de suas narrativas, percebemos que, por exemplo, ingressou no curso porque gostava da área, ou já tinha o contato com o meio agrícola por herança familiar e que se via futuramente trabalhando na área porque se identificava.

Outra dizia, por exemplo, que entrou no curso porque tinha como perspectiva futuramente ser médica veterinária. Percebemos que essas mulheres se projetavam no futuro, de maneira inconsciente, realizavam um projeto de si. Estamos em constante projetar-se em devir, vivemos o hoje, porém sempre se projetando no amanhã. Muitas coisas as quais vivemos no agora, possivelmente é fruto deste projeto de si, e a narrativa se faz de grande valia neste projetar-se. Na concepção de Delory- Momberger (2008, p. 63-64):

Esse projeto de si primordial não deve ser compreendido como uma construção consciente, visando imediatamente a realizações concretas, mas como um impulso para frente, uma orientação para o futuro. Nesse sentido, o projeto de si não é objetivamente apreensível: as mediações que ele pode encontrar sob forma de realizações concretas são apenas estados transitórios, substitutivos, que não podem, fundamentalmente, coincidir inteiramente com ele nem esgotá-lo.

A construção biográfica se constrói também de maneira inconsciente, o que nos leva a relacionar de maneira consistente esta construção ao lugar e ao tempo, quando o indivíduo, de maneira subjetiva, realiza um projeto de si, ele está construindo a sua biografia de forma inconsciente, ou seja, o indivíduo não faz ideia dessa construção de si. O que o leva a ter essa ciência é quando ele conta a sua história de vida. Ainda pensando no projeto de si, Delory-Momberger (2008, p. 66) afirma que:

O impulso do projeto de si permite fazer acontecer a fábula de uma história que desenha um futuro possível e se concretiza em projetos singulares. Abrem-se vias, não porque a dinâmica prospectiva induziu a história de si que não está fechada em si mesma, mas dá lugar ao por-vir, deixando emergir potencialidades projetivas. Na relação de engendramento das temporalidades, não é o passado que dá à luz o porvir, mas a projeção do possível que está prenhe de uma história- uma ficção verdadeira- aberta sobre um projeto de mim mesmo.

O projeto de si funciona como uma engrenagem entre o tempo e a projeção que cada indivíduo faz daquilo que está por vir a acontecer, o que de fato tem grande relação na construção biográfica desses indivíduos, o que contribui para além apenas desta construção. Ao narrar suas histórias de vida, essas mulheres foram oportunizadas em rever o seu “eu” do passado através da sua fala, interpretar e compreender sobre o que se é hoje, de alguma forma sofreu influência na sua história de vida, dando sentido a ela. Brandão e Germano (2009, p. 14), afirmam “ao narrar a própria história, instaura-se um campo de negociação e reinvenção identitária onde a narradora tem a liberdade de dispor de um repertório de episódios, cenários, personagens e paisagens afetivas a ser configurado e comunicado a outrem”.

### **3.2 Categorias e Análises**

Utilizando as entrevistas como base de dados, as categorias foram selecionadas a partir das narrativas das mulheres egressas do curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí. Preparamos o roteiro da entrevista para nos direcionar, elaborado pela pesquisadora e

dividido em três partes: Informações pessoais da entrevistada; Percurso Escolar; Sobre as egressas do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí.

A primeira parte do roteiro teve como base informações sobre idade, cidade onde reside, cidade natal, filhos... enfim, pedimos as entrevistadas que contasse um pouco sobre ela e sobre sua família. A segunda parte carrega informações de como foi a escolarização das entrevistadas, tais como, quando iniciou seus estudos, como foi o ensino fundamental e médio. Na terceira parte do roteiro, o intuito era coletar informações de como conheceu o IF Goiano - Campus Urutaí, o que as levou a fazer o curso, qual a idade de ingresso no curso, a forma de ingresso no curso, quais foram as dificuldades encontradas durante o curso, enfim, o intuito era compreender as suas vivências dentro do curso Técnico em Agropecuária. A seguir quadro específico sobre as entrevistadas:

**Quadro 2:** Entrevistadas.

| <b>Entrevistada</b> | <b>Data da Entrevista</b> | <b>Local da Entrevista</b> |
|---------------------|---------------------------|----------------------------|
| Lírio               | 30-03-2021                | Plataforma do Meet         |
| Orquídea            | 08-04-2021                | Plataforma do Meet         |
| Girassol            | 12-04-2021                | Plataforma do Meet         |

**Fonte:** elaborado pela autora.

Todas as entrevistas aconteceram pela plataforma meet, devido à pandemia da Covid-19. Todas as entrevistadas se sentiram à vontade para expor suas histórias de vida e contribuir com a nossa pesquisa. Sendo uma entrevista/conversa, isso contribuiu para que se sentissem livres para expor o que viesse no coração. Depois, enviamos as gravações das entrevistas para as três participantes, para uma nova autorização do que foi dito, a fim de saber se concordavam ou não com suas narrativas. Depois de coletar as entrevistas, ao nos dedicarmos à escuta das vozes, transcrição das narrativas e posteriormente leitura, observamos que algumas categorias receberam bastante destaque em suas falas, quais sejam:

1. A chegada no curso: primeiras impressões;
2. Dificuldades enfrentadas no curso;
3. Contribuições do curso em suas histórias de vida X expectativas do curso.

Sobre a análise de conteúdo por meio das categorias, Bolívar afirma que:

Trata-se de buscar agrupamentos temáticos (por semelhanças ou diferenças) que sirvam para organizar o relatório. A análise de conteúdo, por meio de categorias temáticas, possibilita tornar a informação gerenciável (por meio da redução) e permite sua interpretação (por meio da codificação), processamento e obtenção de conclusões<sup>11</sup>. (BOLÍVAR, 2012, p. 90, tradução nossa).

Divididas as categorias, realizamos uma análise comparativa das três narrativas, analisando os aspectos culturais, ambiente que estiveram inseridas e o tempo cronológico o qual vivenciaram estes momentos, mostrando a impressão que cada uma teve do curso, buscando responder o seguinte questionamento: Como a formação no curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutai se relaciona com a história de vida de mulheres egressas?

### **3.2.1 A chegada no curso: primeiras impressões**

Pretendemos aqui, compreender os sentimentos dessas mulheres entrevistadas ao serem inseridas em um curso dito masculino. Nessa direção, quando questionadas como foi a chegada no curso, quais foram as suas primeiras impressões, as três protagonistas responderam e podemos destacar as seguintes afirmações: um choque, me senti em casa e mudança de vida. Durante a conversa, Orquídea afirmou ter sido um choque, ela conta o motivo:

Porque o choque cultural, primeiro você tem o choque cultural, você vai encontrar gente de tudo quanto é lugar do mundo. Na minha época tinha do mundo. E depois, duas mulheres, ne, tinham mais algumas na escola, mas, assim, quando a gente chega a gente enturma com a turma da primeira série, do primeiro ano. A gente, num...num... é, lá tem uma divisão muito clássica, primeiro, segundo e terceiro ano, ne, então, nós éramos os novatos, chegando. Então, assim, é um choque muito grande. É, eles recebem a gente, alguns recebem muito bem, mas, a maioria recebe assim, é com um certo receio, principalmente por ser mulher. Eu acho assim, que os meninos tiveram mais facilidade de enturmar, nós tivemos mais dificuldade de enturmar sabe, assim pelo menos eu, ne. Da outra eu não sei te dizer, mas, pelo menos eu tive muita dificuldade. (ORQUÍDEA, 2021)

---

<sup>11</sup> “Se trata de buscar agrupaciones temáticas (por similiaridades o diferencias) que sirvan para organizar el reporte. Los analisis de contenido, por medio de categorias temáticas, posibilitan convertir em manejable la información (mediante su reducción) y permiten su interpretación (mediante la codificación), el procesamiento y la obtención de conclusiones” (BOLÍVAR, 2012, p. 90).

Orquídea nos fala sobre o quão impactante foi para ela estar no curso. Percebemos que se dá principalmente por ela ser mulher. O curso seria culturalmente frequentado por homens, isso se confirma pela narrativa de Orquídea, quando ela fala da sua chegada, era somente ela e mais uma, apenas duas mulheres. Por outro lado, o que para Orquídea foi um choque, para Girassol, apesar de ter se deparado ainda com muitos homens no curso, para ela foi como se estivesse em casa, ela afirma ter encontrado sua tribo.

Como eu disse antes, eu me sentia em casa. Eu sempre tive dificuldade em ter amiga mulher, nunca fui de ter amiga mulher assim. É... um pensamento até assim um pouco retrógrado, a minha mãe achava que eu ia ser sapatão. Porque eu só tinha amigo homem, eu só andava com homem, me vestia igual homem, meus assuntos eram de homem, eu só sabia falar de boi, cavalo... (GIRASSOL, 2021)

[...] Aí, quando eu fui pro IF, foi assim, como se sentir em família, porque a maioria das pessoas se parecia comigo. É, o que as pessoas na língua portuguesa chamam de tribos, eu realmente encontrei a minha. Pra mim era muito natural estudar lá sabe. (GIRASSOL, 2021)

Quando questionada, Lírio afirma que queria mudar de vida, e então foi fazer o curso. Ela não deixa claro as suas primeiras impressões sobre o curso e diz que:

Foi assim, eu já tinha até feito a graduação quando eu resolvi fazer o curso técnico, é...eu estava cansada de sempre ta fazendo as mesmas coisas, e eu estava assim, em uma fase difícil do casamento e eu um dia sentei e falei assim: Ah, eu vou mudar minha vida, não quero ser professora mais. Como eu não posso sair, estou casada e presa as minhas filhas e ao casamento, eu vou fazer esse curso lá. E a minha filha estudava lá, a mais velha. Ela estava fazendo, ela tinha feito o primeiro ano lá, e tinha sido reprovada, aí eu não tirei ela de lá, e aí eu conversei com meu ex marido, falei para ele: oh, eu vou fazer o curso porque eu tô lá, fica bom que eu dou uma olhada na Marcela, e tô fazendo um curso e vou tentar mudar de ramo, não quero mais ser professora. E aí, assim eu fui fazer o curso (LÍRIO, 2021).

Nestes primeiros diálogos, percebemos que as impressões ao chegar no curso são vistas por vários ângulos. Podemos afirmar que essas diferentes impressões se dão a partir de suas vivências e história de vida. Todas as três entrevistadas tiveram contato com ambientes agrários, o que de certa forma contribui para a escolha de estarem no curso técnico em agropecuária. Porém, vemos uma mudança de visão com relação a formação. Orquídea ingressou em 1997, na sala em que iniciou haviam apenas duas meninas. Girassol ingressou no curso 20 anos depois, então haviam mais meninas no curso, conseqüentemente era tudo mais

natural e tranquilo para Girassol, do que para Orquídea, isso certamente tem forte ligação com as conquistas que as mulheres tiveram ao longo dos anos.

Como dito na introdução desta pesquisa, há uma espécie de sororidade, mesmo que de maneira indireta. As primeiras alunas que ingressaram no curso contribuíram para que outras mulheres fossem inseridas de maneira mais natural, como aconteceu com Girassol. Lírio ingressou 20 anos depois de Orquídea, essa inserção aconteceu de maneira mais natural também. Porém, como ela ingressou mais tarde, após concluir a graduação, sentiu dificuldades por estar inserida em um ambiente que além de masculinizado, haviam alunos mais jovens que ela. Durante a entrevista-conversa surgiu o motivo da escolha do curso em questão e sobre este aspecto as três entrevistadas destacaram as suas vivências com atividades agrárias e agropecuárias em algum momento de suas histórias de vida, certamente contribuiu de maneira significativa para a escolha do curso.

Eu comecei o curso técnico no ano de 2013, é... eu entrei em agosto de 2013. A minha expectativa era ter mais aprendizado, eu sempre gostei, assim, de roça, eu fui criada em fazenda, meus tios moravam, moram até hoje, meus avós moraram em fazenda. (LÍRIO, 2021).

Eu era apaixonada na área, eu cresci na fazenda a vida inteira. Eu sempre tive bezerro, sempre tive vaca, sempre tive cavalo. Então assim, eu achava que eu indo fazer o curso, que... que eu tava realizando minha paixão, porque era o que eu queria trabalhar. (GIRASSOL, 2021).

[...] quis fazer o segundo grau lá. Eu era muito... por que eu gostava, assim, antes de conhecer eu gostava muito de...acreditava que eu daria certo para fazer Veterinária, então fui pra lá por conta disso. Mas, as condições na época, eram muito difíceis, não é mais fácil igual é hoje, não tem as facilidades que os meninos têm hoje. E, por conta das dificuldades eu não fiz, mas o meu propósito era, ou veterinária, ou história, ainda bem que eu peguei, que Deus encaminhou para pegar a segunda vertente, porque é o que eu gosto. (ORQUÍDEA, 2021).

Elas têm certa influência de suas vivências, desde a sua infância, no convívio com o meio rural. O que de fato as motivaram a cursarem, para além disso terem o sonho inicial de posteriormente cursarem Medicina Veterinária. É notório que durante o percurso de nossas vidas sofremos influências pelo ambiente sociocultural ao qual estamos inseridos. Durante o curso, essas egressas encontraram dificuldades na formação, mas, também de adaptação, o que conseqüentemente houve um fortalecimento feminino, contribuindo de certa forma para as mulheres que são hoje.

### 3.2.2 Dificuldades enfrentadas no curso

Nas entrevistas surgiram indicadores de algumas dificuldades encontradas e vivenciadas pelas protagonistas durante o curso em questão, tais dificuldades abarcamos neste tópico.

Quando questionadas sobre dificuldades, as entrevistadas deram o seu parecer sobre isto no decorrer do curso. Orquídea (2021) afirma:

Sim, é as dificuldades são aquelas que eu acho que toda mulher enfrenta, quando...(cortou) em uma sociedade, por conta de você ser mulher, por conta de você estar estudando em um curso que não é para mulher, é para homem, ne. Porque quando a gente, quando eu cheguei lá, é... eu fui tratada assim, como se fosse se o curso não fosse para mulher, o que você veio fazer aqui? Você veio envolver com homem, porque a gente teve... eu tive ne, a experiência de várias pessoas perguntarem se eu tinha ido pra lá por conta disso. E...é, a questão do trote né, porque nesses colégios assim que tem internato, semi-internato, então, tem muito trote. Na época tinha muito, eu passei por muito problema com trote, inclusive depois da primeira série que já estava no segundo ano, eu ainda sofri com esse problema, porque, é... o preconceito é muito grande. É a questão, né, da mulher estar naquela... inserir, da mulher querer né, forçar, ser inserida ali naquele espaço, onde é 99% masculino, é muito difícil.

Pela narrativa de Orquídea vemos o quanto existiam ideias preconceituosas oriundas não só da sociedade, mas, do próprio âmbito familiar. Quando ela diz “você veio envolver com homem...”, vemos que por ser um curso que em sua maioria tem alunos homens, a sociedade procurava uma justificativa em mulheres querer cursar o curso, sendo essa ideologia totalmente machista, pois todas nós mulheres podemos ser o que quiser e estar onde queira estar. Orquídea (2021) continua dizendo que quando ingressou no curso sua família foi contra:

Quando eu fui pra lá, teve várias conversas, inclusive, a minha família falou, foi contra. É... meus irmãos não queriam, meu pai não queria, mas, eu bati o pé e falei que eu queria estudar lá. E, eu coloquei um propósito na minha cabeça que eu iria, e iria terminar. Que a gente tinha vários casos na cidade, em que tinha começado e parado, né, não tinha continuado. Algumas engravidou, outros desistiram, porque realmente é muito difícil. Ser inserido em um ambiente masculino, é muito custoso, é muito difícil.

A sociedade generalizava alguns acontecimentos, como citado por Orquídea, na fala anterior. E achavam que iria ocorrer o mesmo com todas as meninas que fossem cursar técnico em agropecuária. Identificamos também na própria fala da entrevistada, além disso, a narradora traz a palavra trote. Ela afirma em uma fala posterior que sofria trote psicológico, de certa

forma mostra o quão difícil foi para essa mulher, na época com 14 (quatorze) anos, vivenciar e lutar pelo seu espaço não só na sociedade, mas, também no curso técnico em agropecuária.

[...] O nosso, era mais trote assim, psicológico mesmo. Sabe, assim, é... palavras agressivas. É...de a gente ser assim, maltratada fisicamente, não. A gente não teve, eu não tive esse problema de ser maltratada fisicamente. É como se fosse uma tortura psicológica. Hoje, eu tenho maturidade para te dizer, que era como se fosse uma tortura psicológica (ORQUÍDEA, 2021).

Quando indagada se houve dificuldades durante o curso, Lírio afirma que os meninos da sala estavam sempre à frente por terem um conhecimento mais elaborado na área, porque o pai era fazendeiro ou o avô trabalhava em lugar com plantação. Percebemos então que as dificuldades enfrentadas por Lírio foi muito mais contedista as vivências e aceitação no curso. O que chama atenção na fala de Lírio é que alguns professores duvidavam do potencial das mulheres, acreditando que elas não conseguiriam desenvolver as atividades propostas e talvez não seriam capazes de finalizar o curso, pois era comum durante a formação as mulheres desistirem.

Então tinha professor que falava, ah vocês é mulher não vai dar conta de fazer nada não. É... quando eu fui fazer o curso de inseminação, eles chegaram a me perguntar se eu ia ter coragem de fazer o curso de inseminação. (LÍRIO, 2021)

Assim a gente viu mais... tinha muitos professores que encontravam mais dificuldade, porque os nossos colegas, os quais eu tinha mais convívio, eles sempre ajudavam a gente, eles sempre tinham paciência comigo...eh, e assim, eh... eu sempre brincava com eles, então, assim, eles não ficavam me excluindo de fazer grupo...vamos fazer um grupo pra fazer isso, eles não me excluía, eles me ajudavam. Eh... eu vi mais uma barreira maior de alguns professores que criticava, o que vocês estão fazendo aqui? Ainda mais que a gente já era mais velha, né, porque tem o curso técnico em agropecuária com o ensino médio que é mocinhas, né. (LÍRIO, 2021)

Já na perspectiva de Girassol, uma das maiores dificuldades foi na realização do estágio, em uma de suas procuras ouviu a seguinte fala:

E aí, eu pedi o estágio pra ele, a gente conversou sobre as matérias em comum que daria certo pra Emater, ele simplesmente virou pra mim e falou assim, olha se você arrumar mais uma colega ou um colega pra fazer estágio com você, eu te dou o estágio. Pra você sozinha, eu não posso te dar estágio, porque eu sou evangélico e eu sou casado, e pra minha esposa e pra minha igreja não cai bem eu andar com você para as fazendas sozinha. Eu falei, então o meu estágio depende se tiver mais uma pessoa conosco? Você não pode me

levar pro estágio, porque eu sou mulher? E aí, ele falou, é porque eu sou homem e eu sou evangélico, a minha religião pega mal pra mim, se eu levar só você. O que que as pessoas da cidade vão começar a falar, se eu andar com você pra baixo e pra cima nas fazendas? A sociedade põe maldade nas coisas (GIRASSOL, 2021).

Baseado nas dificuldades encontradas no decorrer do curso identificamos, mesmo atualmente, ainda há resquícios de uma sociedade totalmente patriarcal. O que conseguimos identificar na fala de Girassol é uma ideologia machista. Orquídea afirma que foi aceita no curso, mas, teve de se masculinizar para isso.

Você é aceita, eu fui aceita! No final, do segundo ano adiante eu era, eu enturmei, mas, eu virei um homem no meio deles, entendeu? Eu tive que me masculinizar e virar homem no meio deles. Eu terminei a faculdade como se eu fosse homem, eu capinava igual eles, eu carregava saco de arroz igual eles. Porque? Porque eu me masculinizei junto com eles. Eu esqueci que eu era mulher. (ORQUÍDEA, 2021)

A afirmação de aceitação que Orquídea faz, talvez seja a realidade de muitas outras mulheres. Quantas mulheres tiveram que se masculinizar para serem aceitas em lugares ditos não serem para elas. Essa masculinização é marcada por um meio de proteção encontrada por elas para serem aceitas. No sentido de me tornar igual a eles, assim, me tratarão de maneira igualitária.

### **3.2.3 Contribuições do curso em suas histórias de vida X expectativas no curso**

Quando questionadas sobre as contribuições do curso, foram destacadas para além da formação profissional, como em suas formações pessoais, vivências antes inimagináveis e visões diferentes de mundo. Neste sentido, Orquídea afirma:

Eu falo que principalmente, na minha formação, é... como pessoa, sabe. Porque, é ... ali dentro a gente vê gente de tudo quanto é jeito, você convive com índio, você convive com quilombola, você convive com pessoas que moram, é... na África. Eu convivi com pessoas que moravam na África. E aí você vê né, ali você aprende a ver uma nova realidade, que a gente não está acostumado, que se a gente ficar que nem aqui, por exemplo, se eu tivesse ficado aqui estudando em um colégio estadual, eu não teria visto essa realidade, né. Uma realidade que as vezes eu achava que a minha era difícil, a deles é muito mais. (ORQUÍDEA, 2021).

Orquídea declara ainda que acha que a formação pessoal foi a mais importante, pois aprendeu muito no curso, mas não colocou em prática, pois não exerceu a profissão.

[...] Eu acho que ela foi mais importante. Eu aprendi muito no curso, mas, eu não botei em prática, eu não fui trabalhar na área. Na verdade, eu trabalhei na área, cheguei a trabalhar na área por 6 meses, trabalhei com suinocultura, os 6 meses. Mas, eu achei que realmente não era, não...não encaixava, porque é... você trabalha por exemplo em uma granja de que seja, frango, porco, e você vai mandar, né, que no caso a gente tomava conta. E... é muito difícil, o homem é muito difícil de aceitar a mulher, né, comandando. Aí, vira pra gente e fala, é... você não sabe de nada, você ta saindo da escola agora, você é mulher, né. Então, eu achei muito difícil, eu achei que experiencia não valia, sabe. [...] (ORQUÍDEA, 2021).

Orquídea ressalta ainda que:

[...] eu acho que foi uma experiencia muito válida, foi uma experiencia.... eu falo sempre quando me perguntam, que foi uma experiencia de vida, eu não estudei, eu tive um experiencia de vida. Uma experiencia que eu não iria ter se eu tivesse estudado em qualquer outra escola. (ORQUÍDEA, 2021).

Podemos perceber que nem todas as egressas encontram oportunidades de emprego, quando encontram se deparam com as ideias preconceituosas, de certa forma as fazem desanimar e não seguirem a carreira de Técnica em Agropecuária. Essas alunas entram no curso com uma grande expectativa de saírem empregadas, depois se frustram e encontram dificuldades logo no estágio. Quando indagada sobre qual era a sua perspectiva com relação ao curso e após ter se formado, Girassol afirma que:

Eu entrei achando que seria fácil, e ainda mais que na palestra de recepção que a gente tem no IF, o coordenador do curso fala que lá é uma escola profissionalizante e as chances de você sair de lá empregado é muito grande. E eu acha então, que assim, vou fazer o técnico se não der certo na faculdade eu vou sair daqui empregada, eu vou seguir minha vida de técnica. E eu descobri, que quem sai de lá empregado é homem, técnico homem, não é técnica mulher. Eu descobri que eu não podia fazer os cursos é, da escola porque eu era menor de 18, porque eu entrei lá com 16 anos. Eu descobri que, a maioria das mulheres não formam porque não consegue estágio por ser mulher. (GIRASSOL, 2021)

### **3.3 Considerações parciais do capítulo**

Neste capítulo, apresentamos, inicialmente, a relevância e as contribuições que as narrativas trazem para as pesquisas em educação. Entende-se sobre o ato de narrar, fazer parte

das construções sociais e individuais de cada um, pois, a partir da narrativa temos a oportunidade de lembrar fatos, e neste sentido nos reconstruirmos como pessoa. Esse processo ocorre também quando ouvimos o outro, pois somos constituídos de várias narrativas.

Além disso, este capítulo contribuiu para que apresentássemos as narrativas das participantes desta pesquisa, suas histórias de vida, bem como suas vivências no curso técnico em agropecuária do IF Goiano Campus Urutaí, com o intuito de relacioná-las com a formação em questão. Neste sentido, pudemos perceber que as três mulheres participantes desta pesquisa possuem coisas em comum, como por exemplo, o sentimento de formação pessoal, destacam muito as vivências que tiveram no curso, o quanto conheceu pessoas de diferentes lugares, etnias e culturas, fizeram amizades, se identificaram de alguma forma podendo ser quem elas quisessem ser. O sentimento é de liberdade para essas mulheres.

Por outro lado, vemos o quanto cada uma possui um jeito singular de ser, histórias de vida únicas. Orquídea e Girassol cursaram o curso integrado ao ensino médio, já Lírio cursou apenas o curso técnico. Percebemos que Lírio chegou no curso já com uma certa maturidade, pois já havia cursado a graduação, então tinha mais vivência de mundo, comparando com Orquídea e Girassol, ingressantes após o ensino fundamental na mesma modalidade do curso.

Porém, em anos diferentes, percebemos que há uma evolução na inserção feminina no curso. Também percebemos um aumento no número de colegas de sala. O modo como elas mesmas se reconhecem no curso são diferentes.

É perceptível um empoderamento feminino atual, isso certamente é fruto das várias conquistas que as mulheres vêm adquirindo ao longo dos anos, também a visão que elas, como mulheres, numa formação, conforme elas disseram, que não era para elas, tiveram no decorrer do curso técnico em agropecuária e as contribuições as quais o curso trouxe para as suas histórias de vida.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do tema desta pesquisa de alguma forma se entrelaça com a minha história de vida. Talvez, devido à minha vontade em estudar no curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí, quando eu ainda terminava o ensino fundamental; ou ainda das minhas vivências no IF Goiano - Campus Urutaí, pela referência de mulher guerreira que tenho e mesmo por minhas inquietações sobre a mulher nesse curso, dito masculino.

No decorrer da pesquisa me veio o seguinte questionamento: qual seria a minha história de vida, se a escolha pelo curso tivesse dado certo, lá atrás, quando eu estava concluindo o 9º (nono) ano no Ensino Fundamental? Talvez eu tivesse seguido para outra vertente e não teria me tornado professora e nem estaria aqui neste momento concluindo esta pesquisa, ou talvez não. Não sei!

De todo modo, esta pesquisa pretendeu responder à seguinte questão: Como a formação no curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí se relaciona com a história de vida de mulheres egressas? Ao retomar a esta pergunta nos vem a lume várias questões percebidas durante o processo desta pesquisa. A exemplo disso, temos para além da formação profissional, formação pessoal, consequentemente as levaram a níveis elevados de autonomia e criticidade, foram passíveis de análise, a partir das narrativas das participantes.

Cada uma das participantes desta pesquisa narra experiências vividas ao longo de suas vidas e durante suas trajetórias no curso. Nos foi possível, a partir de suas narrativas, aproximarmos dessas experiências de vida e graduação no curso, e dos significados que cada uma traz sobre isso, sendo permitido com que essas experiências se tornassem fonte de dados, informações e conhecimento.

Ao propormos o objetivo geral que é analisar a relação entre o curso técnico em agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí e a história de vida de mulheres egressas, buscamos problematizar questões de gênero, por ser um curso dito masculino e a inserção dessas mulheres, buscando algumas relações de suas histórias de vida com o curso em questão.

Ao longo desta pesquisa nos deparamos com algumas limitações, como a não autorização de acesso às fichas de ex-alunas. Talvez essa pesquisa teria tomado narrativas e experiências de outras mulheres, tão ricas quanto as quais coletamos. A intenção era para além das narrativas das demais alunas, ouvir também a primeira mulher a ingressar no curso em 1979, o que não foi possível. Mas, isso não alterou a importância desta pesquisa, pois cada indivíduo tem a sua história de vida em particular, as narrativas das três participantes foram suficientes para compreendermos a relação do curso em questão com suas histórias de vida.

Como proposto, utilizamos o método narrativo-autobiográfico, pautado em narrativas, processo de biografização e histórias de vida. Desta forma, iniciamos esta pesquisa aprofundando os estudos no que tange os processos de biografização e história de vida, partindo da ideia de identidade, devido a cada indivíduo possuir a sua identidade própria, o que se caracteriza a partir de suas vivências, tomando como base aspectos culturais e sociais, o que não seria diferente com as mulheres egressas do curso, elas possuem suas identidades. Essa identidade é perceptível quando apresentamos as participantes no capítulo II como chorona, mãezona e country girl. Percebemos que são identidades totalmente distintas, isso se justifica pelo meio ao qual estiveram inseridas em todo o percurso da vida.

Ainda no capítulo I, trouxemos bases sobre os principais conceitos referentes a nossa proposta, processos de biografização e história de vida, trazendo para a compreensão destes processos na vida de cada indivíduo, através da narrativa. Tomamos as histórias de vida sob o viés da educação, pautando que estudos neste sentido estão cada vez mais em voga na área da Educação. Todos esses conceitos nos ajudaram a compreender as histórias de vida das mulheres egressas do curso técnico em agropecuária e suas (auto) biografias, através de suas narrativas.

Como partimos de um pressuposto de que o curso é voltado em atender uma demanda masculina da sociedade, até mesmo na atualidade e as mulheres são realidade no curso desde 1979, no capítulo II apresentamos bases teóricas que discorreram sobre a história das mulheres na sociedade. Compreendemos que para além de uma sociedade patriarcal temos outros fatores sociais, econômicos e culturais, querendo ou não, impõem o lugar da mulher na sociedade.

Tivemos outras contribuições para a conquistas das mulheres em meio a sociedade, para além das ideologias feministas. Quando elas vão estudar em um curso predominantemente masculino, estão de fato contribuindo para as histórias das mulheres de maneira indireta e até imperceptível, mesmo na visão delas. Mas, que faz toda a diferença, contribui e continuará contribuindo significativamente.

No capítulo III, buscamos compreender a relação entre a história de vida das três participantes desta pesquisa e o curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí.

Como essa compreensão se deu através de suas narrativas coletadas em entrevista-conversa, iniciamos o capítulo com embasamento teórico, em estudos no que tangem as narrativas, o poder da fala, mostrando a importância de pesquisas que tem como principal fonte de dados a narrativa oral.

Foi a partir das falas - narrativas das participantes que foi possível identificar e elencar as categorias, objeto de análises desta pesquisa, sendo três: A chegada no curso: primeiras

impressões; Dificuldades enfrentadas no curso; Contribuições do curso em suas histórias de vida X expectativas no curso. Caracterizamos essas três categorias como essenciais para compreendermos as histórias de vida das mulheres egressas e a relação de suas histórias com o curso. A nossa percepção é que a formação, desde o seu início, até mesmo na atualidade, é curso masculino, gerando um certo preconceito oriundo da sociedade e também dos próprios colegas e professores que ali estão, podendo ser verificado na fala das participantes.

A partir da narrativa das participantes foi possível perceber um emaranhado de aspectos sociais e individuais para cada uma delas, destacando-se aspectos da formação pessoal e profissional. A formação no curso técnico em agropecuária se relaciona de maneira diferente com as histórias de vida de cada participante, porém com alguns denominadores em comum. Pensando no que tange o aspecto profissional, até o momento das entrevistas, todas elas tinham tido pouca experiência trabalhando na área. Orquídea e Lírio estão com suas carreiras consolidadas, em outra profissão. Mas, Orquídea aplica os seus conhecimentos em suas aulas de história, quando vai falar sobre agricultura e áreas afins.

Girassol, jovem sonhadora, ainda tem a expectativa de trabalhar na área, ou aplicar seus conhecimentos na graduação, ao qual estava pleiteando uma vaga, Engenharia Agrícola ou Medicina Veterinária. Após a entrevista, recebi a notícia de que ela teria sido aprovada no curso superior de Engenharia Agrícola. Portanto, aplicará os conhecimentos que apreendeu durante o curso. Desta parte da utilização da formação em questão de suas vidas, podemos afirmar sobre o conhecimento uma vez adquirido nunca será perdido.

Sobre o aspecto de formação pessoal, percebemos, através da narrativa dessas mulheres, que sortiu efeitos muito positivos. Notamos uma conquista de autonomia, desenvolvimento e crescimento pessoal delas. De uma coisa é certa, independente do curso ao qual estivermos inseridas, se aquele curso tem características que são para nós ou não, a Educação muda vidas.

A Educação faz com que nos tornemos pessoas mais críticas, a ponto de olhar para o nosso lado e enxergar a realidade para além daquilo que é exposto. É necessário sair da “caixinha”. Essas mulheres certamente saíram de suas “caixinhas” e foram em frente, conquistando conhecimentos e relações para além do profissional. Percebemos que o curso trouxe para as três participantes um crescimento pessoal gigantesco.

Considero que todos os objetivos desta pesquisa foram atingidos. Como estamos trabalhando com histórias de vida, conseqüentemente outras variáveis poderiam ser exploradas, tanto a partir da narrativa das três participantes, quanto a partir da narrativa de outras mulheres as quais frequentaram o curso técnico em agropecuária no IF Goiano Campus Urutaí, em conseqüência de cada narrativa trazer dados importantes e únicos para serem analisados.

## REFERÊNCIAS

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. Coleção primeiros passos. Editora Brasiliense, 2017.

BALSAMO, Gisiê. PANIZ, Catiane Mazocco. **Um olhar sobre a inclusão das mulheres no curso de agropecuária: um estudo específico em um campus do Instituto Federal Farroupilha**. Perspectivas em Diálogo, Naviraí, v. 8, n. 16, p. 309-327, jan./abr. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/10780>>. Acesso em: 23 de abril de 2021.

BDTD, **Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações** (Ed.). **ACESSO E VISIBILIDADE ÀS TESES E DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS**. 2020. Disponível em: <<https://bdtd.ibict.br/vufind/>>. Acesso em: dez. de 2020.

BDTD. **História das mulheres**. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?filter%5B%5D=publishDate%3A%22%5B2000+TO+2020%5D%22&filter%5B%5D=institution%3A%22UFG%22&lookfor=hist%C3%B3ria+das+mulheres&type=AllFields>. Acesso em: dez. de 2020

BDTD. **Mulheres**. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?filter%5B%5D=publishDate%3A%22%5B2000+TO+2020%5D%22&filter%5B%5D=institution%3A%22UFG%22&lookfor=mulheres&type=AllFields>. Acesso em: dez. de 2020.

BDTD. **Mulheres; história das mulheres**. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Search/Results?filter%5B%5D=publishDate%3A%22%5B2000+TO+2020%5D%22&filter%5B%5D=institution%3A%22UFG%22&lookfor=mulheres%3B+Hist%C3%B3ria+das+Mulheres&type=AllFields>. Acesso em: dez. de 2020.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOLÍVAR, Antonio. Metodologia de la investigación biográfico-narrativa: recogida y análisis de dados. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena M.B (Orgs.). **Pesquisa (Auto) Biográfica Temas Transversais: Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica tomo II**. Natal: EDUFRN, 2012.

BOLÍVAR, Antonio. Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto)biográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena M.B (Orgs.). **Pesquisa (Auto) Biográfica Temas Transversais: Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica tomo II**. Natal: EDUFRN, 2012.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Tradução de Ana Rabaça. Portugal: Edições Europa-América, 1990.

BRASIL, **Lei Orgânica do Ensino Agrícola**. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-9613-20-agosto-1946-453681-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 19/08/2019>.

BRAGANCA, Inês Ferreira de Souza. LIMA, Rita Pereira. **Narrativas de vida de instrutores da educação profissional como possibilidade de estudos no campo das representações sociais.** Rev. Bras. Estud. Pedagog. [online]. 2016, vol.97, n.246, pp.290-304. ISSN 0034-7183. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/261628641>>. Acesso em: maio de 2021.

COSTA, Virginia E. Suassuna Martins; MEDEIROS, Marcelo. **O tempo vivido na perspectiva fenomenológica de Eugène Minkowski.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 2, p. 375-383, abr./jun. 2009.

DEL PRIORE, M. **História das mulheres: as vozes do silêncio.** São Paulo: Contexto, 2010.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto.** RN: EDUFRRN. São Paulo, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação.** Educação em Revista. v.27 n.01 p.333-346. Belo Horizonte, 2011.  
DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica.** Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.

DOMINICÉ, Pierre. **A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico.** Educação e Pesquisa, v. 32, n.2, p. 345-357, São Paulo, 2006.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: A interpretação de uma mutação.** Editora: EDUSP, 2009.

GALVÃO, Cecília. **Narrativas em Educação.** Ciência & Educação, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

JOSSO, Marie-Cristhine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida.** Tradução de Maria do Carmo Monteiro Pagano. Educação, n. 3 (63), p. 413-438, Porto Alegre/RS, 2007

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

NÓVOA, A., FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PINEAU, Gaston. **As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial.** Educação e Pesquisa, v. 32, n.2, p. 329-343, São Paulo, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade;** tradução de Raul Fiker. – São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade;** tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro-11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ISSA, Sílvia Aparecida Caixeta. **A escola agrícola de Urutaí (1953-1963): singularidades da cultura escolar agrícola.** 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014.

ISSA, Sílvia Aparecida Caixeta. **Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (1978-1986): a formação de mão de obra agrícola no Sudeste Goiano.** 2018. 196 f. Tese (Doutorado em

Educação) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14393/ufu.te.2018.1056>>. Acesso em: maio de 2021.

LANY- BAYLE, Martine. Narrativas de vida: motivos, limites e perspectivas. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena M.B (Orgs.). **Pesquisa (Auto) Biográfica Temas Transversais: Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica tomo II**. Natal: EDUFRN, 2012.

PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; DELORY-MOMBERGER, Cristhine. Reabrir o passado, inventar o devir: a inenarrável condição biográfica do ser. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; ABRAHÃO, Maria Helena M.B (Orgs.). **Pesquisa (Auto) Biográfica Temas Transversais: Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica tomo II**. Natal: EDUFRN, 2012.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. 3 ed. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SAFFIOTI, Heleieth, I. B. **O poder do macho**. Ed. Moderna, São Paulo, 1987.

SAFFIOTI, Heleieth, I. B. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. Ed. Vozes, Petrópolis, 1976.

SAFFIOTI, Heleieth, I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, CLARA. **A Construção Social do Conceito de Identidade Profissional. Interações** número 8. pp. 123-144, 2005.

SCOTT, Joan. **História das Mulheres**. In: BURKE, Peter. (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. 4 a ed. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Porto Alegre: In: *Educação e Realidade*, 2, 1995.

SELEÇÃO WEB. **EDITAL Nº31 DE 07 OUTUBRO DE 2019 EXAME DE SELEÇÃO PARA INGRESSO NOS CURSOS TÉCNICOS 2020/1 URUTAÍ**. Disponível em: [https://academico.ifgoiano.edu.br/qselecao/concurso.aspx?cod\\_concurso=3788](https://academico.ifgoiano.edu.br/qselecao/concurso.aspx?cod_concurso=3788).

SILVA, Bethânia Oliveira. **O Instituto Federal Goiano – Campus Urutaí (2008-2019) pelas narrativas de servidores técnico-administrativos**. 2019. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2019. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFG\\_1b80340ea354e1d7663f791fcde5c7c8](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFG_1b80340ea354e1d7663f791fcde5c7c8)>. Acesso em: maio de 2021.

SILVA, Marilene. A. S. **Experiências de formação dos discentes nativos da etnia Xacriabá no IF Goiano Campus Urutaí-GO (2014-2019)**. 2020. 269 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11267>>. Acesso em: maio de 2021.

STEPHENS, J. *Language and ideology in children's literature*. New York: Longman Publishing, 1992. In: GALVÃO, Cécilia. **Narrativas em Educação**. *Ciência & Educação*, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005

TEIXEIRA, Luciana de Gois Aquino. **Políticas Públicas de Assistência Estudantil no Instituto Federal Goiano - Câmpus Urutaí: Um olhar de gênero**. 2016. 158 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC\\_GO\\_f8e57faad574240e93c137ca3829f6ea](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_GO_f8e57faad574240e93c137ca3829f6ea)>. Acesso em: maio de 2021.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. Ed. Brasiliense (Coleção tudo é história-145). São Paulo, 1993.

TILLY, Louise A. **Gênero, história das Mulheres e História Social**. Campinas: Cadernos Pagu, 3, 1994. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>. Acesso em: 13 de out. de 2021.

PPC – Curso Técnico em Agropecuária. Acesso em: <https://www.ifgoiano.edu.br/home/index.php/cursos-tecnicos-urutai/261-agropecuaria.html>. Acesso em: 13-09-2021.

## ANEXOS

### **Anexo A – Declaração emitida pela secretária do Ensino Médio-Técnico do IF Goiano – Campus Urutaí**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO SECRETARIA DE EDUCAÇÃO  
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

Declaração nº 45/2021 - CREEPT-UR/GEPTNM-UR/DE-UR/CMPURT/IFGOIANO.  
Em atendimento a solicitação de Thatiany Santos, venho transpor a orientação da gestora do SIC - lotada no IF Goiano - Reitoria Daiane Jardim, sua orientação é diante da legislação (Lei n 13.709 de 14 de agosto de 2018) de não informar dados pessoais tais como (endereço, telefone, email) de alunos ou servidores. A gestora também julgou desproporcional e desarrazoada a extensão do período solicitado (1979 a 2020) com base no Decreto 7.724 (art. 13) que regulamenta a LAI.

Diante do exposto esta coordenação não tem orientações favoráveis para atender a solicitação em questão.

Atenciosamente,

Urutaí-GO, 24 de fevereiro de 2021.

(Assinado Eletronicamente)

Valdirene Lopes - 1583276

Coordenadora de Registros Escolares

Ensino Médio e Técnico

Documento assinado eletronicamente por:

■ Valdirene Lopes, COORDENADOR - FG1 - CREEPT-UR, em 24/02/2021 16:31:38.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 24/02/2021. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifgoiano.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 242993

Código de Autenticação: 90907720f4



INSTITUTO FEDERAL GOIANO  
Campus Urutaí

Rodovia Geraldo Silva Nascimento, Km 2,5, Zona Rural, None, URUTAI / GO, CEP 75790-000  
(64) 3465-1900

## **Anexo B - Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE)**

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704

020 Fone: (64) 3441-5366.

Ramal 204 – Coordenação. E-mail: [ppgeduc.ufg@gmail.com](mailto:ppgeduc.ufg@gmail.com)

Ramal 206 – Secretaria. E-mail: [secretariappgeduc@gmail.com](mailto:secretariappgeduc@gmail.com)

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

O(a) Sr(a). está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “De histórias de vida e de instituições escolares: investigações biográficas e narrativas em educação”. Meu nome é Wolney Honório Filho, sou o pesquisador responsável e minha área de atuação é Educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao pesquisador responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas pelo pesquisador responsável, via e-mail ([whonoriof@gmail.com](mailto:whonoriof@gmail.com)) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (64)99989-5890. Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás, pelo telefone (62)35211215.

#### **Informações Importantes sobre a Pesquisa:**

O título da pesquisa é: “De histórias de vida e de instituições escolares: investigações biográficas e narrativas em educação”. Esta é uma pesquisa em educação que se utiliza da

abordagem (auto)biográfica, que vem crescendo significativamente no Brasil desde 2004, quando foi realizado o I Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica. Esta abordagem apresenta-se sob duas vertentes: primeiro Narrativas (auto)biográficas como práticas de formação (formação do adulto e formação do formador). Segundo, Narrativas (auto)biográficas como metodologia e modo de (auto)biografar-se (métodos de pesquisa e modos de grafar a narrativa). Na perspectiva da segunda vertente, especialmente, vemos um território ainda amplo de investigações, especialmente na utilização de biografias e narrativas para se conhecer a história de vida de sujeitos da educação (professores, alunos, técnicos administrativos), bem como a história/biografia de instituições escolares. Esta proposta situa-se neste campo que utiliza a abordagem biográfico narrativa para investigar histórias de vida e de instituições escolares em Goiás, prioritariamente na região sudeste deste Estado. A metodologia a ser utilizada é a das histórias de vida, que utiliza-se de dados tais como entrevistas áudio visuais (inclui-se aqui a entrevista em ambiente virtual, Email, Whatsap), textos (auto)biográficos, entre outros, relacionando a história de vida dos sujeitos da educação com seus pares, bem como com a história sócio, cultural e política regional e nacional. Espera-se com esta pesquisa abrir novos campos de investigação em História da Educação no sudeste de Goiás, compreendendo estudos sobre a memória educacional nesta região. Para isso, estamos propondo uma conversa que será gravada em áudio/vídeo (em ambiente virtual) e o(a) Senhor(a) pode ou não uma conversa que será gravada em áudio/vídeo (em ambiente virtual) e o(a) Senhor(a) pode ou não concordar com a divulgação da sua imagem e do seu nome.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704 020 Fone:  
(64) 3441-5366.

Ramal 204 – Coordenação. E-mail: [ppgeduc.ufg@gmail.com](mailto:ppgeduc.ufg@gmail.com)

Ramal 206 – Secretaria. E-mail: [secretariappgeduc@gmail.com](mailto:secretariappgeduc@gmail.com)

Não sabemos ao certo se essa nossa conversa será muito breve ou mais demorada, irá depender das estórias e lembranças que o(a) Senhor(a) estiver à vontade para nos contar. Pode ser que o(a) Senhor(a) se emocione ou sintam-se constrangida ao narrar fatos que podem ter

acontecido na sua vida, mas caso haja algum assunto que o(a) Senhor(a) não queira falar a respeito, nós entenderemos. O o(a) Senhor(a) é livre para se recusar a participar ou retirar o seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. O o(a) Senhor(a) tem o direito de pleitear indenização garantida em lei para reparação de danos imediatos ou futuros decorrentes da sua participação nessa pesquisa. Caso esteja de acordo em dar a sua contribuição para esta pesquisa, solicitamos que informe seus dados pessoais (nome completo, RG e CPF) no preenchimento deste documento e deixe sua assinatura ao final. Antecipamos agradecimentos por sua disponibilidade e colaboração.

Consentimento da Participação na Pesquisa:

Eu,

.....,

RG

/

CPF

.....,

abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “De histórias de vida e de instituições escolares: investigações biográficas e narrativas em educação”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informada e esclarecida pelo pesquisador responsável Wolney Honório Filho sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Catalão, ..... de ..... de .....

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
Av. Lamartine P. Avelar, 1.120. Setor Universitário – Catalão (GO) CEP – 75.704  
020 Fone: (64) 3441-5366.  
Ramal 204 – Coordenação. E-mail: [ppgeduc.ufg@gmail.com](mailto:ppgeduc.ufg@gmail.com)  
Ramal 206 – Secretaria. E-mail: [secretariappgeduc@gmail.com](mailto:secretariappgeduc@gmail.com)

|  |
|--|
| Sobre a concessão de uso de imagens, assinale a sua opção:   |
| <input type="checkbox"/> Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;     |
| <input type="checkbox"/> Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa. |

|   |
|---|
| Sobre a divulgação do seu nome, assinale a sua opção:   |
| <input type="checkbox"/> Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa;     |
| <input type="checkbox"/> Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa. |

---

Assinatura por extenso do(a) participante

---

Assinatura por extenso do pesquisador responsável

## APÊNDICES

### **Roteiro de Entrevista com as egressas do curso Técnico em Agropecuária do IF Goiano – Campus Urutaí**

#### **INFORMAÇÕES PESSOAIS DA/O ENTREVISTADA/O**

1. Conte-nos um pouco sobre você. Seu nome e idade. Dia, mês e ano de nascimento. Cidade Natal. Cidade Residente. Trabalha. Estuda. Casada/o ou Solteira/o. Tem filhos. Conte-nos sobre sua família
2. Se você não é natural da cidade onde reside, conte-nos o que trouxe você até aqui.
3. Conte-nos quem foi seu incentivo na sua família ou entre amigos para continuar os estudos.

#### **O PERCURSO ESCOLAR**

1. Conte-nos um pouco sobre a sua escolarização.
2. Em que época que iniciou seus estudos. Qual era sua idade. Em qual escola iniciou seus estudos.
3. Onde você fez o ensino fundamental e médio? Como era/m essa/s instituição/ões? Como eram seus professores? Como era seu cotidiano na instituição?

#### ***SOBRE AS EGRESSAS DO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DO IF GOIANO – CAMPUS URUTAÍ***

1. Conte-nos como conheceu o Instituto Federal Goiano – Campus (Escola Agrotécnica de Urutaí).
2. Como era a escola que você estudou, seu cotidiano. Como era o aspecto físico da escola?
3. Conte-nos como era a estrutura física do curso (se existiam laboratórios, se a biblioteca possuía obras básicas do curso, se havia assistência aos alunos como monitoria, eventos).
4. Conte-nos os motivos que a levou a cursar o curso técnico em agropecuária.
5. Você teve apoio de sua família para continuidade nos estudos?
6. Qual foi a forma de ingresso no curso?
7. Qual a sua idade quando ingressou no curso?
8. O que você poderia nos dizer sobre o Curso Técnico em Agropecuária? Conte-nos os aspectos positivos e negativos do curso com na sua formação.
9. Você deu sequência aos estudos na mesma área? Se não, por quê?
10. Conte-nos como eram os alunos da sua turma do curso de Técnico em Agropecuária. (Eram mais mulheres ou homens, condições econômicas, se os alunos eram de fora ou da cidade, se eram casados ou solteiros, se tinham filhos, se trabalhavam).
11. Conte-nos como era feita a aula dos professores e quais matérias didáticas que era mais usado. Conte-nos como era seu cotidiano do curso.
12. Como eram o uniforme e os materiais didáticos que eram usados na instituição?

13. Você participou de algum projeto no curso de Técnico em Agropecuária?
14. Conte-nos como você se sentiu em um curso voltado para um público masculino.
15. Na sua opinião havia um tratamento igualitário entre homens e mulheres no curso?
16. Havia programas de incentivo e permanência? Se sim, quais?
17. Quais as dificuldades que você encontrou no curso?
18. Quais foram as contribuições do curso na sua vida acadêmica, pessoal e profissional?
19. Quais foram os momentos marcantes que você teve durante sua trajetória no curso?
20. Quais eram as ações desenvolvidas no curso, você fazia parte de todas essas ações?
21. Como você se sentiu ao fazer parte do curso?
22. Quais os pontos positivos e negativos que você destaca no curso e em sua formação?
23. Existem documentos, fotos, ou outra memória relevante durante sua trajetória no curso?
24. Conte-nos se, através da formação que você teve no curso Técnico em Agropecuária, você se sentiu preparado/a para atuação. Se não, quais são os obstáculos que essa área ainda possui?
25. Conte-nos se após o curso você atuou ou ainda atua na sua área de formação. Se sim, em qual empresa ou instituição.
26. Qual foi a aceitação no mercado de trabalho após sua formação?
27. Conte-nos se você deu sequência aos estudos. Em qual área e por quê?
28. Conte-nos se você foi feliz no curso.
29. Conte-nos como você se sentiu após terminar o curso técnico em agropecuária.

## **TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS**

**Entrevistada:** Lírio

**Local da Entrevista:** Plataforma do Google Meet

**Presentes:** Wolney Honório Filho (orientador), Thatiany Santos (Pesquisadora), Lírio (Entrevistada).

**Horário da Entrevista:** 19h

**Duração Total dos Áudios:** 39 minutos e 34 segundos.

**Pesquisador -** Ok. Então, estamos agora gravando viu? Hoje, 30 de março de 2021, meu nome é Wolney Honório Filho, nós estamos aqui hoje, eu, Thatiany Santos, orientanda do mestrado em Educação da UFCAT, estamos aqui entrevistando Lírio. Lírio, este é um projeto de pesquisa da Thatiany, que é um projeto que ela foi aprovada no mestrado em Educação, História de vida de mulheres no curso técnico em agropecuária no IF Goiano – Campus Urutaí, que pertence a um projeto de pesquisa maior, que é meu, de Histórias de vida e de Instituições Escolares investigações biográficas e narrativas em Educação. Eu quero te desejar, boas vindas e primeira coisa te perguntar se você autoriza a gravação que nós estamos fazendo de áudio e vídeo, por favor responda.

**Entrevistada -** Sim, eu autorizo.

**Pesquisador -** Ótimo. Ta bom. Lírio, isso aqui vai ser um bate papo ta? Não precisa ficar nervosa, nada disso. É uma conversa, tanto é que a gente inicia uma conversa falando sobre a gente, né? Queria que você falasse, onde você nasceu, sua família, você vai falar um pouco sobre a sua história e vida pessoal, ta bom? Fica a vontade, para falar um pouco sobre isso.

**Entrevistada -** Então, boa noite, né. Meu nome é Lírio, eu tenho 43 anos, é, eu fiz o curso de técnico em agropecuária de 2013 a 2015. É, eu tenho duas filhas, eu casei com 23 anos, e eu fiz o técnico em magistério, fiz a graduação em normal superior, depois eu fiz a pós-graduação em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal Goiano. Eu, quando eu resolvi a fazer o técnico em agropecuária eu era professora da educação básica do município. Nasci aqui em Pires do Rio, meus pais são daqui, nunca sai daqui. Aqui, é desde quando eu nasci. É, estou

separada já a seis anos, vivo com os meus pais, meu irmão, e a minha filha mais nova, que tem 17 anos. E, quando eu fiz, quando entrei para fazer o curso de técnico em agropecuária, eu ainda era casada, eu era professora da educação básica e eu estava cansada daquilo, de por ser contrato da prefeitura. Então era assim, você estava empregada, acordava desempregada. Mudava de prefeito, você estava desempregada. E, como eu ainda era casada, meu esposo nunca gostou, meu ex esposo nunca gostou, que eu fosse atrás pedir, para não ficar devendo favor para ninguém. Então, eu resolvi, fazer o curso técnico em agropecuária, porque aqui tem a firma, a empresa nutriz, né, a friato. E tem um grupo de amizades, um vínculo de amizade muito grande com o pessoal, aí eu conversei, a gente entrou em um consenso para eu fazer o curso para conseguir um trabalho como técnico em agropecuária, na friato. Mas, aí eu entrei, fiz o curso, gostei demais, aprendi muita coisa, fiz amigos, né? Conheci o Instituto, porque até então, eu não tinha, eu já tinha ido, conhecia, ouvia falar, mas eu, assim, a parte física mesmo, o pessoal que trabalhava lá eu não conhecia. Aí, passei a conhecer todo mundo, e enquanto eu estava fazendo o curso, eu fiz um concurso do IF, e fui aprovada, e esse concurso, ele foi em 2013, eu entrei para fazer o curso de técnico em agropecuária, logo eu resolvi fazer o concurso, aí eu fiz o concurso, e passei. Fui aprovada, e depois de um ano que eu estava fazendo o curso, o concurso me chamou, e aí, eu, esperei, terminei meu curso, porque aí eu terminei meu curso em junho de 2015, e comecei a trabalhar em setembro de 2015 no instituto. Então, assim, aí, é, eu fiz para auxiliar administrativo, e como era um emprego seguro, né? Garantido, se Deus quiser para o resto da minha vida, eu optei em não atuar na área de técnico em agropecuária, eu optei por ficar, pela estabilidade, né? eu tinha uma família, assim, talvez eu tivesse a oportunidade em ganhar mais como técnica, talvez não, então aí foi aonde eu optei por fazer, ficar no concurso e não trabalhar na área do técnico.

**Pesquisador** - Tá. É..., Lírio, eu queria que você falasse um pouquinho mais, sobre a sua escolarização, no ensino fundamental e médio. Você disse que é de Pires do Rio, você fez todo o ensino médio e fundamental, em escola pública em Pires do Rio, ou escola particular, como é que foi isso?

**Entrevistada** - É, o meu ensino sempre foi em escola pública, só a faculdade, só a graduação que eu fiz em uma faculdade particular. É..., aqui chama FASUG, a faculdade daqui, aí eu fiz a graduação lá.

**Pesquisador** - Tá. Essa graduação, acho que eu não entendi, quando você falou aí inicialmente porque cortou. Você fez graduação na faculdade particular em que?

**Entrevistada** - É, eu fiz graduação na faculdade particular, foi normal superior. Porque, o meu ensino médio, eu fiz ele, é, magistério com o ensino médio, né? Técnico em magistério com o ensino médio, aí depois eu fiz o normal superior e depois ensino de humanidades que é a pós graduação que foi no Instituto Federal.

**Pesquisador** - Quando você fez o curso técnico no ensino médio, aliás, um pouco antes disso, quando você fazia o ensino fundamental, o que você gostava, e o que você não gostava?

**Entrevistada** - Eu fui uma menina muito hiperativa (risada), é, eu gostava muito de ir para a escola, não tinha reprovado, eu reprovei na segunda fase do ensino fundamental, eu reprovei. Mas, assim, a escola que eu estudei na primeira fase é em frente a minha casa, é, chama doutor Francisco Accioli, Escola Estadual Doutor Francisco Accioli. Eu estudei até a quarta série, na época, né? Então, assim, como eu morava de frente a escola, a minha vó vendia laranjinha na escola, então eu tinha que ser uma menina comportada (risada). É, eu tinha uma tia também, que trabalhava na escola, então, assim, a minha primeira fase foi muito tranquila, depois eu mudei de escola e fui para o Colégio Estadual Martins Borges, lá eu fiz da quinta a oitava, que agora é o sexto ao nono, né? E aí, lá eu descobri o tanto que a escola era boa. Aprendi, conhece a Educação Física, me empolguei e estudei, fiz o quinto, o sexto, o sétimo, no oitavo eu, eu reprovei. Eu tinha uma prima que estudava comigo, que a gente também é muito grudada, e aí, eu, depois eu reprovei e mudei de escola, fui para o Colégio Estadual Professor Ivan Ferreira, que hoje é o colégio militar aqui, e fiz a oitava de novo e aí passei, né? E assim, em 97, acho que foi 97, eu entrei no ensino médio com o magistério, fui fazer o curso noturno, que aí eu comecei a trabalhar, aí, eu consegui um emprego, eu tava com 15 para 16 anos, aí eu comecei a... (dúvida), não, 16 para 17 anos, aí, eu comecei a trabalhar e fiz o magistério a noite. Pensei, que eu ia fazer o curso do magistério, porque a minha vontade mesmo, era fazer Educação Física, mas, tinha em Catalão e a gente não tinha condições de eu mudar pra lá para eu estudar, né? E aí, eu peguei e... aí eu tinha que estudar em uma escola melhor, para eu conseguir passar, né? Para fazer o ensino médio, meu pai me deu essa opção, mas, como eu não gostava muito de estudar rs, eu preferi fazer o magistério, aí, eu fiz o magistério, e, empolguei, gostei. As aulas de estágio, para mim eram as melhores, a gente fazia uns desenhinhos, os alfabetos. Quando eu fui para a sala de aula, porque eu tinha que fazer, eu entrei até com a professora Cristiane, ela é professora do Instituto Federal hoje, foi minha professora na pós-graduação e eu fiz o estágio com ela, aí ela me explicou muita coisa, me ensinou muito coisa, aprendi bastante com ela, e ela que me engajou, falou não Lírio, você consegue ser professora, você é uma boa professora e tals, vamos organizar esse trem aí que

você vai conseguir, dar aula. E eu sempre substituía, né? Na sala, em outra. Eu gostava muito de menor, alfabetização, jardim...E aí, eu peguei, terminei o ensino médio, terminei o magistério e consegui um emprego na prefeitura daqui que foi em 2000. Aí, em 2000 eu consegui um emprego, e fui dar aula na alfabetização. Aí, dei aula na alfabetização, fiquei bem alguns anos na alfabetização, revezando primeiro na, ou terceiro ano, aí fiquei 5 anos em uma escola, fiquei mais 3 em duas escolas, tudo municipal, né? Eu sempre trabalhei nas escolas municipais. E quando foi já no final, quando eu tava fazendo o técnico em agropecuária, eu fui para uma creche, trabalhar em uma creche. Aí, eu participei no monitoramento, eu ajudava a professora, tinha uma professora, tinha uma regente, né? E eu fiquei lá 2 anos. E aí, foi nesse intervalo que eu me desgastei mais, assim, justamente pela troca de prefeitos, e eu peguei e decidi que eu ia fazer o curso, e hora que eu terminasse o curso, eu ia parar, eu não ia ser mais mexer com prefeitura, eu queria uma coisa para mim, e assim foi.

**Pesquisador** - Tá. Mas, essa história sua, o que te fez fazer o curso técnico? Você já estava fazendo o magistério, atuando como professora, parece que não estava muito bem. Ah, o que te levou, como é que você conheceu o curso técnico?

**Entrevistada** - Foi assim, eu já tinha até feito a graduação quando eu resolvi fazer o curso técnico, é...eu estava cansada de sempre ta fazendo as mesmas coisas, e eu estava assim, em uma fase difícil do casamento e eu um dia sentei e falei assim: Ah, eu vou mudar minha vida, não quero ser professora mais. Como eu não posso sair, estou casada e presa as minhas filhas e ao casamento, eu vou fazer esse curso lá. E a minha filha, estudava lá, a mais velha. Ela estava fazendo, ela tinha feito o primeiro ano lá, e tinha sido reprovada, aí eu não tirei ela de lá, e aí eu conversei com meu ex marido, falei para ele: oh, eu vou fazer o curso porque eu tô lá, fica bom que eu dou uma olhada na Marcela, e tô fazendo um curso e vou tentar mudar de ramo, não quero mais ser professora. E aí, assim eu fui fazer o curso.

**Pesquisador** - Tá. É... qual o ano que você começou o curso técnico? E a outra pergunta, junto com essa é, quando você começou o curso técnico qual era sua expectativa? Além dessa de mudar de vida, né.

**Entrevistada** - Eu comecei o curso técnico no ano de 2013, é... eu entrei em agosto de 2013. A minha expectativa era a ter mais aprendizado, eu sempre gostei, assim, de roça, eu fui criada em fazenda, meus tios moravam, moram até hoje, meus avós moraram em fazenda. Então eu achei que, talvez entre todos os cursos que tinha de técnico era o que eu poderia aproveitar mais, talvez era o que ia me identificar, porque tinha técnico em informática, eu

achei que não seria, e aí entre esse, tinha técnico em administração na época, e tinha o técnico em agropecuária, aí entre esses, eu falei esse é o que eu vou mais me identificar, e a minha menina falava que era um curso muito bom, e eu peguei e decidi que eu ia. Eu acho que também, o curso técnico também, na época era uma válvula de escape para mim, era onde eu saía, onde eu conversava, onde eu via um monte de gente, porque nessa época, eu estava mais assim, da escola pra casa, da casa pra escola, chegava fim de semana, da casa pra sogra, da sogra pra casa, então eu acho que eu tava assim, e ele também foi uma válvula de escape, porque lá eu podia brincar, podia ser eu, podia falar besteira, eu fiz novas amizades, eu tenho essas amizades até hoje. Então, assim, também foi, mas eu achei que era o curso que talvez eu mais me identificasse. Eu gostei muito de fazer, eu aproveitei, eu fiz inseminação artificial no curso, eu entrei dentro de poço, coisa que eu nunca tinha feito. Então, assim, fui pra roça, fiz buraco, capinei, ajudei meu marido a fazer uma cerca pra gente fazer um trabalho de escola, fiz arte? Fiz arte! Mas, eu gostava muito, eu aproveitava muito.

**Pesquisador** - Eh... você entrou em 2013, estava com quantos anos?

**Entrevistada** - Eu não sou boa de conta rs, eu fiz 43 ontem (risada)

**Pesquisador** - Então a 7-8 anos atrás, então você estava com 35 anos mais ou menos. 34 para 35 anos.

**Entrevistada** - É...

**Pesquisador** - E os seus colegas de turma? Quantos anos tinham?

**Entrevistada** - Meus colegas de turma, eu tinha uma colega de turma que era a Dália que já era uma cinquentona, mas, ela era hippe então, assim ela tinha morado fora do país muito tempo, mineira e descobriu a escola e sabia que podia se interna lá, né? Aí, ela veio, fez o processo seletivo e veio e estudou comigo. Aí eu tive, além da Dália eu tive mais duas...mais 3 colegas. E dessas 3... nós éramos 4 (pensando), nós éramos 5, das 5 só eu e a Dália terminou o curso, as outras 3 não terminaram. Uma era de Minas, do Norte de Minas foi antes, a outra era de Cristalina, também foi embora antes e a Raquel que ela é daqui de Pires, eu vejo ela sempre, ela desistiu do curso e foi fazer pedagogia, ela não tinha curso superior e ela fez o vestibular, passou na UEG e foi fazer pedagogia, até o ano passado ela estava atuando em sala de aula, esse ano ela preferiu ter um filho e cuidar do bebê. E os outros, os rapazes que eram a maioria, nós éramos um grupo de quase 30, tudo menino novo, tudo rapazinho de 20 anos... porque o curso técnico que eu fiz era o concomitante, que podia fazer o ensino médio em outo

lugar, as vezes você já tinha feito o ensino médio e podia fazer o curso e aí, então, assim, os meus colegas eram os meninos, 20 anos, 22, 23, 24... fazendo curso, então, assim, fumava paiero dentro da sala, falavam besteira, mascava fumo, então isso tudo... isso era uma coisa que não era o meu ritmo de vida, eu achava muito interessante, então eu, dava a hora do intervalo, vamos sentar ali... eles sentavam fazia tudo, eu via, e eu não... não importo que vocês façam, mas eu não vou fazer. E é sempre muito novo, assim muito irresponsável, né? Pela idade, parece que eu achava que eu não podia fazer arte. E aí, eles subiam para Urutaí porque é muito perto né? Da cidade de Urutaí. Eles subiam, bebiam, ficavam tontos voltavam. Então, assim, chegavam tontos na sala (risada), e eu falava gente mais que absurdo gente, vocês saem de casa pra vir estudar... não Lírio oh, você larga de ser careta. Eu peguei, e fui pegando o ritmo, eles chegava aí ajudava, fazia tarefa, fazia prova...quando podia ajudar, eu estudava, conseguia fazer, sempre ajudava. Mas, foi uma turma muito boa, a gente tem um grupo até hoje e alguns, a gente ainda conversa, tinha Catalão, Ipameri, Cristalina, Campo Alegre, tens uns daqui de Pires. E aí, assim, eu tenho contato com alguns hoje em dia, e tem muitos que viraram técnico na firma que eu queria trabalhar. Aí eles sempre fala, não bom que você passou no concurso, mas, se você tivesse ido pra firma também ia dar certo e tals. E assim, tudo menino novo.

**Pesquisador** - E... apesar de ser menino novo, vocês eram poucas mulheres, vocês sentiam é... alguma diferença, assim radical por ser homem e por ser mulher no curso?

**Entrevistada** - Sentia, a gente sentia. Até porque, eles já tinham... alguns, já tinham um grau de conhecimento porque o pai é fazendeiro, ajudava a plantar. É... o vô, trabalhava em lugar de plantação mesmo, então, assim, tinham alguns que tinham um conhecimento maior, e os professores via isso, né? E a gente sempre lá caladinha. Então, eu procurava ler, e procurava estudar quando tinha alguma coisa assim, pra hora que o professor chegasse eu soubesse alguma coisa, eu soubesse responder. E eles sempre na frente. Então tinha professor que falava, ah vocês é mulher não vai dar conta de fazer nada não. É... quando eu fui fazer o curso de inseminação, eles chegaram a me perguntar se eu ia ter coragem de fazer o curso de inseminação. Falei uai, eu vou fazer, eu quero fazer, quero aprender. Já a outra, a mais velha que eu, ela não quis fazer, ela optou por não fazer, mas é porque ela amava muito os animais e gostava muito, achava que era uma judiação, né... fazer isso com a vaca, porque as vezes a gente machucava né pra fica achando o vulvo, achando as coisas lá, então, assim, é... eles achavam que a gente não ia dar conta de fazer, mas, aí eu fui e fiz, fui aprovada, então, assim havia mesmo um pouco assim, de achar que a gente não ia dar conta de fazer.

**Pesquisador** - Além disso, você encontra, você lembra de outras dificuldades que vocês encontraram no curso?

...

**Pesquisador** - Sem som

**Entrevistada** - Repete a pergunta

**Pesquisador** - Ah, sim. Então, além dessa dificuldade que é a dificuldade de... eh, parecia que os próprios colegas achavam que vocês não davam conta, de fazer as atividades do curso. Além disso, vocês encontraram outros tipos de dificuldade?

**Entrevistada** - Assim a gente viu mais... tinha muitos professores que encontravam mais dificuldade, porque os nossos colegas, os quais eu tinha mais convívio, eles sempre ajudavam a gente, eles sempre tinham paciência comigo...eh, e assim, eh... eu sempre brincava com eles, então, assim, eles não ficavam me excluindo de fazer grupo...vamos fazer um grupo pra fazer isso, eles não me excluía, eles me ajudavam. Eh... eu vi mais um barreira maior de alguns professores que criticava, o que vocês estão fazendo aqui? Ainda mais que a gente já era mais velha, né, porque tem o curso técnico em agropecuária com o ensino médio que é mocinhas, né. Meninas de 15, 16 anos, né. E aí, a gente lá... com 35...igual a Dália com quase cinquenta. E aí, quando a gente foi, falou assim nossa... só porque nos primeiros dias eles acharam que tinham até muita mulher no curso, que nós eramos cinco. E aí, teve um professor que falou, é... não vai terminar uma, dessas cinco, as cinco não ia conseguir terminar. E aí, eu e a Dália terminamos (risada).

**Pesquisador** - Então era comum as meninas...mulheres começarem o curso e não terminar?

**Entrevistada** - Eh... assim, principalmente, no curso concomitante porque no ensino médio com o técnico, é... as meninas terminavam, agora no que que fiz já era mais difícil, as vezes nem tinham meninas no curso.

**Pesquisador** - Tá. Eh...e o que vocês atribuem a isso?

**Entrevistada** - Eu acredito que a nossa região, é uma região que as meninas... como a gente tem a faculdade, é... terminou o ensino médio quer fazer faculdade e aqui tem a UEG, então aqui tem o curso de Pedagogia, não sei se ainda tem ...(pensativa), pedagogia, geografia, história. Então elas não optavam por fazer, igual eu fiz, né. Porque eu fiz o ensino médio, fiz a

graduação, e resolvi voltar. E aí, as meninas quando chegam no ensino médio elas decidem se vão fazer, é... a faculdade. Então é por isso que dava muita pouca mulher no curso.

**Pesquisador** - Ou seja, talvez a idade ajudava você a ter um pouco mais de firmeza na decisão de fazer o curso, porque quando a mulher-menina é mais moça, parece que as atividades do curso mais expulsão do que atraem mulheres para o curso, é isso?

**Entrevistada** - Assim, eu não se eu entendi a pergunta porque cortou um pouco, é... no curso técnico que eu fiz, talvez a maioria das mulheres decidissem não fazer o curso, porque já estava fazendo a graduação, ou, né...Porque, quem geralmente vai fazer o ensino médio, já faz o ensino médio com o técnico, que são os mais jovens, né. E aí, os mais velhos, iguais os meninos de 20 anos que já tinham feito o ensino médio, a turma que já tinha feito o ensino médio, resolveu que faria esse curso, então a maioria é homens. Teve mulheres, depois da minha turma, eu vi, aumentou mais as mulheres, no curso concomitante, mas, assim eu não continuei observando ...se estava aumentando, mas, uma turma depois de mim, eu sei que tinha algumas meninas lá. Aí, eu já estava trabalhando no IF né, aí eu já não tinha muito tempo de ficar olhando, e não procurei muito saber do curso mais. Eu trabalhava no RH, então, eu trabalhava em uma área fechada, não tinha esse contato com o pessoal. Mas, eu via, eu sei que depois de mim, até porque teve alguns colegas meus que reprovaram e continuaram estudando, e aí, eu tinha notícias dessas meninas lá também.

**Pesquisador** - Durante o curso, vocês tiveram assim, notícias de mulheres que foram perseverantes, que superaram o que se esperavam dela durante o curso? Além de vocês, claro!

**Entrevistada** - Eu não conheci nenhuma que tivesse feito o curso antes que eu, esse curso. Eu conheço meninas que fizeram o curso lá, mas com o ensino médio e aí, hoje em dia trabalham na área técnica mesmo, como técnico em agropecuária no Mato Grosso do Sul, no Paraná, aqui em Goiás. Eu já tive notícia, mas assim das meninas mais novas. Do meu curso, eu não me recordo de algum professor, ou alguém ter falado que fez esse curso que é só por 2 anos e só meio período, né. Porque com o ensino médio, era 3 anos e era o dia todo.

**Pesquisador** - E em relação aos meninos, todos estão empregados...seguiram carreira na área?

**Entrevistada** - Tem alguns que estão na área, trabalhando com técnico em agropecuária. Agora tem outros que já preferiram fazer a faculdade. Aí, eu conheço dois colegas meus, um fez agronomia em Ipameri, o outro está fazendo veterinária, é... dos que eu

ainda tenho contato, né. Aí, eu tenho alguns está trabalhando aqui na friato mesmo, como técnico. Tem uns amigos da minha menina, que também trabalha nessa empresa. Tem um amigo meu que trabalha em Campo Alegre, o pai dele trabalhava em uma fazenda lá que plantava e aí ele foi trabalhar lá em Campo Alegre também, eu também sempre tenho contato com ele. E... mas, a grande maioria sim, da minha turma os que não estão trabalhando como técnico, optaram em fazer faculdade.

**Pesquisador** - As suas filhas tem quantos anos?

**Entrevistada** - As minhas filhas? Ah...eu tenho a Marcela que tá com 23 anos, que fez o técnico em agropecuária lá, formou. É...agora trabalhou na área por dois meses, como técnica em agropecuária, mas, é... na colheita, né. Ela trabalhou, numa empresa que fazia seleção de grãos, análise, né. E aí, ela trabalhou agora nessa safra, mas antes ela trabalhava em uma empresa da Enel como atendente, no escritório. E, eu tenho a Daniela que tem 17 anos, que faz o ensino médio com, eh... qual o curso? É no IF também... (risos)

**Pesquisador** - Biotecnologia...

**Entrevistada** - É... aí ela está fazendo o curso de Biotecnologia, agora ela vai pro terceiro ano, e quer fazer Biomedicina, falei pra ela estudar bastante (risos).

**Pesquisador** - Oh Lírio, eh... o que foi o curso técnico pra você?

**Entrevistada** - É... eu vou te falar que o curso técnico foi um divisor de águas pra mim, vou usar essa...(risos), porque eu resolvi fazer o curso técnico, minha vida virou assim um ângulo, porque eu tava fazendo o curso técnico aí eu descobri que eu podia ser eu, que eu podia ter minhas amizades, que eu podia viver minha vida. Esse curso técnico abriu um leque para eu conseguir separar do meu ex marido...

**Pesquisador** - Tá cortando, tá cortando...

**Entrevistada** -Será que tá bom? Aí, eu fiz o curso, enquanto eu tava no curso, igual eu te contei, eu fiz o concurso, justamente porque eu pensava assim, quando eu passar nesse concurso eu vou separar do meu marido, quando eu passar no concurso, eu vou me separar. Então, eu estava fazendo o curso, e eu sempre vinha embora com uma professora, a professora Carmem. Nas terças-feiras em sempre vinha com ela, porque eu só tinha aula com ela. Aí, um dia abriu o concurso, eu comentei com ele que ia ter o concurso, só que não tinha vaga para Urutaí, tinha vaga pra Cristalina, e eu... e ele falou assim, ah, mas você vai fazer esse concurso

pra que? Eu não vou mudar minha vida, pra ir pra lá se você passar. Nós temos uma vida aqui, eu tenho meu emprego aqui. Aí, eu concorde com ele que não ia fazer, aí essa professora minha me incentivou... que isso Lírio, tu é doida? (E ela é da Paraíba né). Tem que fazer, se passar lá a gente consegue uma transferência pra cá, tem jeito de transferir... até então eu ficava assim, totalmente...sem noção, e aí ela falou, tem jeito de transferir, a gente conversa com o diretor vê o que ele pode fazer, as vezes você fica lá um tempo... Eu falei Carmem, mas como é que eu vou largar minhas filhas aqui? A Daniela ainda era um pouca mais nova, né. Aí eu falava como que eu vou fazer? Ela falou não, você vai fazer esse concurso. Eu fiz a inscrição no último dia, é... eu fui fazer a prova, meu ex marido gosta muito de pescar, eu fui fazer a prova ele tava pescando, o dia que o resultado saiu ele estava pescando. Aí, então quer dizer, zero incentivo né? E eu peguei o dia que saiu o resultado eu tinha passado em terceiro lugar, falei nossa, terceiro lugar. Terceiro lugar, era uma vaga, mas eu falei eu acho que vou ser chamada. Comecei, coloquei todo mundo pra rezar, pra eu ser chamada. E o dia que ele chegou e eu contei pra ele, ele foi e falou pra mim, ...quis comemorar e tals ne...e eu falei que eu não tinha motivo para comemorar com ele, que com quem eu tinha pra comemorar eu já tinha comemorado, que eram as minhas filhas. Aí, ainda saí pra comer uma pizza. Quando eu fui chamada, a minha sogra tava passando por um câncer de mama e eu estava acompanhando ela em Goiânia, eu sempre ia, e tals... estudava, aí eu pedi substituição lá na escola que eu trabalhava e ia com minha sogra. Eu estava chegando em Goiânia, em agosto, não sei o dia certo, eu recebi um e-mail falando que era pra eu arrumar minha documentação e fazer os meus exames, que eles iam me efetivar. Aí ele falou pra mim: perdi minha mulher. Eu virei pra ele e falei: perdeu mesmo. (risada). Então, assim, eu comecei a trabalhar dia 08 de setembro de 2015, dia 08 de novembro de 2015, eu me separei dele. Então, eu acho que foi um divisor o curso...eu queria muito aprender, mas mudou muito a minha vida, mesmo sem eu estar na área.

**Pesquisador** - Tá joia, e...bom, agora momentos finais. O que você, falaria para nós assim, sobre o curso, ah... do ponto de vista, da formação da mulher ou do homem de um modo geral?

**Entrevistada** - O curso, é ... ele, é um curso que vale a pena, porque nós temos bons professores e professores dispostos a ensinar. Então, assim, tanto mulher, tanto os meninos como a gente, depois que eles viram... alguns professores que acharam que a gente não ia continuar, viram que a gente estava firme, que a gente tava estudando, a gente tava aprendendo. Então, assim, sempre colocava a gente a frente. Lírio, vem fazer isso aqui então. Lírio, o que você faria isso, em qual situação? Então, assim, eu acho que a gente aprendeu bastante, e eu

acho que ele é de grande relevância, porque o nosso município é mais lavoura, né. Então, assim, o técnico agropecuário alcança mais os homens aqui, porque tem muita gente que trabalha em fazenda...que mora em granja. Então, o menino quer fazer um técnico em agropecuária porque é uma área grande, que se conseguir uma área adequada é um salário bom. Meus amigos falam pra mim, eu tenho um amigo que chama Carlos, ele fez o curso, está na área...

**Pesquisador** - Hoje um técnico na área ganha quanto?

**Entrevistada** - O salário? Na empresa, na nutriz, na friato hoje, um técnico agropecuário, sem a produção... sem a produtividade dos galpões de frango, o salário deles é 2600 reais, conforme for a produtividade nas granjas ne, eles ganham a produção também. O valor geral, eu não sei te falar.

Por fim, os agradecimentos.

**Entrevistada:** Orquídea

**Local da Entrevista:** Plataforma do Google Meet

**Presentes:** Wolney Honório Filho (orientador), Thatiany Santos (Pesquisadora), Orquídea (Entrevistada).

**Horário da Entrevista:** 19h

**Duração Total dos Áudios:** 41 minutos e 47 segundos.

**Pesquisador** – ok. Então, boa noite, Orquídea, Thatiany. Hoje é Catalão, são 08 de abril de 2021. Nós estamos aqui, Thatiany Santos, e eu, Wolney Honório Filho, para entrevistar Orquídea de Lima?

**Entrevistada** – Isso, Orquídea...

**Pesquisador** – Orquídea de Lima. Orquídea, primeiramente e quero te perguntar se você autoriza a gravação, porque esse é um protocolo que a gente faz, né, nas entrevistas, depois você recebe uma cópia, para saber se você realmente autoriza o que você falou. Você fala não, não quero autorizar, não autorize, tá? Você autoriza então, a gravação?

**Entrevistada** – Sim, pode gravar. Sem problemas.

**Pesquisador** – Tá joia, ta bom, Orquídea. Então, é...acho que a Thatiany já deve ter te falado, do proposito dessa conversa nossa aqui hoje, né. A Thatiany é aluna do mestrado, eu sou orientador dela, e nós estamos fazendo uma pesquisa sobre é... o curso né, as mulheres no curso de agrotecnico lá de Urutaí.

**Entrevistada** – Sim.

**Pesquisador** – Eu queria que você começasse falando um pouco sobre você. Seu nome completo, quem você é, de onde você é, né... enfim, conta pra nós um pouquinho da sua história.

**Entrevistada** – Eh... eu sou, é... natural de Pires do Rio, né. Meu nome é Orquíde de Lima Assis, é, adquiri um Santana depois do casamento, então, Orquídea de lima Assis Santana. É... eu tenho 43 anos, sou professora, sou professora de história, é... eu sou professora do município e sou professora no Estado. É...estudei né, no colégio agrícola, me formei, entrei lá em 93 e me formei em 95. Saí do colégio agrícola e já entrei direto na faculdade, entrei na UEG em 96, sai em 2002, e em 2004 comecei a exercer a profissão do magistério.

**Pesquisador** – Eh... você fez UEG, qual curso?

**Entrevistada** – Fiz, história. Sou professora de história.

**Pesquisador** – Aí, que bom. Eu também sou historiador.

**Entrevistada** – É, eu gosto. É minha paixão.

**Pesquisador** – (Risada). E você foi alfabetizada onde, em Pires do Rio mesmo?

**Entrevistada** – Sim, fui alfabetizada em Pires do Rio, é, sempre em escola pública, eu nunca estudei em escola particular. É, eu sou a clássica aluna de escola pública. É, eu fui alfabetizada no Colégio Estadual Martins Borges, do Colégio Estadual Martins Borges que eu terminei a oitava série, na época que era oitava série, que é o nono ano hoje, eu já fui direto para Urutaí. É... eles faziam umas visitas ne, eles levavam os alunos, vinham mandava um ônibus e os alunos iam visitar a escola, aí em um dessas visitas eu fui, ne, eu estava na oitava série, e gostei, e quis ir pra lá fazer o segundo grau. Quis fazer o segundo grau lá. Eu era muito... por que eu gostava, assim, antes de conhecer eu gostava muito de...acreditava que eu daria certo para fazer Veterinária, então fui pra lá por conta disso. Mas, as condições na época, eram muito difíceis, não é mais fácil igual é hoje, não tem as facilidades que os meninos tem hoje. E, por conta das dificuldades eu não fiz, mas o meu propósito era, ou veterinária, ou história, ainda bem que eu peguei, que Deus encaminhou para pegar a segunda vertente, porque é o que eu gosto.

**Pesquisador** – Porque veterinária na época?

**Entrevistada** – Ah, porque eu gostava muito de animal, na verdade eu gosto até hoje. Gosto muito de animal. Então, assim, eu acreditava que se eu estudasse lá eu teria mais chances, ne, quando eu fosse, se eu desse conta por exemplo de entrar na faculdade, e fazer veterinária.

**Pesquisador** – Certo. Quando você começou o ensino médio, você tinha quantos anos? Lá em Urutaí.

**Entrevistada** – Eu tinha...14, 14 anos.

**Pesquisador** – Houve processo seletivo, ou não?

**Entrevistada** – Sim, tinha processo seletivo. Fiz, e passei no processo seletivo.

**Pesquisador** – Tá, é... junto com você foram mais pessoas de Pires do Rio?

**Entrevistada** – Sim, tinha o ônibus, a gente era um ônibus cheio. É... entre esses só duas mulheres, na minha turma eram só duas mulheres. Aí, no segundo ano, quando a gente foi para o segundo ano uma que tinha parado de estudar voltou, e formou com a gente.

**Pesquisador** – Tá, como é que foi esse primeiro momento de chegada no curso de Urutá?

**Entrevistada** –Um choque.

**Pesquisador** – Porque?

**Entrevistada** – Porque o choque cultural, primeiro você tem o choque cultural, você vai encontrar gente de tudo quanto é lugar do mundo. Na minha época tinha do mundo. E depois, duas mulheres, ne, tinham mais algumas na escola, mas, assim, quando a gente chega a gente enturma com a turma da primeira série, do primeiro ano. A gente, num...num... é, lá tem uma divisão muito clássica, primeiro, segundo e terceiro ano, ne, então, nós éramos os novatos, chegando. Então, assim, é um choque muito grande. É, eles recebem a gente, alguns recebem muito bem, mas, a maioria recebe assim, é com um certo receio, principalmente por ser mulher. Eu acho assim, que os meninos tiveram mais facilidade de enturmar, nós tivemos mais dificuldade de enturmar sabe, assim pelo menos eu, ne. Da outra eu não sei te dizer, mas, pelo menos eu tive muita dificuldade.

**Pesquisador** – E, você se lembra assim, que tipos de dificuldades que foram essas? Que vivências foram essas?

**Entrevistada** – Sim, é as dificuldades são aquelas que eu acho que toda mulher enfrenta, quando...(cortou) em uma sociedade, por conta de você ser mulher, por conta de você estar estudando em um curso que não é para mulher, é para homem, ne. Porque quando a gente, quando eu cheguei lá, é... eu fui tratada assim, como se fosse se o curso não fosse para mulher, o que você veio fazer aqui? Você veio envolver com homem, porque a gente teve... eu tive ne, a experiencia de varias pessoas perguntarem se eu tinha ido pra lá por conta disso. E...é, a questão do trote né, porque nesses colégios assim que tem internato, semi-internato, então, tem muito trote. Na época tinha muito, eu passei por muito problema com trote, inclusive depois da primeira série que já estava no segundo ano, eu ainda sofri com esse problema, porque, é... o preconceito é muito grande. É a questão, né, da mulher estar naquela... inserir, da mulher querer né, forçar, ser inerida ali naquele espaço, onde é 99% masculino, é muito difícil.

**Pesquisador** – Hurum. É... esses trotes tinham alguma atividade específica, enfim, você tem liberdade para falar?

**Entrevistada** – Não, não tinha uma atividade específica não. Com os meninos, eles pegavam mais pesado, ne. Colocava por exemplo pra...pra poder capinar um determinado lugar, fazer um serviço que as vezes eram eles que tinham que fazer, então, com os meninos era mais pesado. O nosso, era mais trote assim, psicológico mesmo. Sabe, assim, é... palavras agressivas. É...de a gente ser assim, maltratada fisicamente, não. A gente não teve, eu não tive esse problema de ser maltratada fisicamente. É como se fosse uma tortura psicológica. Hoje, eu tenho maturidade para te dizer, que era como se fosse uma tortura psicológica. E se vissem alguma brecha, é... em você, por exemplo, eu sou muito chorona, então apertou um pouquinho eu to chorando, e aí, eles apertavam e eu começava a chorar. Então, isso era um motivo a mais para eles, pegar mais pesado.

**Pesquisador** –Tá. Mas, o que você quer dizer com apertar, o que era isso?

**Entrevistada** – Ah, tá. Apertar, é pegar pesado mesmo. Tipo, eu tenho, a vida inteira eu tive um problema com baixa autoestima, e eles perceberam isso, essa questão da baixa autoestima, e era onde eles pegavam. Onde eles faziam, a... eu falo que era uma tortura psicológica, porque, era onde eles falavam... me chamavam de machão, de feia, de gorda, então tudo isso teve, é um bullying... que a gente se... naquela época, a gente não chamava de bullying né, os meninos de hoje que fala que é bullying, naquela época a gente falava que era, é... como é que eu posso te dizer...que era apelido. O meu era bolinha, na verdade, eles queriam colocar um apelido muito mais escabroso, eu nem lembro mais como que era o apelido, mas, não pegou. Eles até colocaram, mas, não pegou. Eu já levei esse de Pires do Rio pra lá, então chegou lá, muita gente já me conhecia, e ficou bolinha. E eu fiquei bolinha os quatro anos, os três anos que eu fiquei lá. Inclusive, vim pra faculdade como bolinha. (Risada)

**Pesquisador** – Você continuou bolinha, mas, superou do ponto de vista subjetivo para poder terminar o curso.

**Entrevistada** – Sim, sim. Não, não. Isso, eu tinha esse objetivo na minha cabeça. Quando eu fui pra lá, teve várias conversas, inclusive, a minha família falou, foi contra. É... meus irmãos não queriam, meu pai não queria, mas, eu bati o pé e falei que eu queria estudar lá. E, eu coloquei um proposito na minha cabeça que eu iria, e iria terminar. Que a gente tinha vários casos na cidade, em que tinha começado e parado, né, não tinha continuado. Algumas engravidou, outros desistiram, porque realmente é muito difícil. Ser inserido em um ambiente

masculino, é muito custoso, é muito difícil. A gente não... hoje na educação, quem trabalha na educação, não acha difícil você ser inserido porque, na educação tem muita mulher, né, tem mais mulher do que homem, então é fácil. Mas, lá dentro daquele ambiente, não é fácil ser inserido. Você é aceita, eu fui aceita! No final, do segundo ano adiante eu era, eu enturmei, mas, eu virei um homem no meio deles, entendeu? Eu tive que me masculinizar e virar homem no meio deles. Eu terminei a faculdade como se eu fosse homem, eu capinava igual eles, eu carregava saco de arroz igual eles. Porque? Porque eu me masculinizei junto com eles. Eu esqueci que eu era mulher.

**Pesquisador** – Mas, a parte feminina foi é... sei lá, vou perguntar assim, você enquanto mulher, foi cobiçada?

**Entrevistada** – Eu nunca vi (risada), se fui eu não fiquei sabendo (risada), eu acredito que não. Eles me viam mais como um amigo deles, um colega deles, entendeu...eu não sei se é porque eu, me preservei muito esse lado, eu procurei me preservar muito para esse lado, então, assim, é...eu não vi, eu não enxerguei nada disso.

**Pesquisador** – E como você se via?

**Entrevistada** – Como, igual a eles. Como um menino igual eles. Eu me via assim.

**Pesquisador** – Certo. É, durante o curso, como é que foi a relação com os professores?

**Entrevistada** – Uma interação muito boa com os professores. Os professores assim, eles aceitavam bem, inclusive, tinha professoras, ne, e tinha professores. Não tive problema com interação, eu não tenho muita dificuldade com... com convivência. Eu não tenho dificuldade, desde pequena eu sou assim, é, eu tenho meu retraimento, mas, com convivência não tenho muita dificuldade, então eu enturmo bem. Foi aquele choque do início, ne, uns 3 meses mais ou menos, um choque, e depois eu enturmei. Não tive mais problema.

**Pesquisador** – A turma era unida?

**Entrevistada** – Sim, as turmas eram unidas. Primeira serie unida, segunda serie unida, terceira serie unida. Unida, unida, mesmo!

**Pesquisador** –Tá. Vocês ainda têm contato, uns com os outros?

**Entrevistada** – Eles fizeram, até o ano passado tinha um grupo que eu participava, mas, é muito homem para uma mulher só! Aí, eu desisti.

**(Risadas)**

**Entrevistada** – Muito homem para uma mulher só, aí não vai. Aí eu cansei, falei não, eu vou dar um tempo. É, mas, assim tem alguns ainda que a gente ainda tem um contato, de falar um oi no whatsapp, ou no facebook, um curti o status do outro...

**Pesquisador** – Você chegou a namorar lá?

**Entrevistada** – Não, ninguém.

**Pesquisador** – Seu atual esposo, você conheceu em Pires do Rio?

**Entrevistada** – Sim, meu atual esposo foi durante o tempo da faculdade que eu conheci ele.

**Pesquisador** – Ah, tá, na UEG.

**Entrevistada** – Hurum.

**Pesquisador** –Tá. É... no curso técnico o que você considera que foi importante na sua formação?

**Entrevistada** – Eu falo que principalmente, na minha formação, é... como pessoa, sabe. Porque, é ... ali dentro a gente vê gente de tudo quanto é jeito, você convive com índio, você convive com quilombola, você convive com pessoas que moram, é... na África. Eu convivi com pessoas que moravam na África. E aí você vê né, ali você aprende a ver uma nova realidade, que a gente não está acostumado, que se a gente ficar que nem aqui, por exemplo, se eu tivesse ficado aqui estudando em um colégio estadual, eu não teria visto essa realidade, né. Uma realidade que as vezes eu achava que a minha era difícil, a deles é muito mais. É... eu lembro bem duns alunos que oravam em...é... no Norte de Minas, é uma região bem prejudicada pela seca, eu não lembro...é Itacarambi? (pensando), eu não lembro... mas é, Itacarambi tinha de Itacarambi, é... mas, é uma região bem prejudicada, é igual no Vale do Jequitinhonha mesmo, era esses meninos. Eles iam em casa uma vez no ano, só no Natal, no final do ano que a família conseguia juntar dinheiro, porque o prefeito ajudava eles a ir embora pra casa. E eles ficavam, é...o na inteirinho na escola, a vida deles era ficar na escola. Eles moravam em alojamento, eles pagavam a matricula deles lavando bandejão, e assim, a partir disso a gente vê que a realidade da gente era difícil, muito difícil! Mas, a deles era muito pior, né, eu pelo menos tava todos os dias com os meus pais, eu lavei bandejão também, dois anos pagando matricula. Eu trabalhava de bolsista na hora do almoço, porque meu pai era bem carente, a

família bem carente, meu pai aposentado, aposentou muito cedo, e...pra conseguir pagar a minha matrícula, na época era paga, a gente tinha que lavar bandeirão. Lavava bandeirão 6 meses, para pagar a matrícula do ano. Então, assim, foi bom porque eu fiz amizade com o pessoal da cozinha, né, o melhor lugar que tem para você fazer amizade em uma escola é com o pessoal da cozinha, você não passa fome de jeito nenhum. (risadas)

**Pesquisador** – Você tem irmãos Orquídea?

**Entrevistada** – Tenho, tenho mais... tenho 2 irmãos..., nós somos 6, 2 falecidos e 4 (uma irmã mais nova, e 2 irmãos mais velhos), eu sou da safra dos mais novos. Então, eu fui criada pelos meus irmãos como é... cristalzinho. Sabe aqueles cristaizinhos, meu pai, eu sou a primeira mulher da família, então era o cristal, não podia nem cair no chão, então quando eu fui pra lá, para eles foi um choque. Eles não queriam de jeito nenhum.

**(Risadas)**

**Pesquisador** – Seus irmãos quiseram, é... estudaram como você?

**Entrevistada** – Só um que fez, terminou, dois né...a minha irmã, depois que eu fui, também foi pra lá, mas, ela foi fazer curso técnico, mas, foi em...informática. Ela estudou a noite, no curso técnico de informática. É,... quando eu tava saindo, tava abrindo o curso técnico em informática. No ano que eu sai abriu. E... aí ela estudou lá, ela formou lá também. Mas, ela já foi bem mais fácil, já tinha mais mulheres né, estudava a noite, era diferente. É, meus irmãos, um deles fez o curso técnico em contabilidade, mas, não quis prosseguir. Curso superior, da família quem tem sou eu.

**Pesquisador** – Certo. E seu esposo?

**Entrevistada** – Meu esposo tem o ensino médio, só. E os filhos, tem uma que está no segundo ano do ensino médio, e o mais velho está no terceiro período de engenharia elétrica.

**Pesquisador** – Tá. Orquídea, você ressaltou a formação pessoal acima da formação profissional, você consegue explicar porque isso?

**Entrevistada** – A formação pessoal...acima da profissional? Não entendi a pergunta.

**Pesquisador** –Eu te perguntei, é... o que esses três anos do curso, é... como é que foram esses três anos para sua formação. Aí, você ressaltou a formação pessoal.

**Entrevistada** – Ah...tá, entendi. É porque eu acho que ela foi mais importante. Eu aprendi muito no curso, mas, eu não botei em prática, eu não fui trabalhar na área. Na verdade, eu trabalhei na área, cheguei a trabalhar na área por 6 meses, trabalhei com suinocultura, os 6 meses. Mas, eu achei que realmente não era, não...não encaixava, porque é... você trabalha por exemplo em uma granja de que seja, frango, porco, e você vai mandar, né, que no caso a gente tomava conta. E... é muito difícil, o homem é muito difícil de aceitar a mulher, né, comandando. Aí, vira pra gente e fala, é... você não sabe de nada, você ta saindo da escola agora, você é mulher, né. Então, eu achei muito difícil, eu achei que experiencia não valia, sabe. O retorno era muito pequeno para a experiencia, mas, assim o que eu aprendi lá, foi muito válido pra mim. É... até hoje né, eu ainda falo, brinco, as vezes os meninos estão falando, eu vou explicar alguma coisa de história que envolve agricultura, que envolve a pecuária, aí eu adentro mais um pouco... aí eles falam nossa professora, porque que a senhora sabe isso tudo? Eu falo, eu sou técnico agrícola, então eu tenho que aprender um pouquinho disso. Então, a gente acaba usando né, hoje, eu como professora acabo usando esse conhecimento, mas, botar em prática mesmo... eu acho que é por isso que quando você fez a pergunta, eu falei mais da questão pessoal. Acho que por conta disso, por que eu não, não... não exerci a profissão de técnico agrícola. Eu tenho diploma...

**Pesquisador** – É... quando é que nasceu a ideia de fazer história?

**Entrevistada** – A ideia de fazer história sempre esteve na cabeça, ou era veterinária, ou era história. Então era história, a história era segunda opção. Na verdade, a história deveria ter sido a primeira opção...

**Pesquisador** – E você terminou...

**Entrevistada** – Sim.

**Pesquisador** – E você terminou o técnico e já foi logo fazer história, ou demorou um pouco mais? Você falou que trabalhou 6 meses né.

**Entrevistada** – Não, eu sai em dezembro, é ...daaa escola agrícola e em fevereiro eu entrei na faculdade de história.

**Pesquisador** – Entendi.

**Entrevistada** – Eu já sai de um, passei no vestibular e passei pro outro.

**Pesquisador** – É... Orquídea, se fosse permitido, ou se fosse sugerido, ou perguntado pra você, quais seriam as questões que poderiam mudar no curso agrotécnico? O que você indicaria?

**Entrevistada** –Mudar no curso de agrotécnico, em relação a que? Em relação a parte técnica, em relação a parte humana, o que seria?

**Pesquisador** –Você escolhe.

**Entrevistada** – Eu acho que a questão... eu não sei hoje, tem 30, quase 30 anos que eu já formei, ne. Então, hoje eu não sei te dizer como é que ta hoje, mas, na minha época o curso de agropecuária é,... a gente sentia a relação, ne, apesar dos professores tratarem a gente muito bem, existia uma certa convivência né, da escola com relação a por exemplo, ao tratamento. Assim, eu..., é a minha leitura ao tratamento com relação ´por exemplo as meninas, era diferente, entendeu. Eles mesmo tratavam a gente de forma diferente. Dentro da sala de aula, explicando igual você perguntou, tudo normal, mas, de fora a gente sentia um certo é... não digo nem que seja receio, era diferente, o tratamento para conosco era diferente.

**Pesquisador** – Você percebia isso, em relação por exemplo também a homossexuais, negros, etc?

**Entrevistada** – Sim, sim. A questão do... da discriminação de gênero lá era imensa, imensa, imensa...principalmente, eu acho que as mulheres sofriam menos que os homossexuais, ne. Eles eram mais discriminados ainda. Outro pessoal que era muito discriminado era os índios, tanto é, que eles não tinham é...um relacionamento assim, com os outros alunos, eles tinham aquela turminha deles, sabe. Lá tinha muito isso, esse negocio de turma. A turma era unida quando era pra requisitar um direito, uma coisa que eles achavam que estava errada, uma comida ruim no refeitório, então eles se uniam. Pra bater em menino lá no Urutaí, pra subir e bater em um lá no Urutaí, então eles se uniam mesmo. Mas, existiam assim, aquelas panelinhas, ne, por exemplo no caso que você citou, dos homossexuais, então existia aquela turma, ne. E as meninas, as meninas ficaram fechadas por serie, as da terceira serie não se juntavam com as do segundo, e as do segundo não se juntavam com as do primeiro e terceiro, então ficava aquela...tanto existia alojamento de menina, porque mulher é muito pior que homem, homem você toca eles tudo em um alojamento eles ficam, mulher não, vira aquela brigaiada, aquela reclamação. E aí, o que acontecia, os alojamentos tinha que ter um alojamento pro primeiro, pro segundo e pro terceiro ano, de menina.

**Pesquisador** – Mas, só pro curso agrotécnico? Ou para as meninas de todos os cursos?

**Entrevistada** – Não. Só nós que tínhamos alojamento, porque a gente era semi-interno, nós éramos semi-internos, a gente ia de manhã por exemplo fica na uepe, e aí tinha que tomar banho para ir pra sala, porque na uepe, você trabalha, faz manual, né. Então, aí você tinha que tomar banho pra ir pra sala, precisava ir no alojamento, e pra descansar na hora do almoço, né... então aí a gente tinha. Até pra conseguir esse alojamento deu trabalho, eles não tinham uma estrutura, quando eles aceitaram as meninas a escola não tinha uma infraestrutura montada, pra receber essas meninas. Então a gente foi inserida ali, como se a gente fosse homem mesmo. É... não dava pra ficar no alojamento deles, aí arrumava tipo, a capela pra gente ficar, um outro quartinho que tava ali pra ficar, mas, nunca teve assim, um alojamento específico. Enquanto eu estive lá, nós não tivemos um alojamento específico... não isso a gente não tínhamos.

**Pesquisador** – O que você atribui essas intrigas entre as meninas?

**Entrevistada** – Falar a verdade, mulher é muito intrigueira né. Mulher elas caçam encrenca em tudo quanto é lugar. Então, é TPM, é...brigar por causa de um que ta mais bonitinho que ta mexendo com ela, tudo isso tinha. Aí você pode fazer a lista, e a lista vai dar quilômetros, né... (risada) de coisas, porque é...mulher é muito intrigueira. Eu não envolvia muito com briga não. Eu só envolvi em uma briga. É... nós tava no segundo ano, e no segundo você tem que fazer estágio e tinha uma outra menina lá, que ela encrenqueira demais, hoje ela é minha amiga, mas, na época ela era encrenqueira demais, ela estava na terceira série, e eu não sei que lambança que eu casei encrenca come ela, ou ela cassou encrenca comigo, eu ne lembro o que que foi...nós estávamos em Urutaí, quando a gente ficava, tinha que ficar nas férias, a gente ficava em Urutaí, e eu tava na casa de parente em Urutaí, e aí não sei que lambança... quando vai pra Urutaí, vai todo mundo pra praça, lá é o lugar de encontro. E eu fui pra essa praça e levei uns tapa lá, porque mole igual eu, só eu mesma. (Risadas) Depois disso também, não quis mais nem saber de Urutaí, ia pra lá, ficava lá na casa, não ia na praça, não ia em lugar nenhum. Mas, foi só. Mas, a maior parte dessas relas é isso mesmo, é questão de convivência, porque passa muito tempo junto, é 12 horas, ne, que passa ali junto. Então acaba tendo uma convivência muito grande e... não dá muito certo.

**Pesquisador** – Você é... imagina...eu imaginei na verdade que por ter sido um curso para homem as meninas pudessem ser mais unidas...

**Entrevistada** – Não, não é...

**Pesquisador** – E aí o que você está me dizendo é surpresa, né.

**Entrevistada** – Não eram, assim, elas tinham aquela união delas, mas, entre as que eram da mesma série, igual eu, por exemplo tinha, igual no segundo ano era eu, a Adriana e a Cintia, nós éramos unidas, nós três. Mas, né, apesar da Adriana não estudar na mesma sala que nós. Nós éramos bem mais novas, é... ficava na turma do mais novos. Um outro problema que eu acho, porque a mulher ela não... ela não... ela amadurece primeiro que o menino, então, nós éramos muito maduras pra turma que a gente tava. Eles tinham umas brincadeiras, umas gracinhas que era de menino de pré infância. E isso também dava, acarretava o que as brigas né, as desavenças, as relas dentro da sala. Aí...no segundo ano eu pedi pra ser tirada da sala, pedi para passar pra outra, para uma que os meninos eram maiores um pouco. Eu achei que melhorou mais. É... porque os do primeiro que era primeiro A e primeiro B, a gente era 4 turmas, primeiro A e primeiro B eram muito, muito infantis. Eles eram da mesma idade nossa, mas, muito infantis. E os outros eram bem mais velhos, né, a turma C e a turma D eram alunos na faixa de 17, 18 anos. Da turma D, tinham alunos até de 30, 32.

**Pesquisador** – Como é que era essa diferença, numa mesma turma- série, tinha mais de uma turma, é isso?

**Entrevistada** – É... é assim, primeiro ano tinha turma A, turma B, turma C e turma D, todos os três anos tinham 4 turmas, e eram divididos por idade, e eram divididos por idade.

**Pesquisador** – Ah...tá.

**Entrevistada** – Eram divididos, os mais novos ficavam na turma A, aí, um pouco mais velho na turma B, um pouco mais velhos na turma C, e os mais velhos na turma D. A turma D, era os que tinha alunos até de 30, 32 anos. O mais velho era 32.

**Pesquisador** – Hum... ah, isso é novidade eu não sabia. Interessante isso. E... e as turmas, no seu caso no primeiro ano, era você e uma outra garota né?

**Entrevistada** – Isso, eu e a Cintia, em toda... dentre os quatro primeiros anos só tinha nos duas.

**Pesquisador** – A Cintia deve ser mais ou menos da sua idade então.

**Entrevistada** – É, nós estudamos, fizemos o primeiro grau junto, fomos juntas pra lá.

**Pesquisador** –Tá joia. Então Orquídea, é... o que mais assim você gostaria de destacar sobre o curso, sobre a sua experiencia no curso?

**Entrevistada** – Que eu posso destacar que foi, eu acho que foi uma experiencia muito válida, foi um experiencia.... eu falo sempre quando me perguntam, que foi uma experiencia de vida, eu não estudei, eu tive um experiencia de vida. Uma experiencia que eu não ira ter se eu tivesse estudado em qualquer outra escola. É... eu falo que eu aprendi né, eu aprendi muita coisa, eu aprendi muita coisa com relação ao conteúdo, eu sempre fui, não era estudiosa, eu era esforçada. Nunca fui muito inteligente, mas, assim eu era esforçada, e, eu gostava muito do que eu fazia. Eu achei mesmo que eu ia ser uma técnica agrícola. O que me barrou mesmo foi a dificuldade em ser, porque a dificuldade de você exercer a profissão é muito grande. Falar que aprendi menos que os meninos, em hora nenhuma, eu aprendi igual a eles, né. Tanto que eu saia em uma roça de arroz, numa roça de feijão na inchada igualzinho eles, então eu não tinha vergonha de fazer. Saia com a mão cheia de bolha, mas, eu fazia do mesmo jeito. Eu trabalhei, eu fiquei na uepe da, da veterinária lá 2, né, que era a suinocultura, que era a zoo 2, hoje eu nem sei mais se é assim que chama mais, eu fiquei durante 2 anos de estágio, eu fiz o estagio todinho lá porque foi um lugar que eu me identifiquei. É...eu sempre gostei muito, e achei realmente que eu ia trilhar nesse caminho, mas, o que tava escrito pra mim não era isso, né, e a gente faz escolhas na vida, e eu fiz a minha.

**Pesquisador** –Você é religiosa?

**Entrevistada** – Se eu sou religiosa? Ah...sou, sou (pensativa). Sou, mais não sou.

**Pesquisador** – Praticante?

**Entrevistada** –Não, eu não sou praticante. Eu vou na igreja, mas, não sou praticante. Eu sou admiradora do espiritismo, mas, aqui em casa nós temos um problema muito sério viu, um filho que não aceita de jeito nenhum. E a gente as vezes para agradar o filho, a gente segue por outra linha. Mas, eu vou...

**Pesquisador** – Qual linha?

**Entrevistada** – A linha católica, eu vou muito na igreja...ajudo no que eu posso, quando eu posso.

**Pesquisador** – Qual igreja?

**Entrevistada** – Católica.

**Pesquisador** – Católica, tá. Orquídea, você disse que qualquer coisa você chora...

**Entrevistada** – Sim, tudo...

**Pesquisador** – O que é que te lembra choro, no curso?

**Entrevistada** – Saudades dos meus amigos. Quando eu cheguei, quando nós terminamos o curso, um dos que eu mais gostava que ia na minha casa. Porque depois, com a turma da gente, a gente fica amigo, e fica amigo mesmo, eles me defendiam de qualquer coisa que acontecesse, e ele foi, morava em trindade, e ele morreu. Matado na porta de uma casa de show. Foi o primeiro que morreu, depois que a gente formou. Então, o dia que eu fiquei sabendo que ele tinha morrido, foi muito ruim. Então, falar em choro pra mim, é saudade deles. Eu tenho saudade deles. De uns que eu sei que não vou ver mais nunca, nem vou ter notícia.

**Pesquisador** – E choro a respeito de acontecimentos no curso?

**Entrevistada** – De acontecimentos? Os bullyng. É, os trotes, é muito doido, é muito pesado. É uma coisa que te marca pra vida inteira.

**Pesquisador** – ok. Thatiany, quer fazer alguma pergunta que eu não fiz?

**Pesquisadora** – Eu gostaria de perguntar a Orquídea, se ela tem alguma foto, alguma memória...alguma foto que ... da época que...

**Entrevistada** – Thaty, ter eu tenho. Eu só tenho que achar onde tá, eu com um macacão horrrosooo, horroroso, horroroso (risada). Eu só tenho que encontrar onde tá, tenho que ter tempo para poder procurar. Mas, eu tenho.

**Pesquisadora** – Você tem alguma foto da turma toda, e só vocês duas de menina, ou não?

**Entrevistada** – Acredito que deve ter, a gente foi numa viagem em Goiânia, e eu sempre gostei demais de foto, eu tirei bastante foto. A gente ia naquelas viagens pra visitar as exposições agropecuárias, então eu devo ter sim. Pelo menos um álbum de foto eu tenho certeza, se ele não tiver aqui ele está na minha mãe. Mas, eu tenho certeza que tenho. Cabelo ruim do mesmo jeito, a mesma cara de bolacha, do mesmo jeitinho. (risada)

**Pesquisadora** – Ótimo, se você tiver alguma que queira compartilhar coma gente depois aí.

**Entrevistada** – Eu vou procurar, e... se eu não te responder você me cutuca, porque é serviço demais a cabeça ta meia fora de hora... se você não tivesse mandado mensagem eu não tinha lembrado que tinha reunião hoje. (Risada)

**Pesquisador** – O professor falou de choro né, e eu vou complementar a pergunta dele, teve algum momento no curso que você sentiu essa distinção, por exemplo, você foi pra alguma aula pratica, né, e chegou lá, vamos supor que o pessoal colocou vocês meninas para alguma determina atividade e os meninos outra? Teve essa distinção?

**Entrevistada** – Sim, isso sempre teve lá. Porque tinha turma que você era escalado que não aceitava por exemplo a gente capinar com eles, os meninos não aceitavam. Então, tem sim. É... por exemplo esse dia que eu carreguei o saco de arroz mesmo, eu carreguei porque eles me pirraçaram tanto nesse dia, e eu falei pra eles eu quero ver se não dou conta...se vocês dão eu também dou. Ah, esse nois quer ver bolinha, eles faziam de proposito, sabia que eu ia apelar, eu era apelona, ainda sou, né. Então eles faziam de proposito, então eu peguei e carreguei, os 4 sacos os que eram mais velhos da minha turma viram e vieram encima dos que estavam mandando.... o que é isso vai por mulher pra carregar arroz? Não... aí eles tomaram conta e foram fazer. Mas, isso tinha sim. Tinha uns que não importava você podia fazer o serviço junto com eles, mas, tinham outros que não deixava.

**Pesquisador** – Entendi.

**Entrevistada** – Dentro do grupo dos professores não, os professores passavam a tarefa pra todo mundo, pra aquele grupo. Agora como você ia dividir a tarefa ele não queria saber, ele queria a tarefa pronta.

Por fim, os agradecimentos.

**Entrevistada:** Girassol

**Local da Entrevista:** Plataforma do Google Meet

**Presentes:** Wolney Honório Filho (orientador), Thatiany Santos (Pesquisadora), Girassol (Entrevistada).

**Horário da Entrevista:** 19h

**Duração Total dos Áudios:** 43 minutos e 18 segundos.

**Pesquisador** - Ok. Gravando. Então Girassol, meu nome é Wolney, eu sou professor aqui da UFCAT, sou orientador da Thatiany aqui no mestrado em Educação. Prazer em conhece-lá, eu gostaria de perguntar primeiro se você autoriza a gravação desta conversa?

**Entrevistada** - Sim, eu autorizo.

**Pesquisador** - Tá joia. Então para a gente começar esse bate papo eu queria que você se apresentasse primeiro. Falasse seu nome, de onde você é, onde você nasceu, família...essas coisas.

**Entrevistada** - Bom, meu nome é Girassol Stéfany Martins Dias, eu sou de Ipameri Goiás, fui estudante de 2018 a 2020 no curso técnico em agropecuária campus Urutaí, era pra ter formado em 2020 mas, por causa do atraso no calendário acadêmico, devido a pandemia, a gente estudou até dia 28 de março de 2021, mas, conluente no ano de 2020, ano letivo de 2020. E aí, eu coleí grau quinta-feira retrasada dia primeiro de abril. E... bom, eu mais do que ninguém pra falar do curso em agropecuária, primeiramente eu sou apaixonada pelo curso, é, na minha defesa de estagio, a minha orientadora Carolina Osava, ela falou assim, que, eu não tava defendendo o estágio, eu estava mostrando o meu amor pelo curso. (Risadas). E tudo começa assim na família, porque, meus avos são fazendeiros, e eu sempre cresci no meio, então pra mim não foi um tiro no escuro, digamos assim. É, eu tava dando continuidade a área que eu cresci envolvida, então assim, meu avô tirava leite, eu corria com gado de leite... eu acredito que todo mundo que tenha fazenda assim, sempre plantou milho, tem uma hortaliça em casa, aí então pra mim, isso tudo foi muito presente. Quando eu cheguei a uma etapa assim que eu falo que eu virei gente, que eu escolhi as minhas próprias roupas, eu chegava nos lugares com minha mãe assim, eu não queria vestir igual as meninas da cidade, eu queria vestir igual os meus amigos da roça mesmo. Sempre gostei de calça country, bota, fivela, e é o meu jeito de vestir, eu sou assim.

**Pesquisador** - Country girls

**Entrevistada** - É (Risada), haram. Aí, quando eu fui pro IF, foi assim, como se sentir em família, porque a maioria das pessoas se parecia comigo. É, o que as pessoas na língua portuguesa chamam de tribos, eu realmente encontrei a minha. Pra mim era muito natural estudar lá sabe.

**Pesquisador** - Tá, mas, eu quero saber um pouquinho também de você no ensino fundamental. Como é que foi, aliás, você nasceu em Ipameri né?

**Entrevistada** - Sim.

**Pesquisador** - Você tem irmãos?

**Entrevistada** - Tenho.

**Pesquisador** - Quantos?

**Entrevistada** - Eu tenho 4, assim, somos quatro filhas. Tenho 3 irmãs.

**Pesquisador** - Ótimo.

**Entrevistada** - 4 mulheres.

**Pesquisador** - Você estudou em Ipameri o tempo todo?

**Entrevistada** - Até o nono ano que é a oitava série, sim, em Ipameri.

**Pesquisador** - Escola pública?

**Entrevistada** - Sim, escola publica em todas.

**Pesquisador** - E o ensino médio?

**Entrevistada** - Ensino médio, no campus Urutaí, que é o curso integrado ao técnico em agropecuária.

**Pesquisador** - Em relação ao ensino fundamental em Ipameri, o que te traz de lembranças?

**Entrevistada** - O ensino fundamental I, ou II?

**Pesquisador** - Os dois, o que vier na cabeça.

**Entrevistada** - No um eu era muito assim, influente. Do meu primeiro ano da alfabetização até o meu quinto ano, eu era influente, tipo eu era muito ditadora de opinião. Eu falava uma coisa e todo mundo me seguia. (Risadas). Eu sempre muito líder e muito autoritária. Aí, isso é que mais me lembra, hoje eu convivo com a diretora na época que era diretora da minha escola, e ela fala assim que achava muito interessante eu perceber um problema que tinha, e já levava a solução pra ela. Chegava nela e já falava assim, o problema é esse e você tem que resolver assim. E ela achava muito engraçado eu ser muito nova, e fazer isso, porque foi dos meus 6 anos aos 10 anos. E depois no ensino fundamental II, foi quando eu comecei a ter conflito por causa disso, porque eu comecei a conviver com gente que estava com a opinião tão formada quanto eu. Aí eu comecei a conflitar com as pessoas por causa disso. Que aí eu fui descobrir que a minha opinião não era a que prevalecia nas coisas.

**Pesquisador** - Isso aí atrapalhava na escola, ou ajudava na escola, no rendimento com as disciplinas? Com as matérias...

**Entrevistada** - Não, isso me ajudava, porque me tornava competitiva, eu queria ser a melhor.

**Pesquisador** - Haram.

**Entrevistada** - E eu fui rs.

**Pesquisador** - Quais as matérias que você mais gostava?

**Entrevistada** - Assim, no ensino fundamental eu gostava muito de matemática. Eu era muito boa em matemática. Mas, a irmã caçula do meu pai, é professora de letras, então, como eu queria ser melhor em tudo, eu levava o livro de português pra fazenda, que a gente passava final de semana juntas, e ela me ensinava a matéria antes. Então quando eu chegava na escola eu já sabia português. Aí eu gostava dos dois, mas, assim o que eu não me dava muito bem na época era geografia, a que eu não gostava era geografia.

**Pesquisador** - E ciências?

**Entrevistada** - Biologia eu gostava.

**Pesquisador** - Tá, ah... você vai fazer então o ensino médio em Urutaí, como é que foi isso, como é que foi essa escolha?

**Entrevistada** - Quando eu comecei a fazer o ensino fundamental, eu descobri que tinha o curso técnico em agropecuária em Urutaí, por gente que eu conhecia da cidade. Eu descobri que os meninos saia daqui, e ia estudar lá. E que tinha como ir e voltar, porque, como meu pai é pai só de meninas ele é muito ciumento, então eu sei que pra morar fora ele não deixava. E aí, eu descobri que tinha como eu ir estudar e voltar pra casa. E como eu fui uma menina assim, muito tranquila, eu não dava trabalho pros meus pais, e ai eles confiava em mim pra deixar e ir e estudar. Aí eu descobri lá, aí eu quis ir fazer, e aí, meu pai falou assim você vai fazer a prova então, e eu fui. Eu nunca esqueço, a prova foi no dia 08 de dezembro de 2017, e eu fui fazer a prova. E eu passei em segundo lugar na ampla concorrência.

**Pesquisador** - E...você quando fez essa escolha, hoje, o que você é...como é que você explica a escolha por esse curso?

**Entrevistada** - Eu era apaixonada na área, eu cresci na fazenda a vida inteira. Eu sempre tive bezerro, sempre tive vaca, sempre tive cavalo. Então assim, eu achava que eu indo fazer o curso, que... que eu tava realizando minha paixão, porque era o que eu queria trabalhar.

**Pesquisador** - Entendi. Você entra em um ensino lá em Urutaí, e de repente você se depara poucos homens, muitos homens, poucas mulheres, muitas mulheres, como foi aquilo?

**Entrevistada** - Muitos homens, poucas mulheres.

**Pesquisador** - E como é que foi a Orquídea lhe dar com esse tanto de homem?

**Entrevistada** - Como eu disse antes, eu me sentia em casa. Eu sempre tive dificuldade em ter amiga mulher, nunca fui de ter amiga mulher assim. É... um pensamento até assim um pouco retrogrado, a minha mãe achava que eu ia ser sapatão. Porque eu só tinha amigo homem, eu só andava com homem, me vestia igual homem, meus assuntos eram de homem, eu só sabia falar de boi, cavalo...

**Pesquisador** - E o que você achava disso?

**Entrevistada** - Bom demais (risada)

**Pesquisador** - Não, o que você achava da opinião da sua mãe? (risada)

**Entrevistada** - Ah, não, eu falava que eu gostava de menino, que eu não tinha interesse em menina. O que eu não dava conta era a convivência, porque as meninas não eram iguais eu,

as meninas eram da cidade, patricinha, não gostava de vaca, nem de cavalo, e os meninos gostava. Aí, por isso que era amiga de meninos e não de meninas.

**Pesquisador** - Tá. E como é que foi essa relação lá durante o curso, com esses meninos, e essas meninas? Aliás, quantas meninas tinham na sua turma?

**Entrevistada** - Eu não sei ao certo, mas, eu acho que eram 11 meninas e 19 meninos na minha turma.

**Pesquisador** - Certo.

**Entrevistada** - Na primeira sala que eu estudei, porque aí eu comecei a estudar no primeiro ano C do técnico em agropecuária, e aí eu tive um problema com uma menina lá (risada), aí a gente brigou feio e repartiu a sala, um pouco era do meu lado, e um pouco era do lado dela.

**Pesquisador** - Tá, mas...

**Entrevistada** - Aí eu tive que mudar de sala.

**Pesquisador** - Entendi. Mas, em relação aos meninos, houve algum tipo de problema, ou não?

**Entrevistada** - Não, só com menina mesmo.

**Pesquisador** - É? Você mandava nos meninos também? (Risada)

**Entrevistada** - É, o que era ao meu favor, sim. (Risadas)

**Pesquisador** - É... você chegou a estudar com os meninos índios?

**Entrevistada** - Sim.

**Pesquisador** - Nós tivemos uma pesquisa agora que terminou com relatos deles, da Marilene que trabalha lá.

**Entrevistada** - Eu lembro, ela foi na sala ficar acompanhando uns dias lá. Eu lembro.

**Pesquisador** - Poise, e como é que foi o relacionamento com esses meninos que eram diferentes?

**Entrevistada** - Primeiro que pra mim, quando eu cheguei lá no primeiro dia, eles estavam pintados.

**Pesquisador** - Haram.

**Entrevistada** - E aí, eu fiquei assim, cara mais é índio de verdade, era meu sonho conhecer um índio de verdade.

**Pesquisador** - Risada

**Entrevistada** - Aí eu fiquei apaixonada pra mim, é assim, eu nunca imaginei que eu ia conviver com gente de tão longe e que era índio, porque eu achava assim, que nem existia índio mais. É, o que a gente vê na televisão é que eles é muito isolado né da sociedade. E aí, eu comecei a conviver com os meninos, era um dos meus mais amigos assim era os índios.

**Pesquisador** - E, com relação ao curso, com relação aos relacionamentos com os professores, como é que foi?

**Entrevistada** - Bom, assim, o que eu gosto eu gosto. O que eu não gosto eu não gosto nem um pouco. Então os professores que eu gostava muito eu amava, os que eu não gostava eu odiava.

**Pesquisador** - Porque, que não gostava?

**Entrevistada** - Porque tem um tipo de metodologia de ensino que eu não gosto muito, e aí os professores que segui muito essa linha, eu não gostava.

**Pesquisador** - Você pode dizer, qual linha que era?

**Entrevistada** - Os professores que eles ficam em sala de aula, e que eles acham assim, que passar resumo você vai aprender. Aí passa vamos supor, 20 páginas pra você resumir em uma semana. E a gente tinha 19 matérias no primeiro ano, eu estudava todo dia o dia inteiro, eu saía de casa 5 da manhã e chegava 6 e 15 da tarde.

**Pesquisador** - Hurum.

**Entrevistada** - Aí, embora tenha sido uma escolha minha passar por isso, eu achava que tinha outras maneiras de aprender que não fosse ocupando tanto tempo do nosso tempo livre, dedicado a fazer resumo, se com ele explicando pudesse deslanchar muito mais rápido e realizando uma atividade fixaria o conteúdo ao invés de deixar a gente sozinho escrevendo.

**Pesquisador** - Hurum. E chegou a ter conflito por conta disso?

**Entrevistada** - Assim, conflito não, mas, era umas coisas que eu me identificava menos assim, então as vezes eu deixava de fazer, por causa disso.

**Pesquisador** - Tá, isso era com professores homens ou com professoras mulheres?

**Entrevistada** - Professor homem.

**Pesquisador** - Com as mulheres não?

**Entrevistada** - Ah, eu não me recordo de mulher, mas, de homem eu recordo.

**Pesquisador** - Hurum. Tá, você disse que é o seu sonho realizado em ter feito o curso, apesar dos pesares. Apesar dos problemas de fazer o curso.

**Entrevistada** - Haram.

**Pesquisador** - O que que você sonha com a profissão? O que que você sonha em fazer? Agora?

**Entrevistada** - Bom, eu tô esperando o resultado pra faculdade, porque eu não quero ser só técnica. O curso foi de grande importância na minha vida, e eu acho que vai agregar demais no meu curriculum, mas, eu não quero ficar só com o técnico. Eu quero fazer faculdade. Aí, eu to tentando, ou veterinária, ou engenharia agrícola. É as duas áreas assim, que eu mais gosto.

**Pesquisador** - Lá em Urutaí mesmo, ou em outro lugar?

**Entrevistada** - Sim, eu quero no IF também. Eu gosto demais de lá.

**Pesquisador** - Hurum. Tá, houve seleção agora pelo ENEM?

**Entrevistada** - É.

**Pesquisador** - E como é que você foi?

**Entrevistada** - Eu fui bem, humanas eu fui mal, aí deu uma puxada na minha nota, mas, eu fui bem.

**Pesquisador** - Acha que consegue?

**Entrevistada** - Ixi, assim, veterinária, é muito concorrido. E o que eu acho um pouco injusto, é porque a maioria dos alunos que ingressam na veterinária são estudantes de escola particular, que é o que eu acho que sai com muita vantagem na nossa frente.

**Pesquisador** - Mas, o ENEM não tem uma...uma coisa lá de priorizar alunos de escola pública?

**Entrevistada** - Só se você concorrer por cota, na ampla concorrência não. Por conta é duas vagas, é que eu acho injusta. São 40 vagas no total, e tem duas vagas para estudante de escola pública.

**Pesquisador** - Haram. Tá, e no curso que você fez, então, ele é um curso mais voltado, na sua opinião, pro campo animal, ou pra produção agrícola?

**Entrevistada** - Pro campo da produção agrícola, com certeza. As minhas matérias em maior parte, foi sobre produção agrícola.

**Pesquisador** - Isso, veio de encontro ao que você sonhava ou não? Porque você disse no início, que adorava vaca, cavalo...

**Entrevistada** - Veio, haram. Sim, pra mim foi um problema inclusive, porque as matérias sobre agronomia, eu não gostava. Culturas anuais e culturas perenes, eu odiava. E aí, eu fui obrigada a fazer, e é uma coisa que eu não gosto nem um pouco.

**Pesquisador** - Tá, na fazenda dos seus avós, o que que produz?

**Entrevistada** - Hoje é arrendado.

**Pesquisador** - Ah, tá.

**Entrevistada** - Produz soja, mas, quando eu ficava lá, praticamente minha mãe fala que eu morava lá, era leite.

**Pesquisador** - Haram, que era o que você gostava de fazer...

**Entrevistada** - Era. E minha avó tinha criação grande também de frango, ela tinha chocadeira, duas de 280 ovos, então por mês produzia muito frango.

**Pesquisador** - Hurum, tá. Thatiany quer perguntar alguma coisa? Thatiany tá parada.

**Pesquisadora** - Minha internet não está contribuindo muito vocês estão me ouvindo?

**Pesquisador** - Sim.

**Entrevistada** - Sim.

**Pesquisadora** - tá ok. Eu gostaria de perguntar a Girassol se teve algum momento no curso Girassol, que você foi fazer alguma atividade prática, lá no campo, e que teve uma distinção entre homem e mulher, por exemplo, vamos supor que o professor separou vocês mulheres para fazer uma determinada atividade que era relacionada ao feminino e outra pro público masculino, ou não tinha nenhuma distinção com relação as aulas práticas, e durante as aulas na sala de aula como que era?

**Entrevistada** - Bom, a matéria do meu primeiro ano de olericultura, é, sobre hortaliça, cultivo de hortaliça, olericultura. Aí, foi no meu primeiro ano, era uma questão que assim, não que a professora chegasse a separar, até porque ela é mulher, é a Kerly. Mas, a atividade que ela propunha, ela mesma não fazia, que geralmente a gente tinha que fazer canteiro, com inchada e carpir, é, capinar o canteiro porque tinha muito mato, e aí querendo ou não, os meninos tinham uma certa vantagem nisso. Sempre que dava inchadas, nunca teve suficiente para todos os alunos, e aí, sempre os meninos pegava primeiro. E, quando tinha alguma atividade de cortar cana por exemplo, sempre dava a faca para os meninos.

**Pesquisador** - E isso dava conflito, ou não?

**Entrevistada** - Não, a gente não caçava muita encrenca por isso, mas, eu particularmente, sempre tive canivete, então eu me virava, eu não dependia muito das coisas da escola.

**Pesquisador** - Tá, é...a Thatiany fez uma pergunta que me chamou atenção pra uma coisa, é, quando você exemplifica o fato de que não tinha por exemplo inchada pra todo mundo, facão pra todo mundo, e que, ao distribuir essas ferramentas, os meninos corriam na frente, era só os meninos... é a pergunta é meio dupla, os meninos corriam na frente ganhavam na corrida, ou também os professores facilitavam?

**Entrevistada** - Assim, acho que como todo mundo tem muito interesse pela prática, quem tem mais interesse vai na frente. Os meninos, sempre manifestavam mais do que a maior parte das meninas.

**Pesquisador** - Hurum.

**Entrevistada** - Tinham algumas meninas no curso que, elas mesmas diziam que tava ali pra fazer, porque não era por gosto. Tava ali só porque queria fazer, não porque gostava.

Então muitas meninas não queriam participar das aulas práticas, ficava pra lá mexendo no celular. E os meninos saíam na frente pra pegar, e pegava. Mas, os professores também, no caso da Kerly, tinham uma certa preferência por dar pros meninos porque eram mais ágeis para capinar, geralmente são meninos que tinham costume com a ferramenta, e eles, é, realizavam mais rápido, porque embora eu fizesse, e eu dava conta de fazer, eu tinha menos força, então, eu cansava mais rápido. E os meninos não, eles tinham mais resistência para continuar fazendo, fazia mais e fazia mais rápido.

**Pesquisador** - Alguém saiu empregado do curso?

**Entrevistada** - Olha, eu não sei te dizer porque formou muito pouco.

**Pesquisador** - Ah, é?

**Entrevistada** - Esse ano formou muito pouco. O índice de desistência da nossa turma, que não formou porque desistiu, que não formou porque não defendeu o estágio e que não formou porque trancou a matrícula, foi muito grande. A gente era 30 alunos, eu acho que não formou nem 12, da nossa sala.

**Pesquisador** - E devido a pandemia?

**Entrevistada** - Devido a pandemia (afirmou)

**Pesquisador** - Thatiany?

**Pesquisadora** - Girassol, você falou aí que você fez estágio né. Geralmente no final do curso, no final não né, no último ano, geralmente vocês fazem o estágio, e depois escreve o relatório de estágio, defende ele né e tudo... é, como que foi pra você o estágio, é...algun professor te direcionou, por exemplo, ah Girassol eu acho bom você fazer isso, ou você mesmo que tomou iniciativa. Onde que foi o seu estágio, foi lá no IF mesmo, ou você foi pra alguma propriedade particular, ou foi na cidade em lojas de agropecuária, como que foi?

**Entrevistada** - Bom, a escolha do nosso estagio, eu acho que não é muito influenciado por nenhum professor, nenhum professor te convida pra fazer, nenhum professor te oferece, nenhum professor fala que você tem que fazer na área, é meio que uma escolha independente. Você, escolhe o que quer fazer, e eu acredito que tem aqueles alunos que não tem escolha, que tem que fazer o que consegue. E, no meu caso, quando eu fui estagiar, eu procurei estágio, aqui na cidade pra acompanhar um veterinário, porque foi a área que eu quis fazer, porque até então é o curso que eu pretendia cursar, depois, veterinária, e era a área que eu queria estagiar. Dai,

o meu pai foi comigo nas lojas agropecuárias, é, atrás do veterinário responsável pela loja, que pudesse deixar eu acompanhar e me ensinasse as coisas pra eu estagiar, né, pra eu defender depois. Escrever e defender. E aí primeiro que a procura aqui na cidade estava muito alta, porque a gente tinha muitos alunos em Urutaí, e aí, foi difícil conseguir. Quando eu consegui um estágio, foi com uma veterinária na área de grandes portes também, e, ela chamava Lael. Aí eu comecei a ir com ela, e aí eu não sei o que aconteceu, que eu fui os dias, eu ia com ela, acompanhava ela, e aí um dia ela me deixou aqui na porta de casa, e tava bem tarde da noite, e aí ela falou assim, amanhã de manhã não tem nada pra fazer, o dia que for ter eu te aviso, e a gente combina pra você ir. E ela nunca mais me avisou. E aí acabou as férias, e eu voltei a estudar. Era as férias do começo do ano. E aí, eu voltei a estudar e estudei mais um período foi o segundo ano até o meio do ano. Quando foi no meio do ano, eu conheci um veterinário porque meu cavalo teve problema aqui na cidade, e eu chamei ele, e eu achei ele muito bom. E aí, eu pedi pra ele, me dá um estágio, deixa eu ir estagiar com você, eu vou te ajudar e tals... e ele falou assim, vamos, eu preciso de ajuda mesmo, e era homem. Aí, eu fui. E ele me deu estágio, no meu estágio foi a melhor experiência pra mim, porque ele me ensinava as coisas tudo, e ele me mostrava fazendo um monte de vezes, e depois me deixava fazer. Eu realmente tudo que eu aprendi no meu estágio, eu aprendi mesmo, porque ele me deixou fazer, ele me deu essa oportunidade. Foi muito bom estagiar com ele. E aí, quando foi... entrou na pandemia, eu tava sem fazer nada, aí eu fui atrás de um segundo estágio. Aí foi quando eu procurei o Cleber da Emater, que ele é coordenador regional da Emater de Goiás, e a sede é aqui em Ipameri. E era época de política, e ele tava na política, e ele teve aqui e casa. E como ele é agrimensor, ele já tinha feito trabalho pro meu avô, e era tecnicamente um amigo próximo do meu avô, eu pedi estagio pra ele. Aí, ele falou assim, vai na Emater tal dia que nós vamos conversar. Eu chegue na Emater, pedi pra falar com ele, e nós entramos pra falar, e aí, ele pegou e começou me perguntar o que que eu já tinha visto, aí eu falei pra ele que pra Emater eu seria útil na área do gado, sobre legislação de vacinação, né, que isso a Emater regulariza. Quando dá na época da vacinação obrigatória, que é febre aftosa e raiva, o produtor que tem registro na Emater, ele tem que apresentar a nota fiscal da vacina comprada pra quantidade de animal que ele tem, é obrigatório, se não ele paga multa. A agrodefesa vai encima dele por causa se ele não vacinar, que apresenta um risco, né.

**Pesquisador - Hurum.**

**Entrevistada -** E aí, eu pedi o estágio pra ele, a gente conversou sobre as matérias em comum que daria certo pra Emater, ele simplesmente virou pra mim e falou assim, olha se você

arrumar mais uma colega ou um colega pra fazer estágio com você, eu te dou o estágio. Pra você sozinha, eu não posso te dar estágio, porque eu sou evangélico e eu sou casado, e pra minha esposa e pra minha igreja não cai bem eu andar com você para as fazendas sozinha. Eu falei, então o meu estágio depende se tiver mais uma pessoa conosco? Você não pode me levar pro estágio, porque eu sou mulher? E aí, ele falou, é porque eu sou homem e eu sou evangélico, a minha religião pega mal pra mim, se eu levar só você. O que que as pessoas da cidade vão começar a falar, se eu andar com você pra baixo e pra cima nas fazendas? A sociedade põe maldade nas coisas. E aí, resumindo eu não tive meu estágio na Emater. Eu defendi o meu estágio com o veterinário Danilo, que inclusive era casado, era católico, tinha filhos, e a mulher dele não tinha nenhum problema com as estagiárias dele e foi o que eu defendi.

- Risadas.

**Pesquisador** - Bom, é uma forma da gente ver que quando a mulher está em lugares que geralmente é do homem, tem problema, né. O que é... como que você é...compara a sua perspectiva do curso, quando você entrou com a sua perspectiva do curso agora que você terminou? Há diferença, há aproximações, como que você avalia hoje, o que você pensava em 2017 né, 18. E o que você pensa hoje depois de ter cursado o agrotécnico?

**Entrevistada** - Eu entrei achando que seria fácil, e ainda mais que na palestra de recepção que a gente tem no IF, o coordenador do curso fala que lá é uma escola profissionalizante e as chances de você sair de lá empregado é muito grande. E eu acha então, que assim, vou fazer o técnico se não der certo na faculdade eu vou sair daqui empregada, eu vou seguir minha vida de técnica. E eu descobri, que quem sai de lá empregado e homem, técnico homem, não é técnica mulher. Eu descobri que eu não podia fazer os cursos é, da escola porque eu era menor de 18, porque eu entrei lá com 16 anos. Eu descobri que, a maioria das mulheres não formam porque não consegue estágio por ser mulher. Eu descobri que as vagas de emprego ali oh, adubos Araguaia aí de Catalão, postou uma vaga de emprego, os nossos professores compartilharam com a gente. Requisitos, homem formado no curso técnico em agropecuária campus Urutaí, CNH A e B, categoria, e que tenha disponibilidade de morar em Catalão. Então eu dei muito de cara com isso, que é um curso extremamente machista, ele é um curso feito pra homem. E o que eu reparei que aconteceu demais, é que as meninas por ta mais inseridas nesse meio, eu não sei se virou modinha, eu não sei o que que aconteceu, mas, a quantidade de alunas que tem n curso técnico em agropecuária que entraram no ano de 2020, eu fiquei chocada. Tem mulher demais entrando no meio, demais.

**Pesquisador** - Porque você acha?

**Entrevistada** - Eu acho que virou uma área, que ta chamando atenção. É um mercado muito abrangente que dá muito dinheiro, o agro em si. E as meninas pensam que entrando no curso, entrando no meio, vai ser uma área boa de trabalhar.

**Pesquisador** - Hurum.

**Entrevistada** - E eu acredito que todo mundo entra com a mesma cabeça que eu também, que é um mercado que você vai sair empregado, porque tem muito serviço.

**Pesquisador** - Hurum.

**Entrevistada** - Tem muito serviço pra quem quer trabalhar, mas, tem muito serviço pra homem também. Não é pra mulher.

**Pesquisador** - Entendi. Thatiany...

**Pesquisadora**- Girassol, você acha que,...assim, eu não sei se você procurou, mas, caso procure, você acha que você consegue emprego fácil assim, na sua área de técnico em agropecuária? Vamos supor que não dê certo o curso de veterinária, mas, vai dar certo se Deus quiser. É... mas, caso não dê certo se você for procurar um emprego na área, você acha que você acharia um emprego fácil? Como que você acha que vai ser?

**Entrevistada** - Como eu disse, é uma área extremamente sexista, é uma área que todo mundo dá preferência pra homem. Eu acredito se chegar um técnico e uma técnica, que tiverem a mesma,...vamos supor se fizerem uma prova e tiverem a mesma pontuação, eles vão dar preferência pra um homem. Porque pra trabalhar no meio, todo mundo acredita que um homem é fácil, porque hoje eu já tenho 18 e eu to tirando a carteira, se eu for pra uma fazenda e chegar em um lugar que só tiver peão, eu acredito que eles pensam assim, que vai ter problema, que eu vou me sentir desconfortável, que ninguém vai me respeitar, ou se for em uma área como adubos Araguaia de vender adubo, que ninguém vai querer comprar de mim porque eu sou mulher... com que credibilidade que eu vou ta falando sobre uma área do agro, que é uma área de homem, “digamos assim”. E aí, o que eu percebi, polos agrícolas como Cristalina, Jataí, Rio Verde, tem uma abrangência para técnicas maior. Aqui em Goiás eu digo, porque fora de Goiás tem mais também. A Bahia contrata muita mulher. E, agora cidade pequena é muito difícil, as pessoas ainda não acreditam na credibilidade da mulher no agro. Aqui na cidade, tem uma veterinária, e muitos veterinários. Só tem uma mulher aqui, em Ipameri. E aí, eu penso por esse lado que pra fora eu conseguiria uma oportunidade melhor, mas, se eu ficar num lugar só, não.

**Pesquisador** – , se você tivesse os conhecimentos que você tem hoje em 2018, você faria o mesmo curso?

**Entrevistada** - Faria.

(Risadas)

**Pesquisador** - Guerreira!

**Entrevistada** - Eu gosto é do desafio.

(Risadas)

**Pesquisador** - Tá certo. Quando é que a gente fica sabendo do resultado da veterinária?

**Entrevistada** - Eu não sei, não falaram o dia ainda.

**Pesquisador** - Mas, já foi o SISU já ué.

**Entrevistada** - É tem, encerra as inscrições dia 14, aí eu acho que dia 17 que sai o resultado ou é na segunda-feira. Não sei, porque prorrogou as inscrições, aí prorrogou a data do resultado.

**Pesquisador** - Sim, mas, você s inscreveu lá na veterinária no IF.

**Entrevistada** - Pra veterinária eu me inscrevi no IF.

**Pesquisador** - Tá.

**Entrevistada** - No SISU no primeiro momento eu joguei pra veterinária, mas, pra duas vagas eu tava em décimo nono lugar.

**Risadas**

**Entrevistada** - Eu to chocada com isso, não tem condição um trem desse.

**Pesquisador** - Mas, se não der continua estudando.

**Entrevistada** - Ah, eu to pensando que não. Eu acho que eu vou jogar pra engenharia agrícola que ta mais fácil de passar e vou fazer, e vou trabalhar, eu quero muito trabalhar, eu gosto da área. Então eu acho que se eu for veterinária ou engenheira agrícola u vou ser muito boa nos dois.

**Pesquisadora** - Mais alguma questão professor Wolney? Parece que ele travou. Travou pra você Girassol?

**Entrevistada** – Travou

**Pesquisadora** - Eu vou te fazer mais uma pergunta, na verdade nem é pergunta porque a gente está conversando né... O que que você acha, se você entrar no curso de veterinária, é um curso que a gente vê assim, que é um curso voltado para um público masculino também né, em sua maioria, não que não tenha né, a gente tem muitas veterinárias muito boas como a Carol por exemplo, é um exemplo aí que a gente conhece. Mas, o que que você acha, que no curso de veterinária... hoje em dia não né, porque hoje em dia, a mulher está inserida em todos os lugares que ela... como se diz, é igual você falou né, a sua posição, a sua imposição, o jeito que você chega nos lugares também mostra sua força né, e mostra o quanto você se impõe. Mas, você acha que você chegar no curso de veterinária lá no curso de veterinária tem as mesmas questões, os mesmos problemas...quando você formar no curso de veterinária vai ter os mesmos problemas que a mulher enfrenta em um curso técnico em agropecuária, como que é?

**Entrevistada** - Sim, eu acho que na área do agro, é, tudo é muito sexista, não importa a área, sendo no agro vai ser muito sexista, só porque como a gente vê no IF, tá acontecendo no mundo também, as mulheres estão ocupando espaço, as mulheres estão ganhando lugar, as mulheres estão provando que podem ser tão boas, e tão melhores que os homens. E eu acho assim, que não tem que ter só mulher nas profissões, mas, que as mulheres tem que ser tanto quanto os homens. E...eu acredito que numa escolha, deve capacitar, deve escolher, oportunizar, quem é o melhor e não quem é homem ou quem é mulher. Tanto pra veterinária, o que eu insisto e tanto no técnico em agropecuária, eu acho que se você é bom em uma coisa você sempre vai ter lugar. E pra tudo que eu estudei, eu estudei pra ser boa. E se eu for boa, e eu não for fazer faculdade agora, ou mesmo se eu for fazer, for trabalhar como técnica, se eu chegar em um lugar e conversar, e mostrar que eu sou capaz de realizar o serviço que é a exigência do lugar, que eu sou capaz de realizar, eles vão me dar emprego, porque eu mostro credibilidade nas coisas que eu falo. Eu digo que uma coisa é essa coisa, e eu provo que ela é. E acho que todo profissional que é bom, ele faz assim. Então eu acredito que embora, seja uma área voltada pros homens, se eu chegar em um lugar e eu for melhor que um homem, eles vão me dar emprego. Tanto se eu for veterinária, se eu for engenheira ou se eu for técnica.

Por fim, os agradecimentos.